

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**LÓGICAS DE ENGAJAMENTO DE PRODUTORES FAMILIARES EM  
PROPOSTAS DE DESENVOLVIMENTO: A IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA  
SOCIAL AGROPECUÁRIO EM  
PAMPA DE ACHALA, CÓRDOBA - AR**

**Silvia Laura Ryan**

**Porto Alegre  
2003**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**LÓGICAS DE ENGAJAMENTO DE PRODUTORES FAMILIARES EM  
PROPOSTAS DE DESENVOLVIMENTO: A IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA  
SOCIAL AGROPECUÁRIO EM  
PAMPA DE ACHALA, CÓRDOBA - AR**

**Silvia Laura Ryan**

**Orientador Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Rural - Área de Concentração em Agricultura, Meio Ambiente e Sociedade.

Série PGDR - Dissertação n.º 029  
Porto Alegre  
2003

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

A Banca Examinadora abaixo relacionada aprovou, no *dia 29 de agosto de 2003*, a Dissertação de *Silvia Laura Ryan* com o título *Lógicas de Engajamento de Produtores Familiares em Propostas de Desenvolvimento: a implementação do Programa Social Agropecuário em Pampa de Achala, Córdoba - AR* como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Rural - Área de Concentração em Agricultura, Meio Ambiente e Sociedade

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos (Orientador-Presidente, PGDR/Departamento de Sociologia/UFRGS)

Prof. Dr. Enno Dagoberto Liedke Filho (Departamento de Sociologia/UFRGS)

Prof. Dr. Marcelo Kunrath da Silva (PGDR/Departamento de Sociologia/UFRGS)

Prof. Dr. Sergio Schneider (PGDR/Departamento de Sociologia/UFRGS)

*Dedico esta obra al misterioso mundo rural, del cual me encanté desde mi niñez y a la universidad pública en la cual rememoro los sueños de derecho y de justicia.*

## **AGRADECIMENTOS**

Finales de agosto del 2003,

decidí no traducir los agradecimientos, para que mantuvieran la emoción, y no tener que volver con “la cabeza” sobre ellos.

Hubo confabulaciones no casuales para que esta maestría fuera posible, se alinearon en este camino los seres queridos, los nuevos seres queridos, las casas, las llamadas, los computadores, las mudanzas, las fechas, las discusiones teóricas, los espacios de diversión, los esfuerzos, los consuelos y los placeres. Todos ellos con una intensidad y un colorido, que hoy al momento de agradecer me dejan emocionalmente desprovista de palabras. No pasé rápidamente por la maestría, sino que caminé profundamente cada día.

Si pudiera rebobinar la cinta comenzaría por un lunes 12 de marzo a la una y media de la tarde con mucho calor, buscando el IEPE. Entrar a la sala, hoy lugar de secretariado, a presentarme y conocer la tercer turma de la maestría del PGDR, del año 2001. Esta maestría la viví en dos etapas, la primera implicó el cursado de diferentes disciplinas para la obtención de los créditos. Este momento, fue de gran crecimiento, por un lado por los aportes teóricos, por el otro como revisión de mi propia práctica docente. También significó, mi vuelta al compañerito de clase, al recreo, al intercambio de apuntes, a las dicas inolvidables de haber encontrado la explicación teórica de la realidad que construimos y que deseamos construir.

La segunda etapa tuvo dos partes. La primera fue el trabajo de campo, llevado a cabo gracias a la colaboración de colegas y técnicos. Así pude entrar en esa pampa de altura inmensamente amplia, desolada y a su vez misteriosa y escondida en sus quebradas, en sus piedras y en las antiguas estrategias de las personas que siguen caminando estos senderos. La segunda parte, ya de reflexión, análisis y elaboración de tesis, la cual se dice solitaria, fue la de mayor desafío, sintiendo la necesidad de desarrollar la guerrera que me ayudara con mis precariedades y mis desconcentraciones y disfrutara de los raptos de creatividad y del paciente

trabajo de cada párrafo. En esta etapa en particular, agradezco el apoyo comprensivo, dedicado y paciente de Cindia y de Carlos, así como el acompañamiento de la orientación de José Carlos.

Agradezco a los colegas, a los amigos descubiertos en estos años, a los profesores de la institución y a los funcionarios, por su apoyo, y por lo compartido. Si bien sin colocar los nombres cada uno que lea, sabrá que me estoy dirigiendo a él y tendrá la certeza de que sostendré su mirada y su abrazo en mi recuerdo.

Le agradezco a los productores de la región de Chancaní en el semiárido cordobés, con quienes trabajé durante nueve años y a los productores de la Pampa de Achala que colaboraron en este estudio. Con ellos compartí mi barullo interno, mis culpas sociales y desmitifiqué la definición construida sobre desarrollo, calidad de vida y pobreza.

Le agradezco a mis compañeros de trabajo por su apoyo desde la distancia y a mis seres queridos por ayudarme a cuidar amorosamente de las alas que me permiten volar por entre mis deseados sueños.

Finalizar esta formación implica a su vez, irme de Brasil, volver a Argentina, lo cual trae a mi memoria que hace casi 25 años, me despedí de una amiga a la que hasta hoy no volví a reencontrar. En ese momento no sabía que las ausencias podían ser tan largas y que nada vuelve, en el transcurso aprendí que somos, todos esos seres que amamos.

Al despedirse ella me dijo “hay personas que se conocen para siempre”, hoy sigo confiando y evocando esa frase cada vez que el corazón se me aprieta en una despedida.

## SUMÁRIO

### AGRADECIMENTOS

### RESUMO

### ABSTRACT

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....</b>	<b>18</b>
1.1 A emergência dos bons pobres: a disciplina subjacente à implementação do PSA.....	21
1.2 Lógicas de Engajamento e Retribuição: as disposições dos produtores familiares.....	24
1.3 Aspectos Metodológicos .....	29
<b>2 POBREZA E DESENVOLVIMENTO NA REGIÃO DE PAMPA DE ACHALA: A IMPLEMENTAÇÃO DO PSA.....</b>	<b>32</b>
2.1 A “Zona Marginalizada” onde moram os produtores: o olhar <i>foraneo</i> .....	36
2.2 A institucionalização da pobreza e do desenvolvimento .....	40
2.3 O relato dos produtores de sua condição de pobres.....	44
<b>3 LÓGICAS DE ENGAJAMENTO DOS PRODUTORES DO GRUPO CERRO HERMOSO .....</b>	<b>57</b>
3.1 O Grupo Cerro Hermoso.....	57
3.2 A escuta da história e as próprias razões .....	59
3.3 Os produtores de Cerro Hermoso e a proposta de desenvolvimento .....	68
3.3.1 Buscando serem traduzidos: os produtores do grupo e a mediação .....	69
3.3.2 Como ser estrategicamente políticos: os produtores e a organização .....	72
3.3.3 O esforço para serem produtores viáveis.....	76
3.4 Entrando na lógica apropriacionista .....	80
<b>4 LÓGICAS DE ENGAJAMENTO DOS PRODUTORES DO GRUPO POTRERO DE GERO .....</b>	<b>83</b>
4.1 O grupo Potrero de Gero.....	83
4.2 Um pouco de história e razões necessárias.....	85
4.3 Os produtores de Potrero de Gero e a proposta de desenvolvimento.....	91
4.3.1 - Como deixar-se assistir: os produtores do grupo e a mediação .....	93
4.3.2 O peso da história: os produtores e a organização.....	95
4.3.3 O esforço de resistir a partir das conquistas .....	98
4.4 Recriando uma lógica conveniente: o assistencialismo .....	100
<b>5 AS LÓGICAS EM COMPARAÇÃO: A COMUNIDADE DE SAN MATEO E OS PROCESSOS DE MEDIAÇÃO .....</b>	<b>103</b>
5.1 Os produtores familiares de San Mateo: com todo o passado em um presente sem futuro .....	105
5.2 Os Processos de Mediação .....	111

<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>132-6</b>

#### **LISTA FIGURAS E QUADROS**

<b>Figura 1.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 2.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 3.....</b>	<b>32</b>
<b>Quadro 1.....</b>	<b>59</b>
<b>Quadro 2.....</b>	<b>84</b>



## RESUMO

**Nesta dissertação, analiso as diferentes formas de engajamento dos produtores familiares às propostas de desenvolvimento apresentadas pelo Programa Social Agropecuário, na região de Pampa de Achala, na Província de Córdoba, na Argentina. Os diferentes graus de adesão dos produtores estão relacionados as heterogeneidades na estrutura e volume de capitais carregados por esses agentes, suas diferentes trajetórias e expectativas de retribuição com relação ao projeto. O desajuste entre as expectativas dos produtores e as realizações efetivas dos projetos gera conflitos e resistência aos processos de normalização provocados pelo processo de imposição desses programas de desenvolvimento. Identifiquei três lógicas de engajamento diferenciadas. Na primeira que denominei apropriacionista, ocorre um envolvimento intenso dos produtores a essas propostas apresentadas e a resistência se dá na forma de disputa com os técnicos pelo controle do processo de implementação do Programa. A segunda inserção dos produtores se dá em uma lógica de engajamento assistencialista e a resistência se apresenta como atomização das formas de participação. O terceiro caso paradigmático consiste no de uma comunidade que não adere ao Programa. A construção dessas lógicas de adesão permitem explicar a complexidade da implementação de programas desse tipo e as relações de poder subjacentes. Constatei que no espaço de possibilidades que se abrem para as comunidades rurais empobrecidas na Argentina consolidam-se novos processos de dominação, como passagem de uma pobreza integrada a um processo de pobreza dependente, de políticas públicas especiais.**

## **ABSTRACT**

**In this dissertation, I analyzed the different forms of involvement of home producers to development proposals implemented by the Farm Social Program, in the region of “Pampa de Achala”, in Cordoba Province, in Argentina. The different degrees of adhesion of these producers are related to the heterogeneity in the structure and to the capital volume accumulated by them, its different paths and expectations of benefits in relation to the project. The mismatch between producer’s expectations and the actual benefits of the projects, results in conflicts and resistances to normalization processes caused by the forced philosophy of those programs of development. I identified three different involvement logistics. In the first logistic which I called “apropiacionista”, I detected an intense involvement of the producers to those proposals and the resistance is given in the form of dispute with technicians for the control of the implementation processes of the program. The second insertion of the producers is given by a logistic of assistant involvement and its resistance is expressed as atomization in the forms of participation. The third paradigmatic case consists of a community that does not get involved to the programs. The construction of these logistics of involvement allows to explain the complexity of the implementation of programs of this type and the relationships of the commending power and the producer. I conclude that in this area of opportunities opened to the rural impoverished communities of Argentina, new processes of domination are consolidated, as pathway of integrated poverty to a process of poverty dependent of special public policies.**

## INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho de dissertação relaciona-se às diferentes formas de adesão por parte de produtores familiares aos projetos de desenvolvimento implementados em áreas rurais consideradas empobrecidas. Especificamente, neste estudo analiso este processo na implementação do Programa Social Agropecuário (PSA), na região de Pampa de Achala, na Província de Córdoba, na Argentina.

Durante a década de 1990, no contexto do neoliberalismo, novas perspectivas desenvolvimentistas com relação ao rural passaram a ser debatidas e aplicadas aos países considerados em desenvolvimento. Anteriormente concentradas em uma preocupação estritamente produtivista, até então hegemônica, a partir dos anos 1990 as novas perspectivas começaram a colocar em questão a problemática social referente às zonas marginalizadas e aos agentes empobrecidos. Isto foi contemplado pelo Estado Argentino através de políticas públicas orientadas aos setores rurais marginalizados, como o Programa Social Agropecuário.

O PSA, que tem como principal objetivo promover o desenvolvimento de áreas rurais empobrecidas atinge, até o momento, na região de Pampa de Achala, às comunidades de Cerro Hermoso e Potrero de Gero. Sua implementação foi iniciada neste local em 1997. As principais propostas que os agentes envolvidos na implementação estão tentando desenvolver na região consistem na organização dos produtores em grupos e na concessão de linhas de créditos para determinados investimentos.

Concentro este estudo em entender os graus de adesão dos produtores dessas comunidades contempladas por esse Programa, evidenciando os processos de dominação e resistência. Meu principal objetivo consiste em analisar as lógicas de engajamento pelas quais os agentes criam expectativas com relação ao Programa e assumem posturas diferenciadas. Assim, busco relacionar o caráter universalista da proposta com as dinâmicas localizadas que esta assume na sua implementação, a partir da interação entre diferentes agentes sociais.

Além das comunidades de Cerro Hermoso e Potrero de Gero, engajadas no Programa, trago para a análise uma terceira comunidade da mesma região que não foi contemplada, a de San Mateo. Com isso, tenho o objetivo de contrastar as lógicas dos grupos que aderem ao PSA com as concepções dos produtores pertencentes a essa terceira comunidade, a qual se configura como uma possibilidade que aporta aspectos complementares para pensar a adesão aos projetos de desenvolvimento. Relacionando estes três casos, procuro explorar os efeitos dos processos intervencionistas em cada uma delas.

A problematização desses aspectos citados anteriormente, como a questão do “desenvolvimento”, da “pobreza” e as formas de adesão dos produtores rurais às propostas nortearam a construção do meu objeto de pesquisa.

### **Entre meu idealismo e minha estratégia**

A construção do objeto de estudo foi acontecendo dentro das possibilidades de minha trajetória. Minha trajetória profissional iniciou com a graduação em engenharia agrônoma, em 1986, na Faculdade de Ciências Agropecuárias (FCA), na Universidade Nacional de Córdoba (UNC). Na busca por me inserir laboralmente, comecei a realizar trabalhos de investigação em fruticultura; no entanto, no mesmo ano decidi retomar os primeiros impulsos que me haviam levado à eleição de minha profissão, que eram os aspectos sociais relacionados à área agrônoma. Em um momento da vida nacional argentina em que ocorria a reabertura política, e as temáticas mais democráticas eram discutidas, convidaram-me para trabalhar na Secretaria de Extensão Universitária da UNC, no “Programa de apoyo a la pequeña y mediana empresa y al sector público”. Com a reformulação do plano de estudos da Faculdade de Ciências Agropecuárias da Universidade Nacional de Córdoba, reincorporaram no currículo a disciplina de Extensão Rural, a qual passei a me dedicar desde o ano de 1988, desenvolvendo tarefas de investigação, docência e extensão.

Neste sentido, tenho participado de investigações no âmbito rural, estudos integrais, diagnósticos, caracterização de projetos de desenvolvimento rural, capacitação de produtores camponeses, assim como de avaliações de metodologias de extensão rural. Com relação às tarefas de extensão, desenvolvi projetos de desenvolvimento rural financiados por diferentes organismos, concentrando-me em tarefas de organização e coordenação de diagnósticos, de capacitação

escolar e comunitária e em propostas interinstitucionais, sempre em regiões empobrecidas do noroeste da Província de Córdoba.

Considerando a possibilidade de seguir uma linha de formação que me proporcionasse novos marcos teóricos para pensar os aspectos sociais, decidi realizar esta Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, com um enfoque multidisciplinar. Neste curso tive a oportunidade de avançar em conteúdos de disciplinas como a sociologia e a antropologia que permitiram ampliar minha percepção sobre a realidade social.

Esta incursão pelos novos marcos teóricos na construção do objeto de estudo implicou um caminho que comecei a percorrer aos poucos. Foi necessário interrogar a minha própria forma de construir a realidade, para assumi-la, revisá-la e apostar em algumas mudanças, gerenciando a concretização destas. No decorrer deste caminho, foi preciso desconstruir antigos pontos de vista, que já não me conformavam para explicar a realidade, e desnaturalizar minhas próprias perguntas de pesquisa. Nesse sentido, procurei assumir a perspectiva teórica desenvolvida por Bourdieu que considera que para “não ser objecto dos problemas que se tomam para objecto, é preciso fazer a história social da *emergência* desses problemas [...], do trabalho coletivo [...] necessário para dar a conhecer e fazer reconhecer estes problemas como *problemas legítimos*” (BOURDIEU, 2000, p. 37).

As mudanças qualitativas e profundas exigidas pelas minhas escolhas, como o questionamento dos “problemas legítimos”, não ocorreram de forma linear mas, ao contrário, diante de limitações. Este exercício de aprendizagem realizei mediante idas e retrocessos e enfrentando muitas resistências. Resistir à verdade construída até hoje, ao valor instituído, ao que é reconhecido e aceitado tornou-se necessário para aderir a visões mais integrais, mais desafiadoras, mais ousadas e ao mesmo tempo mais desestruturantes.

A possibilidade de eu voltar ao estudo e à investigação permitiu-me revisar as minhas práticas realizadas durante treze anos de participação em projetos de desenvolvimento. Surgiram interrogações referentes à inserção dos produtores nos projetos, suas aspirações e suas formas de ver o mundo.

Das primeiras perguntas acerca do objeto proposto até a construção do problema de pesquisa, necessitei captar a complexidade do espaço social de estudo, como quem arma um quebra-cabeça.

Assim, fui delineando o problema de investigação tendo como pano de fundo uma abordagem que permitisse colocar luzes sobre as minhas práticas. Neste processo, um dos maiores inconvenientes que tive foi encontrar a forma como esta realidade não-linear e não-homogênea, pudesse se tornar relacional e explicativa das práticas dos produtores, de modo a problematizar minhas propostas acadêmicas, extensionistas e investigativas.

Para atingir esta perspectiva, na construção do objeto, mais do que me referir a um problema social explicitado, busquei descobri-lo e desconstruí-lo. O desafio foi formular o objeto de forma que permitisse reconhecer os relacionamentos e as **lutas de poder** intrínsecos aos problemas legitimados.

Tendo-me centrado de forma permanente nas questões do desenvolvimento de comunidades empobrecidas e tendo participado de diferentes propostas de desenvolvimento desde o âmbito universitário, estas questões causavam inquietudes, que acabaram sendo introduzidas na formulação do meu projeto de pesquisa de pós-graduação. Uma delas consistia na preocupação de entender como os destinatários de políticas públicas concebiam as propostas de desenvolvimento. Orientando a construção do objeto de estudo de forma a abarcar esta questão, fui centrando a investigação nas diferentes formas de adesão dos produtores às propostas.

Assim, a possibilidade de estudar as lógicas de engajamento dos produtores em propostas de desenvolvimento, permitiu-me abordar a questão do “desenvolvimento” desde uma perspectiva da problemática social, como uma prática intervencionista de imposição de estilos de vida.

Para isso, foi necessário reconhecer as disputas inseridas no campo do desenvolvimento. Procurei perceber que o desenvolvimento não é algo em si mesmo, senão que se vai construindo sobre as oposições entre visões de mundo, entre dominantes e dominados e entre verdades construídas e legitimadas, em que se disputa a imposição de uma forma de controle social.

O objetivo do estudo, então, foi norteador pela preocupação de entender estes espaços sociais, seus conflitos, suas contradições, partindo da base que a realidade é uma construção social. Entretanto, uma das preocupações deste trabalho corresponde ao fato que ele não seja lido como a avaliação de um programa ou das atividades dos mediadores, ainda menos como a descrição de produtores em um contexto de condicionamentos, senão em poder ir um pouco mais além na análise das relações entre estes dois agentes e as políticas públicas. Procuro explicitar

este espaço de lutas, avançando na análise, indo mais além do evidente. Como cita Louis Pinto: “a análise deve ir mais além dos temas manifestos, buscando um princípio de constituição ou lei de produção que é a condição de sua inteligibilidade” (PINTO, 1996, p. 26).

Assumir essa posição requer que se entre no desafio de realizar uma abordagem do estudo dos agentes sociais que rompa com as pré-construções. A partir da construção do objeto de estudo, não pretendo ser neutra, mas desnaturalizar as representações dominantes, colocando um olhar sobre as relações de poder que se instalam nas dinâmicas cotidianas.

Em particular, enfatizo as relações de poder implícitas aos processos de implementação de programas de desenvolvimento. As áreas rurais categorizadas como pobres pelas instâncias públicas, como a região de Pampa de Achala, tornam-se alvo de políticas intervencionistas que visam viabilizar produtores empobrecidos a partir de propostas de financiamento, capacitação e organização. Esse tipo de ação desencadeia uma série de efeitos sociais, intensificando o rompimento de valores constituintes de mundos sociais com relativa autonomia, como no caso de algumas comunidades rurais.

Anjos (2003), ao problematizar a implementação de políticas especiais para o espaço rural, considera que estas constróem “um pobre que se torna inapto”, a quem é necessário disciplinar como “cidadão neoliberal caracterizado por sua self-responsability” (ANJOS, 2003). Processo esse que leva a legitimação de políticas homogeneizadoras que difundem o modo de vida dominante como universal, portanto a ser adotado por todos, e dos operadores do desenvolvimento engajados nelas.

Procuo evidenciar as relações entre essas diferentes lógicas de engajamento dos agentes sociais e a estrutura de capitais acumulados (econômico, social, cultural) no decorrer de suas trajetórias. Com isso, objetivo enfatizar os graus de adesão das comunidades às propostas de desenvolvimento preponderantes na região.

Como hipótese, considero que o engajamento ao Programa não ocorre de forma homogênea e que a existência de graus diferenciados de adesão das comunidades às propostas de desenvolvimento relaciona-se à heterogeneidade na estrutura e volume de capitais carregados pelos agentes que as integram, suas diferentes trajetórias e expectativas de retribuição.

Conforme já citado, os grupos selecionados foram os das comunidades de Cerro Hermoso e Potrero de Gero, os únicos da região atendidos pelo Programa. O terceiro caso

analisado neste estudo corresponde à comunidade de San Mateo, não inserida no processo de implementação.

Com relação ao grupo de Cerro Hermoso, trabalho com a hipótese específica que as experiências organizativas e as relações sociais constituem capitais importantes na formulação de estratégias políticas. Essas características fazem desse grupo o mais ativo, portanto, mais intensamente engajado nas propostas de desenvolvimento. A partir dessa condição, poderíamos supor que estes agentes estariam mais propensos à formatação de um tipo de cidadão auto-responsável.

Porém, uma outra dimensão a ser considerada é que o forte engajamento no Programa e o fato de contarem com um significativo capital político podem fazer com que eles resistam em parte à ação dos mediadores e entrem em disputas pelo espaço ocupado por estes.

No caso do segundo grupo estudado, Potrero de Gero, minha hipótese consiste: por não possuírem experiências organizativas e estarem integrados de forma mais individual ao mercado, vinculam-se ao Programa de forma mais atomizada. Assim, aderem às propostas de desenvolvimento de forma menos intensa que o grupo anterior, tornando-se menos dependentes em relação às agências estatais e à ação dos mediadores.

Com relação à comunidade San Mateo, tenho a hipótese de que a análise de uma comunidade não engajada constitui-se enquanto possibilidade de pensar aspectos decisivos na compreensão do processo de implementação do Programa que permaneceriam ocultos.

Apresento o trabalho de dissertação em cinco capítulos. Início com um primeiro capítulo destinado ao instrumental teórico e aos aspectos metodológicos aplicados no decorrer do trabalho de pesquisa. Em seguida, no segundo capítulo, trago um pouco à discussão a questão da complementaridade entre o tema da pobreza e do desenvolvimento e enfatizo o processo de construção da região de Pampa de Achala como dependente dos recursos, tanto a partir do PSA como da percepção dos produtores rurais envolvidos.

Nos terceiro e quarto capítulos, apresento as lógicas de engajamento dos grupos pertencentes às comunidades de Cerro Hermoso e Potrero de Gero, respectivamente. No último capítulo, primeiramente, abordo aspectos da comunidade que não se engaja ao Programa. Após, com o objetivo de compreender as diferentes possibilidades de pensar a pobreza e o desenvolvimento e contrastar as lógicas dos grupos que aderem ao PSA, faço uma análise comparativa da relação entre as trajetórias, a estrutura e o volume de capitais e as tomadas de



posição dos agentes das três comunidades, quanto às questões trazidas pelos mediadores, relacionadas ao desenvolvimento e à pobreza.

## 1 APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Neste capítulo, tenho como objetivo apresentar o instrumental teórico e os aspectos metodológicos aplicados no decorrer do trabalho de investigação. Procurei compor um referencial teórico metodológico que permitisse construir o objeto de pesquisa de forma a enfatizar as relações de poder que perpassam o processo de implementação de programas de desenvolvimento. No caso em estudo, focar os processos subjacentes ao engajamento dos produtores rurais de Pampa de Achala às propostas apresentadas ao Programa Social Agropecuário.

Para evidenciar esses processos, Bourdieu (2000), no texto *Introdução a uma sociologia reflexiva*, destaca a necessidade de romper com as evidências que constroem o olhar do pesquisador a contextos e a objetos sociais previamente construídos. Considerando o objeto de estudo como um processo de desconstrução e reconstrução do social, confronto-me com o fato de reconhecer em mim os preconceitos e as estruturas com as quais o próprio investigador olha para o mundo.

“A força do pré-contruído está em que, achando-se inscrito ao mesmo tempo nas coisas e nos cérebros, ele se apresenta com as aparências da evidência, que passa despercebida porque é perfeitamente natural. A ruptura é, com efeito, uma conversão do olhar” (BOURDIEU, 2000, p. 49).

Ao assumir essa perspectiva, parto do pressuposto de que os fatos sociais, como os problemas sociais que se apresentam como evidentes, são construtos históricos. As construções sociais evidentes ocultam a disputa travada entre os agentes sociais pela construção da realidade social mais condizente com os seus interesses. Para Bourdieu a prática de rompimento leva a descobrir que

“o problema, aceite como evidente pelo positivismo vulgar (que é a primeira tendência de qualquer investigador), foi *socialmente produzido*, num trabalho coletivo de construção da realidade social e por meio deste trabalho; e foi preciso que houvesse reuniões, comissões, associações, [...] projectos, programas, resoluções, etc. para que aquilo que era e poderia ter continuado a ser um problema *privado*, particular, singular, se tornasse um *problema social*, num problema público, de que se pode falar publicamente” (BOURDIEU, 2000, p. 37).

No estudo proposto, entra em jogo o rompimento com a perspectiva substancialista difundida pelas políticas públicas que designam as populações das comunidades estudadas como “pobres”, ou como comunidades que necessitam de “recursos”, e os produtores como indivíduos que precisam de “capacitação”. Portanto, busco romper com a construção do cenário perfeito para a implementação de propostas de “desenvolvimento”.

Procuo ver no rompimento com a naturalização da implementação dos novos processos intervencionistas, revestidos pelo nome de desenvolvimento, a consolidação de novas relações de poder. Nessa mesma perspectiva, Cazella (2000) estudou espaços de desenvolvimento na França. Citando a proposta teórica de Champagne, este autor comenta:

“L’approche de Champagne sur les collectivités rurales suit cette même orientation méthodologique. Cet espace social des populations rurales est ainsi loin d’être réductible au village et à ses environs. Leurs systèmes de relations sont de plus en plus éloignés de la dimension locale. Les relations locales d’interdépendance, d’entraide et d’intérêts collectifs qui contraignaient les individus à censurer le conflit, tendent à s’estomper. L’idéologie de la “communauté villageoise” solidaire est de moins en moins un trait caractéristique. Ainsi, l’analyse des relations de dépendance instaurées dans un espace social donné devient la plus adéquate pour la recherche sur la localité” (CAZELLA, 2000).

Cazella (2000), a partir da noção de campo, define o espaço de implementação de propostas como “o conjunto dos processos sociais induzidos por operações voluntaristas de transformação de um meio social, no qual atuam instituições ou atores exteriores a este meio que buscam mobilizá-lo”. Para esse autor, o espaço de implementação está caracterizado por uma espécie de multiculturalismo que significa “o encontro das diferentes culturas e subculturas dos operadores de desenvolvimento com as culturas e subculturas locais”. Considera este espaço “um mercado de bens e serviços, que esconde as questões de poder, influência, prestígio e controle que as ações de desenvolvimento acarretam por si mesmas”.

Para Sardan (1995, p. 125), compreender o que acontece em torno de dispositivos de desenvolvimento requer que se atente ao confronto entre as múltiplas lógicas e estratégias dos agentes sociais envolvidos. Seguindo essa perspectiva, nesses processos torna-se interessante destacar os agentes envolvidos, como os profissionais de diferentes instituições e os produtores rurais.

Além do rompimento com as construções prévias sobre o que é o desenvolvimento e sobre as melhores práticas intervencionistas, acolho a perspectiva de Cazella (2000) e de Sardan (1995) de tratar o desenvolvimento como um dispositivo de poder que enseja a disputa entre os diferentes agentes sociais envolvidos pela melhor definição de como devem ser esses processos intervencionistas, que práticas devem ser adotadas etc. Porém, neste espaço de conflito, faço um recorte e destaco mais enfaticamente os processos de dominação e de resistência inerentes às relações de poder que perpassam um engajamento mais ou menos intenso dos produtores às propostas. Ao destacar o engajamento, procuro evidenciar, por um lado, a força com que é implementada uma política pública estatal e seus efeitos sociais; por outro lado, o que procuro mostrar são as relações entre as adesões, o processo de adaptação às novas exigências, e as resistências que os diferentes produtores sustentam ao se depararem com o processo imposto a partir das condições sociais em que estão imersos.

Para isso, analiso, primeiramente, a partir da postura teórica de Foucault (1977), os processos de disciplinamento relacionados à implementação das propostas e ao engajamento dos produtores. Em um segundo momento, com o conceito de *habitus*, desenvolvido por Pierre Bourdieu, busco compreender mais especificamente as razões do agir dos produtores imersos no contexto, escapando da perspectiva que atribui estas unicamente ao efeito das causas externas ou a uma avaliação racional por parte do agente das chances e ganhos. Com esse conceito, procuro destacar as especificidades que assumem os processos de disciplinamento e resistência a partir das condições sociais diferenciadas em que se inserem os agentes pertencentes aos três casos paradigmáticos estudados. No final, traço algumas considerações sobre a importância de ver a implementação das propostas inseridas em processos de mediação, ou seja, a partir do contato entre mundos sociais diferenciados, como as instâncias locais e as esferas estatais. Com isso, procuro não constranger a análise a uma certa autonomia dos grupos e das comunidades como se estes consistissem em universos totalmente fechados.

## 1.1 A emergência dos bons pobres: a disciplina subjacente à implementação do PSA

No espaço social evidenciado neste estudo, analiso como os processos intervencionistas consolidam-se a partir da implementação de propostas de desenvolvimento. Na possibilidade de perceber as relações de poder inerentes a esse processo, os aportes trazidos pela teoria de Foucault (1977) permitem tanto reconhecê-las na emergência das problemáticas referentes ao desenvolvimento e à pobreza, quanto em suas manifestações intersticiais na percepção dos destinatários.

Para reconhecer o aparecimento da problemática da “pobreza” e do “desenvolvimento” nas arenas públicas é preciso determinar como esses objetos são produzidos, desconstruindo o processo de naturalização. Recordar-se que Foucault propõe desnaturalizar o objeto que emerge dentro de um sistema de saber historicamente constituído. Neste sistema, é preciso identificar as diferenciações e reconhecer a existência de lutas de poder como construções sociais.

Através dos discursos é possível notar o aparecimento de objetos que emergem e são instrumentalizados em condições históricas específicas. Além de reconhecer os objetos do discurso, é importante compreender as relações, pois os discursos emergem de espaços relacionados com quem fala, como o designa, o nomeia e o instaura, assim como de relações identificáveis entre instituições e normas. Dessa forma, penso o tema do “desenvolvimento” enquanto objeto de saber nos termos propostos por esse autor para analisar as formações discursivas:

“as condições para que apareça um objeto de discurso, as condições históricas para que dele se possa “dizer alguma coisa” e para que dele várias pessoas possam dizer coisas diferentes, as condições para que ele se inscreva em um domínio de parentesco com outros objetos, para que possa estabelecer com eles relações de semelhança, de vizinhança, de afastamento, de diferença, de transformação – essas condições, como se vê são numerosas e importantes. Isto significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época.” (FOUCAULT, 1977, p. 51).

Pensar o desenvolvimento, considerando as relações de saber-poder, permite perceber a aparição de uma trama histórica de relações de poder e de saber que se vão constituindo e naturalizando como nossa forma de ver o mundo e de construir verdades. Os temas do “desenvolvimento” e da “pobreza” congregam uma série de disciplinas e produções científicas,

são tematizados em encontros, fomentam propostas de intervenção, são motivadores de políticas públicas, etc. Nesse sentido, Ewald resgata de Foucault:

“a história do presente, da nossa identidade, formula-a Foucault como análise das relações saber-poder na nossa sociedade. A hipótese geral do seu trabalho seria a de que as relações, as estratégias e as tecnologias de poder que nos constituem, nos atravessam e nos fazem, são acompanhadas, permitem e produzem formações de saber e de verdade que lhes são necessárias para se consolidarem como evidentes, naturais e se tornarem, dessa maneira invisíveis. Inversamente, a análise do saber, das formações discursivas e dos seus enunciados deve ser feita em função das estratégias de poder que, numa dada sociedade, investem os corpos e as vontades” (EWALD, 2000, p. 11).

É necessário estabelecer um elo entre essas relações de saber-poder constituídas, como a emergência do desenvolvimento enquanto prática a ser propagada, e a capilarização do poder na sociedade. Para Foucault a prática do poder nem sempre é negativa e repressora, tem uma concepção positiva que dissocia a dominação da repressão. Neste ponto, o autor pretende demonstrar que a dominação não se obtém somente quando há repressão, mas que na sociedade moderna é necessário um lado positivo, produtivo, transformador com a finalidade do adestramento e aperfeiçoamento do agente social. É na busca de ser, segundo um padrão de normalidade e na punição do desvio a este, que se pode entender a instituição das relações de poder a partir do disciplinamento.

“esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de disciplina” (FOUCAULT, 1977, p. 126)

A este tipo de poder que se expande por todo espaço e tem uma natureza que impõe uma relação de docilidade e utilidade, fabricando o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial e capitalista, o autor chama de poder disciplinar. Para Foucault

“ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o

produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (FOUCAULT, 1977, p.127).

A partir desta perspectiva de disciplinamento, em que o poder modula “positivamente”, o autor mostra como a cultura deixa de atender ao corpo e passa a se dedicar à alma. Foucault, ao abordar o nascimento das prisões, está convidando a pensar no nascimento da alma do homem moderno, na genealogia da alma e da moral moderna. Isto ocorre com a incorporação de mecanismos de controle e de poder, como estratégia para extrair e modular forças sociais, fazendo com que o poder se imponha não pelo que proíbe mas pelo que propõe.

“diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros em função dessa regra de conjunto – que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida ‘valorizadora’, a coação de uma conformidade a realizar. Enfim traçar o limite que definirá a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal (...). a penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela *normaliza*” (FOUCAULT, 1977, p. 163).

No mecanismo disciplinar, quanto mais se consegue impor um padrão de normalidade, tornar-se apto pressupõe, uma adesão à norma comum e à utilidade do sistema. Com a instituição da proposta intervencionista estabelece-se a regra comum que fornece um parâmetro do que seria um produtor viável, integrado, fornecendo as medidas de como ascender ao desenvolvimento. Esta regra coloca em evidência os que a ela são submetidos, confere ao seu cotidiano uma série de regulamentos e procedimentos que devem ser seguidos de maneira satisfatória. A satisfação ou não das exigências é controlada por uma vigilância constante que busca integrar em rede a todos,

“o poder disciplinar, graças a ela, torna-se um sistema “integrado”, ligado do interior à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido. Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo; pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre os indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também de certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede “sustenta” o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apóiam uns

sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados” (FOUCAULT, 1977, p. 158).

Na análise do caráter disciplinar que assume a implementação deste tipo de proposta, considerando que ênfase neste trabalho o engajamento dos produtores rurais, é preciso trazer as condições sociais diferenciadas que fazem com que determinados agentes integrem-se de forma mais ou menos intensa ao novo modo de vida proposto e às novas formas de dominação. Os processos de normalização provocados pela imposição dos programas de desenvolvimento geram conflitos e sofrem resistências na medida em que as realizações efetivas destes não correspondem às demandas dos produtores. Para isso, utilizam-se conceitos como o de *habitus* de Bourdieu. Este autor destaca que o conceito permite primeiramente

“descartar dois erros complementares cujo princípio é a visão escolástica: de um lado, o mecanismo segundo o qual a ação constitui o efeito mecânico de causas externas; de outro, o finalismo, segundo o qual, sobretudo por conta da teoria da ação racional, o agente atua de maneira livre, consciente e, como dizem alguns utilitaristas, with full understanding, sendo a ação o produto de um cálculo de chances e dos ganhos” (BOURDIEU, 2001, p. 169).

Considerando esta abordagem teórica, a adesão é estudada a partir da relação entre critério objetivos e subjetivos, como a análise das trajetórias, do volume de capitais portados pelos produtores, das estratégias elaboradas, das representações sobre as propostas, das retribuições almejadas, ou seja, das condições sociais que permitem explicar as diferentes lógicas de engajamento. A hipótese principal é de que no cenário de implementação é possível perceber diversas formas e graus de adesão por parte dos produtores às propostas de desenvolvimento configurando tanto relações de dominação mais tradicionais como mais dependentes.

## **1.2 Lógicas de Engajamento e Retribuição: as disposições dos produtores familiares**

Na análise das diferentes lógicas de engajamento dos produtores rurais da região de Pampa de Achala, às propostas de desenvolvimento correlaciono as diferentes trajetórias sociais, a estrutura e o volume de capitais portados e as retribuições que visualizam com relação à adesão.

Inicialmente, para mapear as diferentes lógicas de engajamento dos produtores rurais utilizo a noção de espaço social. Esta noção possibilita que se delimite o espaço analítico tendo



por base as relações estabelecidas entre agentes sociais que ocupam posições distintas na ordem social. Bourdieu define esta noção da seguinte forma:

“o espaço social é definido pela exclusão mútua, ou pela *distinção*, das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais (definidas, adiante, como posições na distribuição das diferentes espécies de capital). Os agentes sociais, bem como as coisas por ele apropriadas, logo constituídas como *propriedades*, encontram-se situados em um lugar do espaço social, lugar distinto ou distintivo que pode ser caracterizado pela posição relativa que ocupa em relação a outros lugares (acima, abaixo, entre etc.) e pela distância (por vezes dita “respeituosa”: *e longinquo reverentia*) que o separa deles” (Bourdieu, 2001, p. 164).

Esta noção possibilita compreender a realidade de implementação da proposta imersa em um contexto de interdependências entre atores sociais diferentemente localizados na ordem social. Os agentes diferentemente localizados são os distintos produtores das comunidades de Pampa de Achala, os técnicos e os professores de escolas rurais, que ocupam a posição de mediadores sociais nesse processo. No espaço de relações formado, evidencio o jogo de interesses e lutas em torno do capital específico que ali se joga a partir das diferentes posições ocupadas pelos agentes (dominantes e dominadas) no mesmo (GUTIERREZ, 1995 p. 38).

“propiedades que les incumben en un momento concreto del tiempo debido a su posición en un espacio social determinado, y en un estado determinado de la oferta de los bienes y de las prácticas posibles” (GUTIERREZ, 1995, p. 42).

Na análise do engajamento, colocando o enfoque no espaço de relações configurado e nas tomadas de posição dos agentes (opiniões, “escolhas”), consigo evidenciar o sistema de possibilidades que se constitui no local e que define o que é possível ser pensado a respeito da implantação do Programa, da problemática da “pobreza” ou do desenvolvimento. Como espaço de possibilidades, entendo as possibilidades que se desencadeiam em determinado momento histórico como resultantes das relações de força e tomadas de posição anteriores, que fornecem as condições, juntamente com os recursos acumulados, para que os agentes tomem determinadas decisões de acordo com as retribuições oferecidas.

As ações dos produtores estão ligadas às formas como estes percebem as condições da região, relacionadas à falta de recursos, à “pobreza” e de como projetam as formas de superação dessas condições, podendo visualizar as propostas de “desenvolvimento” como principais alternativas, ou como medidas paliativas, ou ainda não terem contato com elas. Para isso, relaciono as tomadas de posição realmente efetuadas com relação às propostas e às posições ocupadas pelos produtores envolvidos neste espaço social de relações delimitado.

No universo de possibilidades que se apresentam no contexto (apropriar-se das propostas de desenvolvimento, utilizar os recursos de forma a complementar a renda, não terem contato com as propostas e conceberem outras alternativas etc.), a tomada de posição com relação a uma delas está relacionada, por um lado, com as disposições portadas pelos agentes.

Para Bourdieu

“as disposições não conduzem de modo determinado a uma conduta determinada: elas só se revelam e se realizam em circunstâncias apropriadas e na relação com a situação. [...] O *habitus* como sistema de disposições de ser e de fazer constitui uma potencialidade, um desejo de ser que, de certo modo, busca criar as condições de sua realização, portanto impor as condições mais favoráveis ao que ele é. Salvo algum transtorno importante (por exemplo, uma mudança de posição, as condições de sua formação são também as condições de sua realização). Todavia, todo caso, o agente faz o que está em seu alcance para tornar possível a atualização das potencialidades inscritas em seu corpo sob forma de capacidades e de disposições moldadas por condições de existência” (BOURDIEU, 2001, p. 183).

As estratégias e os interesses despertados por uma das alternativas, dependem tanto das representações, enquanto reações práticas, que os agentes fazem de sua condição e do espaço de interação, como da posição que ocupam no espaço social. Dessa forma, considero que o engajamento relaciona-se com as representações dos agentes sociais produzidas por meio do *habitus*, portado, pelo agente, “inscritos nos corpos pelas experiências passadas” que é duplamente informado, quer pela estrutura do espaço, pelas posições que os agentes ocupam no espaço, quer pela estrutura dos esquemas de percepção que lhes são aplicados.

Por outro lado, as tomadas de posição estão relacionadas com as posições que os agentes ocupam no espaço social, ou seja, com a estrutura de distribuição dos diferentes tipos de capitais (econômico, cultural, social). Os capitais portados por um agente podem ser definidos como o conjunto de bens acumulados ao longo de uma trajetória. Ao retirar a conotação estritamente

econômica, Bourdieu estende o conceito de capitais a qualquer tipo de bem suscetível de acumulação, dessa forma, além do capital econômico, reconhece o social e o cultural. Todos estes capitais conferem ao seu detentor um capital simbólico, que será mais ou menos valorado de acordo com o espaço social em que os agentes buscam reconhecimento. Bourdieu define capital simbólico da seguinte forma:

“todo o tipo de capital (econômico, cultural, social) tende (em graus diferentes) a funcionar como capital simbólico (de modo que talvez valesse mais a pena falar, a rigor, em *efeitos simbólicos do capital*) quando alcança um reconhecimento explícito ou prático, o de um habitus estruturado segundo as mesmas estruturas do espaço em que foi engendrado. Em outros termos, o capital simbólico (...) não constitui uma espécie particular de capital, mas justamente aquilo em que se transforma qualquer espécie particular de capital quando é desconhecida enquanto capital, ou seja, enquanto força, poder ou capacidade de exploração (atual ou potencial), portanto reconhecida como legítima” (BOURDIEU, 2001).

Os efeitos das propriedades portadas pelos produtores (como escolaridade, participação em processos organizativos etc.) encontram-se relacionados com as diferentes trajetórias e com o espaço de interação em que as propostas são implementadas, no caso em estudo, o espaço de mediação.

A análise das trajetórias (origem social, títulos escolares, história ocupacional) permite evidenciar a estrutura da posição ocupada pelo agente, neste espaço social, com relação aos demais envolvidos, o que faz com que possa impor seus interesses de forma diferenciada, de acordo com a distribuição dos diferentes tipos de capital (cultural, social, econômico, etc.). Como evidencia Sainteny (2000, p. 177), cada etapa de uma trajetória dá lugar a uma experiência específica, a aquisição de certos recursos e cada trajetória pode revelar a acumulação de recursos diferentes daqueles fornecidos por uma outra trajetória.

No entanto, é preciso considerar, também, que o engajamento dos produtores rurais as propostas está relacionado com as lutas travadas com os agentes responsáveis pela sua implementação, como técnicos, professores que atuam no espaço de mediação entre as instâncias locais e as arenas públicas. Pois as mesmas disposições podem engendrar tomadas de posição muito diferentes, segundo a configuração deste espaço, segundo as possibilidades que aí se armam. As propostas formuladas a partir de critérios universalistas são redefinidas na interação entre os agentes que atuam diretamente no local.

Wolf (19--) considera que se torna pertinente estudar “a rede de relações grupais que une as localidades e as instituições a nível nacional”. A partir da perspectiva de Wolf, pretendo escapar tanto da percepção das sociedades complexas como a soma de comunidades isoladas e dos sistemas formais (as políticas) como sistemas independentes das relações que se estabelecem nos diferentes âmbitos do social.

Com relação à perspectiva de implementação de programas de desenvolvimento e à rearticulação das propostas universalizantes, é interessante o destaque conferido por Neves à mediação:

“tanto a elaboração do projeto como sua colocação em prática pressupõem a interligação de mundos diferenciados por saberes especializados. Mundos que não se interligam imediatamente, mas a partir de formas múltiplas de mediação, isto é, da participação diferenciada de mediadores. Portanto, o projeto político só se viabiliza pela produção de certas equivalências fundamentais à produção de determinados consensos e códigos comuns, constuidores do espaço social de mediação. Este próprio espaço só se torna reconhecido se seus agentes forem zelosos das diferenças que devem administrar com vistas à produção do diálogo e de uma outra ordem social” (NEVES, 1998, p. 153).

Dessa forma, ao enfatizar as lógicas de engajamentos dos grupos em diferentes comunidades não se descarta a percepção desta comunidade como inserida em um sistema complexo. Assim, para entender as posições ocupadas e os investimentos dos agentes em determinadas propostas, é preciso atentar também aos vínculos que estes estabelecem com técnicos, professores, etc.

Essas relações podem se constituir de forma mais formalizada ou estarem baseadas em laços de afinidade, confiança e reciprocidade, garantindo vantagens nas ‘trocas’, que não seriam conseguidas de outra maneira, pelos participantes. Podem consistir em relações de parentesco, de amizade, de patronagem, etc.

O que procuro enfatizar é que na passagem de uma forma de dominação mais centrada em vínculos tradicionais (como possivelmente eram as relações estabelecidas entre os produtores e os patrões das estâncias locais) para uma dominação mais formal (as relações que são estabelecidas com os agentes do Programa) não são eliminadas as relações mais personalizadas. Landé (1977) considera que as relações diádicas subsistem às organizações mais formalizadas.

Para Wolf, estas são estruturas intersticiais que se coordenam com as estruturas institucionais. Este autor considera que as sociedades complexas, possivelmente, se diferenciam umas das outras mais devido às relações pessoais que permeiam os espaços e as relações institucionais do que seus sistemas econômicos, legais e políticos (WOLF, 19--, p. 37).

### 1.3 Aspectos Metodológicos

Nesta investigação, combino métodos quantitativos com qualitativos, enquadrados dentro do que se denomina estudo de caso, com a intenção de aprofundar o conhecimento do fenômeno em seus diversos aspectos e tentar complementar ao descritivo o explicativo.

Existe uma profunda relação entre referencial teórico e instrumento metodológico, pois o objeto de estudo é obtido a partir de uma construção dialética. Este reconhecimento é importante para a eleição das técnicas a serem utilizadas e para a construção dos instrumentos.

“Com efeito, as opções técnicas mais ‘empíricas’ são inseparáveis das opções mais “teóricas” de construção do objeto. É em função de uma certa construção do objeto que tal método de amostragem, tal técnica de recolha ou de análise dos dados, etc. se impõe. Mais precisamente, e somente em função de um corpo de hipóteses derivado de um conjunto de pressuposições teóricas que um dado empírico qualquer pode funcionar como prova ou, como dizem os anglo-saxônicos, como *evidence*” (BOURDIEU, 2000, p. 24).

Desta forma, o método utilizado consistiu na consulta a fontes secundárias e primárias. A partir das fontes secundárias tive acesso a estudos anteriores sobre a área. Isto permitiu uma abordagem rica em conhecimento diacrônico. Esses dados permitiram compreender a situação atual como parte de um processo histórico. Como fontes secundárias utilizei: censos, trabalhos e investigações prévias e consulta bibliográfica.

Para caracterizar os diferentes agentes sociais, trabalhei com os formulários de informações acerca das famílias, existente no banco de dados disponibilizado pelo Programa. Como uma das comunidades não havia sido abordada por este programa, também recolhi dados disponíveis no banco de informações à disposição na Agência Córdoba de Meio Ambiente, vinculada ao estado provincial .

Dos respectivos bancos de dados trabalhei com a informação que me permitiram organizar os capitais que acumulados pelos agentes, como os níveis de instrução dos agentes, a

situação fundiária, a disponibilidade de capital econômico, os ingressos familiares, as atividades realizadas fora da unidade produtiva, a infra-estrutura e a tecnologia utilizadas, a contratação de mão de obra etc. Incorporei também os dados referentes à estrutura familiar para complementar a compreensão de suas estratégias

Já os dados primários foram coletados a partir de entrevistas semi-estruturadas. No que se refere à construção e à aplicação desse instrumento, é importante destacar que busquei aplicar as entrevistas de modo que não se constituíssem em uma ferramenta que limitasse a possibilidade do aparecimento de aspectos não previstos ou recortassem a própria construção do entrevistado, sua representação da realidade. “Procurou-se então instaurar uma relação de *escuta ativa e metódica*, tão afastada da pura não intervenção da entrevista não dirigida, quanto do dirigismo do questionário” (BOURDIEU, 1998, p. 695).

A questão era conseguir indagar de forma que eu não produzisse nem condicionamentos, nem violência. Conseguir “compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras” (BOURDIEU, 1998, p. 695).

Na instrumentalização desta técnica utilizei um roteiro com blocos estruturados em eixos de análise que permitiram construir a trajetória individual e as **trajetórias coletivas** de cada uma das comunidades de acordo com os objetivos do meu objeto de investigação.

Diferenciaram-se os agentes a serem entrevistados em: agentes sociais agricultores familiares e agentes sociais mediadores. No caso do grupo concernente aos produtores, selecionei três comunidades: duas engajadas nas propostas do PSA e uma terceira que não participou do programa. Destes atores distingui: produtores que participaram; produtores que não participaram; produtores que alguma vez participaram; produtores líderes; produtores anciãos.

Com o objetivo de atender às perguntas da pesquisa, organizei as entrevistas levando em consideração aspectos relacionados à participação dos agentes em organizações, em experiências de desenvolvimento. Recuperei a origem social e a história ocupacional, para orientar a construção das trajetórias. Abordar as representações dos produtores do mundo rural e do mundo urbano e as expectativas com relação ao desenvolvimento e ao futuro da zona me permitiu analisar os posicionamentos tomados. A partir dos dados referentes à adesão e a participação no PSA, complementei a possibilidade de estudar diferentes tomadas de posição e elaborar as lógicas de engajamento às propostas.

No caso dos mediadores, eu realizei entrevistas com todos aqueles engajados na região. De acordo com o objetivo do trabalho, orientei as perguntas segundo diversos eixos, como trajetória ocupacional, origem social, trabalho atual, conceitualizações e visões de desenvolvimento, problemática rural, mundo rural e mundo urbano. Agreguei a essas questões perguntas sobre os processos de negociação, os papéis assumidos e seus vínculos institucionais, as relações com os produtores, especificando o concernente ao PSA.

Realizei no total 28 entrevistas. Dessas, com a finalidade de formular o projeto de pesquisa, previamente ao trabalho de campo, realizei quatro entrevistas com técnicos no ano de 2001. Com os produtores, fiz entrevistas- testes durante a primeira etapa do trabalho de campo, no começo do mês de abril de 2002. Estas entrevistas permitiram abordar aspectos não considerados de forma a aprimorar o instrumento metodológico inicialmente pensado.

A partir destas entrevistas preliminares, foi possível refinar as entrevistas finais com os produtores e com os mediadores, em função de novos elementos que apareceram da sistematização prévia que permitiu a construção de instrumentos finais consistentes, apresentados nos anexos 1 e 2.

A etapa de coleta de dados ocorreu entre os meses de abril, maio e junho de 2002. Além das entrevistas, acompanhei cinco reuniões. A partir disto foram transcritas de forma fidedigna as entrevistas, sendo logo sistematizadas em blocos de análises.

## **2 POBREZA E DESENVOLVIMENTO NA REGIÃO DE PAMPA DE ACHALA: A IMPLEMENTAÇÃO DO PSA**

Neste capítulo, procuro analisar a complementaridade entre os temas pobreza e desenvolvimento que vem sendo discutido nas arenas públicas, especificamente na implementação do Programa Social Agropecuário, na região de Pampa de Achala.

A área denominada Pampa de Achala localiza-se na província de Córdoba, na região central da República Argentina.

Localização geográfica da região:

**Mapa 1** Localização da Região de Pampa de Achala na Província.





**Mapa 2** Região de Pampa de Achala: localização do Parque Nacional e da Reserva Hídrica



A área denominada comumente de Pampa de Achala localiza-se na província de Córdoba, na região central da República Argentina (mapa 1). Do ponto de vista geográfico, localiza-se aos 64° 40' de latitude Sul e 31° 40' de longitude Oeste. Esta “pampa” de altura se encontra quase integralmente no Departamento San Alberto, a 100 Km ao sudoeste da cidade de Córdoba, capital da Província (mapa 2); estende-se ao longo do maciço central das Serras Grandes de Córdoba, entre os cerros “Los Gigantes” (2.400m) ao Norte e Champaquí (2.790m) ao Sul (CABIDO, 1995). Esta área é considerada como a principal reserva hídrica da província.

Em 1999, foi criada a Reserva Hídrica Provincial de Pampa de Achala que constitui a área de entorno do Parque Nacional Quebrada do Condorito, criado no ano de 1996. Estas áreas ocupam uma superfície de aproximadamente 180.000 has. das quais 146.000 has. correspondem à Reserva e 37.000 has. ao Parque. Esta área de conservação compreende uma altiplanicie que se estende entre 1.900 e 2.300 m. de altitude e encostas em direção Leste e Oeste.

Na região de Pampa de Achala foi criada esta área de conservação com duas jurisdições distintas: uma Provincial, a “La Reserva Hídrica Provincial de Achala” (Decreto 361/99), e uma Nacional, os “Parques Nacionales Quebrada del Condorito” (Lei 24.749/96). A administração dos Parques Nacionales incorporou ao domínio federal cerca de 24.100 ha. na condição de parque nacional, e aproximadamente, cerca de 12.500 ha., como Reserva Nacional<sup>1</sup>. Os hectares da Reserva Hídrica Provincial de Achala são 145.000 has. e estão integralmente sob domínio privado.

<sup>1</sup> Enquanto as áreas do parque nacional passaram para o domínio público, as áreas da reserva nacional permaneceram de domínio privado

Retomo a hipótese central que as lógicas de engajamento dos produtores às propostas de desenvolvimento relacionam-se a processos de dominação próprios da implementação de políticas especiais. As políticas destinadas ao desenvolvimento ao construírem os produtores como “pobres” os tornam alvos das soluções que sugerem, tanto pela institucionalização e gerenciamento do problema como pelo processo de assimilação dessa identidade, e das exigências de superação da condição indesejada (de pobre) que impõem aos dominados. Processo que ocasiona a legitimação de determinados programas e dos operadores do desenvolvimento engajados.

Considero que as definições de “pobreza rural” e de “desenvolvimento” estão inseridas em uma linha de pensamento que, ao ser imposta como legítima, naturaliza uma concepção de desenvolvimento e uma forma de intervenção estatal sustentadas pelas visões de mundo dominantes.

A lógica instituída parte da premissa de que é necessário tornar as populações empobrecidas em populações viáveis. Essa lógica é difundida por órgãos como o Banco Mundial que apóia ações intervencionistas de combate à pobreza em países em desenvolvimento, concebendo este acionar como justo e necessário para a realização de tal feito. As regiões nomeadas como “bolsones de pobreza” no âmbito rural tornam-se alvos de instituições locais como a “Secretaria de Agricultura, Ganaderia, Pesca y Alimentacion”, dependente do Ministério de Economia da República Argentina. Assim, as comunidades classificadas como carentes, com falta de oportunidades laborais, com restrições de acesso ao mercado passam a ser assistidas por programas que visam auxiliar os produtores na superação dos obstáculos e na “inclusão” social.

Eu proponho o questionamento do processo intervencionista em Pampa de Achala como gerador de uma maior dependência das comunidades “contempladas” com as políticas especiais, consolidando nesses lugares novos processos de dominação<sup>2</sup>. Com relação aos novos processos de dominação procuro retomar aqui a análise realizada por Bourdieu a respeito dos efeitos sociais da unificação do mercado de bens econômicos e simbólicos relacionados à abertura das sociedades camponesas. Ao analisar o processo de abertura do mundo camponês, Bourdieu destaca que a unificação do mercado dos bens econômicos e simbólicos propicia o

desaparecimento de “condições de existência de valores camponeses, capazes de se colocar ante os valores dominantes como *antagonistas*”. Para o caso em estudo, a análise do desaparecimento desses valores torna-se pertinente na medida que a implementação de um processo de desenvolvimento gera novas demandas e expectativas que vão se sobrepondo à forma como era concebida a vida nessas comunidades contempladas, que podem ser lidas, a partir do referido autor, como universos “relativamente fechados”.

Bourdieu, no mesmo estudo destacado acima, considera que no processo de abertura a “dependência limitada e mascarada vai progressivamente cedendo lugar a uma dependência profunda e percebida, e até reconhecida” (BOURDIEU, 2000b, p.101). Neste trabalho, proponho pensar que esse processo de abertura tende a se intensificar com o aparecimento e a implementação destas políticas. Assim, trago as considerações feitas por Anjos (2003) no estudo acerca da imposição de políticas especiais que envolvem questões de raça e pobreza rural. Segundo o autor, as comunidades pobres estão sendo submetidas a um processo pelo qual se “saí de uma “pobreza” integrada, que caracteriza as sociedades tradicionais, para a condição de pobreza dependente, em que elas se caracterizam como público-alvo de políticas especiais” (ANJOS, 2003, p. 01).

Portanto, o fio condutor deste capítulo consiste na possibilidade de repensar o “auxílio aos pobres” em função da discussão sobre pobreza e desenvolvimento. Primeiramente, apresento como a conjunção de estudos científicos e diagnósticos realizados por instituições locais sustenta uma percepção específica sobre a região, permitindo o enquadramento das comunidades como demandante de recursos. Em seguida, destaco a apropriação realizada pelo Programa da questão da pobreza, afirmada por estes estudos, e a sustentação que isto oferece a imposição da proposta específica de desenvolvimento que carrega. Para isso, utilizo o material do próprio programa e relaciono estudos que problematizam a implementação de propostas de desenvolvimento. Em um terceiro momento, trago relatos dos moradores que revelam a assimilação por parte destes da falta de oportunidades da região.

---

<sup>2</sup> Rist problematiza a introdução da dimensão cultural e da noção de capital social, no sentido de confiança mútua criadora de laços sociais, para pensar a questão do desenvolvimento. Defende a hipótese de que essa introdução consiste, na realidade, na busca de ampliação da lógica de mercado por outros meios. Destaca que “o pensamento econômico dominante elogia hoje em dia as práticas sociais, que contribui para fazer desaparecer” (RIST, 2000, p. 129).

## 2.1 A “Zona Marginalizada” onde moram os produtores: o olhar *foraneo*

A construção da região como alvo de políticas especiais passa pela sua caracterização como “pobre”, demandante de recursos. A integração de uma série de fatores sustenta a construção dessa condição. Trago inicialmente aspectos físicos e sociais expostos em trabalhos científicos e em um diagnóstico que contribuem na composição de um quadro em que se pode interpretar paisagens de “zonas marginais”, onde vivem “produtores empobrecidos” e, portanto, um lugar onde se torna possível a implementação de programas de desenvolvimento.

Com a finalidade de levar adiante o trabalho de campo foi necessário percorrer um trajeto de duas horas sobre a estrada provincial que une Córdoba capital com a região de traslasierra. Passando pelo caminho de “Las Altas Cumbres”, fiquei na Pampa. Por ser uma região de alta montanha o clima na região é frio, esta temperatura permanece durante todo o ano exceto no verão.

No que diz respeito às características climáticas, nos trabalhos sobre a região, os autores destacam que prevalece um clima de montanha, com todos seus atributos típicos: temperaturas baixas no inverno, grandes variações térmicas, ar seco, ventos fortes, chuvas concentradas e somente uma estação anual, granizo no verão, geadas freqüentes durante cerca de dez meses e algumas nevascas. A temperatura média anual é de 8°C, com mínimas absolutas que superam os -15°C. Já a precipitação média é de 840 mm distribuídos entre os meses de outubro e abril. Estes dados correspondem ao abrigo localizado na estação “La Ventana” (2100 m.s.m) (CABIDO, 1995).

Uma das primeiras impressões, para quem, como eu, vive na capital e visita a pampa, consiste na de inacessibilidade. Entretanto, como descrevê-la sem falar disso, desde o costume de viajar de automóvel, pelos lugares indicados, seguindo caminhos alisados e preparados. Até algumas casas cheguei com o veículo, a outras no interior da pampa, segui a pé ou a cavalo, com alguém para guiar, pois é quase impossível em algumas partes reconhecer a trilha. Para isso, é necessário “saber” andar na pampa, reconhecer as pegadas dos animais, a altura dos pastos, o acesso às encostas. Neste lugar, mesmo estando no alto da montanha, torna-se difícil avistar por onde descer, como retomar alguma trilha que conduza às casas que aparecem ao longe, estrategicamente protegidas, em geral nas encostas.

Não existem dados meteorológicos dos ambientes de encostas, as condições particulares destas supõem manifestações topoclimáticas dignas de consideração; estes ambientes oferecem

maior proteção dos ventos que assolam freqüentemente os cumes e as planícies mais expostas (CABIDO, 1995).

No que diz respeito às características edáficas em geral, os solos da área apresentam horizonte superficial de coloração muito escura, exceto em alguns setores rochosos ou arenosos. Nas ladeiras, com horizontes pouco diferenciados ou em setores superiores e relativamente planos de vales e depressões, encontram-se freqüentemente solos moderadamente bem drenados. Nas partes baixas do relevo (fundo dos vales e depressões) encontram-se solos de perfil úmido a molhado, podendo ocorrer alagamentos freqüentes (CABIDO, 1995).

A vegetação está constituída por duas formações principais: o pastizal, e os bosques de *Polylepis australis* (Tabaquillo) e *Maytenus boaria* (Orco Molle) (CABIDO, 1995). Segundo este autor, devido ao pouco desenvolvimento do perfil do solo nas encostas, nas fendas e nas fissuras das rochas, o “Tabaquillo” encontra condições favoráveis para penetrar com suas raízes. Nos setores com maior profundidade de solo, desenvolvem-se comunidades vegetais características de campos de altitude, onde dominam extensos diferentes formações de pastagens nativas, alternando-se campos finos e grossos, que representam uma importante fonte produtora de forragens e oferecem proteção ao solo.

Além desses aspectos descritivos, relacionados à realização de trabalhos científicos na região, considero interessantes os aportes que traz um estudo diagnóstico que avalia as potencialidades com relação ao uso do solo e às tecnologias empregadas, em Pampa de Achala.

“Es asiento de ganadería extensiva, principalmente vacuna y ovina, siendo el fuego una de las herramientas más difundidas en el manejo del pastizal. Los incendios sucesivos, seguidos de sobrepastoreo y pisoteo, dan origen a comunidades de sustitución que generalmente implican una reducción en la disponibilidad de biomasa y en la calidad del forraje.

Cuando a esta situación se le suman pendientes del 7 al 15 % y suelos poco profundos las consecuencias del mal uso suelen ser más drásticas implicando además la pérdida de suelo, hoy se pueden observar sitios en donde el tapiz vegetal y gran parte del suelo se han perdido dando origen a las llamadas “palanganas” y a numerosas “cárcavas” de magnitud considerable.

El empleo de la madera como elemento combustible casi exclusivo, el ramoneo de plántulas e individuos adultos por el ganado, la destrucción de considerables extensiones de bosque por fuego escapados del pastizal o dirigidos a ahuyentar el puma, permiten suponer que el bosque se encuentra en regresión poblacional” (CÁCERES, 2001, p. 25).

O trecho acima, retirado de um diagnóstico, me permite levantar alguns aspectos referentes às possibilidades de pensar a região, especificamente as terras ocupadas pelos “pequenos” produtores. No documento, são salientados os danos provocados pelo tipo de atividade produtiva e pela tecnologia empregada, como a utilização do fogo e das madeiras que estariam afetando as condições do solo e da vegetação autóctone.

Juntos, os estudos e o diagnóstico, contribuem para criar a imagem do local como uma região diferenciada do entorno. Classificações contidas nos estudos, como a quantidade de hectares que compõem o local, o lugar de acesso, o tipo de clima; também, as contidas no diagnóstico, como o tipo de tecnologia empregada em relação ao tipo de solo do local, bem como a constatação da degradação ambiental na área, fornecem elementos para a existência objetiva da região de Pampa de Achala como um lugar com características particulares em relação aos demais. É interessante a perspectiva de Bourdieu acerca das classificações e da objetividade dos dados em seus estudos sobre as lutas pela definição da “região”:

‘Toda a tomada de posição que aspire à “objetividade” acerca da existência actual ou potencial, real ou previsível, de uma região, de uma etnia ou de uma classe social e, por esse meio, acerca da pretensão à instituição que se afirma nas representações “partidárias”, constitui um certificado de realismo ou um veredicto de utopismo o qual contribui para determinar as probabilidades objectiva que tem esta entidade social de ter acesso à existência. O efeito simbólico exercido pelo discurso científico ao consagrar um estado das divisões e da visão das divisões, é inevitável na medida em que os critérios ditos “objetivos”, precisamente os que os doutos conhecem, são utilizados como armas nas lutas simbólicas pelo conhecimento e pelo reconhecimento: eles designam as características em que pode firmar-se a acção simbólica de mobilização para produzir a unidade real ou a crença na unidade (tanto no seio do próprio grupo como nos outros grupos), que [...] tende a gerar a unidade real’ (BOURDIEU, 2000, p. 120).

Outro fator, que pode ser analisado a partir dessas contribuições de Bourdieu, presente nestes documentos e que sustenta ainda mais a construção das especificidades do local consiste na sua relevância ambiental.

‘Los pequeños productores ocuparon desde siempre las quebradas y los faldeos de las sierras cerca de los cursos de agua, territorio declarado Reserva Provincial Hídrica, si bien estas zonas son más benévolas en cuanto al clima, poseen un potencial productivo menor.

El uso pastoril intensivo al que es sometido el suelo, y las grandes pendientes locales del terreno, han favorecido procesos erosivos de importancia, que implican una pérdida relevante de suelo y productividad” (CÁCERES, 2001, p. 31).

Juntamente com os demais aspectos, a importância “ambiental” atribuída à região permite compor o quadro da necessidade de um processo de gestação de “novas” alternativas para o local. As restrições impostas devido à questão ambiental agravam-se com a criação de um parque e com a compra pelo Estado das estâncias que empregavam diretamente parte dos moradores. Além disso, o diagnóstico mostra como as alternativas produtivas são afetadas também pela queda do preço da lã. A construção desse contexto fornece elementos para compor o problema social relacionado à diminuição das atividades produtivas e do emprego de mão-de-obra na região.

‘La baja en los precios internacionales de la lana llevó a que paulatinamente la ganadería vacuna desplazara a la ovina, la necesidad de mano de obra temporaria disminuyó drásticamente. Actualmente esta situación se ve nuevamente modificada con la creación del Parque “Quebrada del Condorito”: varias estancias pasaron a manos del Gobierno Nacional, se retiró el ganado y los antiguos puesteros quedaron como trabajadores del Parque” (CÁCERES, 2001, p. 32).

Esse processo de deterioração das condições produtivas, segundo o diagnóstico, implicaria a constituição de uma população sensível à migração. No diagnóstico sobre a região de Pampa de Achala os dados mostram que esse processo está relacionado à falta de oportunidades do local.

“Se observa sobre los 219 pobladores que componen las 44 familias entrevistadas. [...] En exactamente la mitad de las explotaciones visitadas, existe por lo menos 1 emigrado. Esto equivale al 23 % de la población que actualmente vive en las 44 familias entrevistadas. (CÁCERES, 2001, p. 46).

## 2.2 A institucionalização da pobreza e do desenvolvimento

Para uma compreensão mais integral do objeto de estudo, considero necessário pensar como os aspectos anteriormente abordados, referentes à descrição da zona, relacionam-se com a problematização da pobreza e do desenvolvimento.

A construção da “pobreza” da região e a discussão sobre o “desenvolvimento” complementam-se na formulação das políticas para o local. Uma região ao ser vista como pobre, sem alternativas, conforma um lugar propício para a formulação de políticas especiais, naturalizando a implementação de propostas de desenvolvimento. As mesmas são justificadas no momento em que se estrutura uma percepção específica sobre essas situações sociais no contexto institucional.

A “Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación de la República Argentina” - SAGPyA - e seus organismos descentralizados vêm desenvolvendo diversas atividades na tentativa de dar respostas à difícil situação pelas quais atravessam os setores empobrecidos da população rural. Segundo este órgão, existem no país 180.000 produtores minifundiários. Uma das medidas consistiu na criação, em 1993, do PSA, com o objetivo de atender a este tipo de produtor. O Programa em nível nacional envolve uma média de 45.000 famílias de agricultores, das quais 4 % , ou seja 1.823 das famílias beneficiadas, residem na província de Córdoba, onde se concentra este estudo.

No caso específico de Pampa de Achala, a descrição da região acima referida fornece elementos para a construção de uma realidade social empobrecida, relacionada à deterioração e à escassez de recursos naturais; a questões estruturais, como falta de infra-estrutura e tecnologia; e socioeconômicas, como o difícil acesso ao mercado, e as migrações. Noto que o PSA implementado na região absorve esses elementos na descrição das condições das áreas as quais ele atende e na definição de seu público-alvo.

“su situación general de pobreza y la falta de oportunidades los lleva en muchos casos a *migrar* en forma *definitiva*. [...] estos productores se caracterizan por contar con *escasez de los recursos* de tierra y capital, lo cual les impide alcanzar una unidad económica, poseer escasa capacidad de gestión derivada de los *bajos volúmenes de producción* para colocar en el circuito comercial, la falta de accesos a desarrollos tecnológicos apropiados para la optimización de sus recursos productivos” (PROGRAMA SOCIAL AGROPECUARIO, 2001, p. 11, 12).



Alguns problemas anteriormente considerados nos estudos sobre a área, como a migração, a escassez de recursos, a falta de tecnologia, passaram com o PSA a transformarem-se em situações a serem resolvidas, combatidas, para as quais se fornecem soluções como o “desenvolvimento”. Com relação à abordagem do Programa sobre a problemática da migração, no PSA se salienta

“Implica también creer que un proyecto de país equitativo y con una visión de equilibrada ocupación espacial supone el mantenimiento de población rural activa, trabajando en el campo, y generando, a su vez, actividades de servicio en los pueblos y parajes rurales, lo que da vida a una importante red social.

La concepción inversa supone un proceso de concentración humana en las grandes urbes, con todo lo que ello implica en materia de desarraigo familiar, crecimiento de los cinturones de pobreza – y aún, miseria -, necesidad de construcción de infraestructura de todo tipo para atender las necesidades de esas nuevas camadas de pobladores urbanos, aumento de la desocupación, y de índices sociales ciertamente no deseables (inseguridad, drogadicción, etc.). son procesos migratorios originados por expulsión del medio original, y no por demanda genuina de mano de obra de los centros urbanos”(PROGRAMA SOCIAL AGROPECUARIO,1998, p. 6).

Este programa é apresentado como um mecanismo de apoio técnico e financeiro que tem como objetivo levar as populações rurais à superação de suas restrições econômico-produtivas, por meio do fortalecimento associativo dos produtores e das instituições públicas e privadas que se dedicam ao seu atendimento. O objetivo principal está dirigido a melhorar os ingressos dos produtores e a promover sua participação organizada em diferentes esferas públicas. Entretanto, é preciso ver nessa proposta organizativa, que visa a uma certa “participação” dos produtores, a construção do “lugar” que deve assumir a pobreza, na forma como as políticas estatais concebem a sociedade.

Conforme aparece na citação acima é um projeto que se opõe a “concepción inversa” em que os pobres acarretariam “concentración humana en las grandes urbes” tendo como conseqüências “desarraigo familiar, crecimiento de los cinturones de pobreza”. Portanto, esta política revela a necessidade de procurar o melhor lugar para os pobres, manifestada a partir da avaliação comparativa sobre as possibilidades e as conseqüências que, neste caso, oferece a pobreza urbana.

O PSA é considerado pelos organismos estatais um aporte valioso na implementação de uma política de desenvolvimento rural para setores empobrecidos. O Programa objetiva empreender um processo de gerenciamento e controle da pobreza tendo como proposta tornar os produtores rurais “empobrecidos” e sem alternativas em “produtores viáveis”, que possam “otimizar” seus recursos, principalmente, para que não necessitem migrar e aumentar a descontrolada pobreza urbana.

A modalidade de implementação se processa através de empreendimentos associativos destinados à produção, tanto para autoconsumo como dirigida ao mercado. O PSA possui quatro linhas de ação: assistência técnica, assistência financeira, apoio à comercialização e à capacitação. Dessa forma, os pobres poderiam melhorar suas situações, tornarem-se viáveis, aderindo aos créditos e a capacitação oferecida pelos técnicos, o que poderia torná-los “pobres bons”.

A respeito do combate a pobreza, Lautier (2002) destaca que se a discussão anteriormente estava centrada em pobreza e miséria, hoje está sendo construída como pobres bons e pobres maus. De acordo com essa segunda posição cita

“alors que le capitalisme industriel naissant avait besoin de salariés sobres, disciplinés à la fois par leur travail et leur famille [...]. maintenant que le problème politique de la pauvreté de masse est plus engendré par les non-salariés que par les salariés, les bons pauvres sont ceux qui feront tous leurs efforts pour mériter ce qu’on met à leur disposition pour accéder au marché salvateur: crédit, formation technique, et même droits de propriété” (LAUTIER, 2002, p. 150).

Neste trabalho, considera-se o desenvolvimento e a pobreza para além de questões meramente econômicas. Assumo a perspectiva de Lautier, que considera o desenvolvimento “telle quelle est posée depuis un demi-siècle, a toujours été une question d’abord politique, de politique économique, bien sûr, mais aussi une question de rapports de pouvoir” (Lautier, 2002 p. 139). Logo, a discussão de pobreza ligada ao desenvolvimento permite reconhecer a construção deste como problema social imerso em relações de poder.

A formatação dos aspectos objetivos mencionados em uma categorização da região como pobre implica a naturalização de processos de dominação. A imposição de um estilo de vida a partir de propostas intervencionistas acarretam a desqualificação da percepção dos

moradores a respeito de suas formas de conceber o local e tenta os condicionar a pensarem suas atividades com maior dependência do mercado e das políticas públicas.

No que se refere à institucionalização da pobreza, Anjos (2003) no estudo sobre raça e pobreza rural, menciona os seguintes aspectos a serem considerados:

‘A noção de pobreza é, também ela, uma categoria problemática pela fragilidade das pretensões de universalização dos critérios definidores do *status*, quando estão em questão culturas e sociedades diferenciadas. Pobreza é um caso típico de conceito popular contrabandeado para a linguagem científica de modo acrítico e que carrega, por isso, uma dimensão inconsciente que é a própria história social das lutas em torno da categoria. É preciso considerar que definições objetivas do que seja a pobreza são não apenas objetos de controvérsia e lutas sociais entre instituições profundamente engajadas em modelar as arenas públicas de intervenção sobre populações assim consideradas, mas também que, em diferentes circunstâncias, grupos sociais estão mais ou menos propensos a se assumir no interior da categoria conforme as vantagens que tal identidade possa momentaneamente proporcionar e que atores externos nem sempre têm poder de imputação de uma identidade – de pobre – que é quase sempre estigmatizante’ (ANJOS, 2003, p.3).

Anjos (2003) enfatiza, na análise da “pobreza”, a necessidade de atentar tanto às lutas por uma definição específica desta categoria, empreendidas pelas instituições, como ao processo de engajamento no jogo por parte dos produtores.

A vinculação mais direta entre o tema do desenvolvimento rural e o da pobreza aparece apenas nesta última década. Para Navarro (2000), a questão do desenvolvimento aparece em dois períodos distintos: um que se iniciou após a Segunda Guerra Mundial e se estendeu até o final dos anos 1970 e outro nos anos 1990. O primeiro período corresponde aos momentos de crescimento econômico, em que se incorporou em nível de produção agrícola um padrão tecnológico, em que o âmbito rural era considerado um setor produtivo agrícola e em cujas atividades engajava-se uma grande parte da população. Este padrão tecnológico acarretou nos sistemas produtivos a definição do tipo e da quantidade de insumos a serem utilizados no processo, como também a utilização de recursos e a organização da mão-de-obra, produzindo um forte impacto sobre a estrutura socioprodutiva.

O mesmo autor considera que na década de 1980 a crise ambiental e econômica trouxe uma nova discussão sobre o desenvolvimento rural, chegando ao auge nos anos 1990. Período em que ocorreu também o afloramento da discussão sobre pobreza. Para Navarro, as soluções

propostas pela agricultura convencional, orientadas a aspectos técnicos e econômicos, não permitiram dar conta de questões mais complexas. Para isso seria necessário abordar a realidade desde uma perspectiva integral, considerando questões agrônomicas, ecológicas e socioeconômicas.

Foi no âmbito dessas discussões acerca da complexidade do mundo rural que, na República Argentina, no ano de 1993, conjuntamente com outro tipo de ações, decidiu-se apoiar o setor que denominam “pequeno produtor” com o objetivo de avançar no desenvolvimento do país. Assim, aparecem os projetos e os programas, tais como o PSA, que começaram a integrar-se a diferentes setores com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento deste tipo de produtores.

### **2.3 O relato dos produtores de sua condição de pobres**

As estratégias de reprodução social dos produtores na região de Pampa de Achala estão centradas nas atividades pecuária e artesanal e na venda de mão-de-obra. Entretanto, segundo o diagnóstico acima referido: “se ha observado un progresivo deterioro de este tipo de actividades productivas”. Procuro, nesta seção, entender como os produtores interagem e percebem a problemática instituída acerca dessa “deterioração” das possibilidades produtivas a partir de uma trama histórica de relações.

A importância, dentro deste estudo, de considerar a percepção dos produtores no que concerne à pobreza, consiste no fato de permitir desvelar como eles concebem a passagem de um universo mais centrado em relações produtivas “locais”, com vínculos tradicionais, como a articulação na dinâmica das estâncias, a uma região rural, considerada sem alternativas, alvo de políticas especiais.

Ao trabalhar com relatos acerca da história da comunidade, necessito reconhecer que a referência ao passado passa pela sua reinterpretação em uma construção presente. É interessante a perspectiva proposta por Bourdieu de considerar o recurso ao passado como imerso no processo de interação dos agentes sociais, portanto, no jogo político. Para Bourdieu “as formas práticas de prospecção e retrospectiva [...] excluem a posição do futuro e do passado como tais”, sendo o passado “como a reconstrução respectiva de um passado ajustado às exigências do presente [...] e, sobretudo, o futuro, com a previsão criadora [...] continuamente invocados para determinar, delimitar, definir o sentido, sempre aberto do presente” (BOURDIEU, 2000, p. 140).

A partir dessa perspectiva, com relação à investigação, penso que pode ser estratégico para os produtores mostrarem-se como sem recursos, como beneficiários “ideais” das propostas políticas. Lautier, no estudo da postura do Banco Mundial acerca do combate a pobreza, considera que nesse jogo as instituições que combatem a pobreza impõem “il leur est demande de comprendre tout ce que on fait pour eux, et d’en profiter” (LAUTIER, 2002, p. 158).

Considero importante enfatizar que a construção por parte dos moradores de sua condição de “necessitados”, além de ser olhada como uma estratégia desses agentes diante dos benefícios oferecidos, deve ser pensada como imersa em um processo de dominação.

No estudo sobre a abertura do universo camponês, Bourdieu destaca:

“O efeito de desmoralização exercido por uma representação pessimista do futuro da classe contribui para o declínio da classe que o determina. [...] a concorrência econômica e política entre as classes se dá também por intermédio da *manipulação simbólica do futuro*: a previsão, essa forma racional da *profecia*, é capaz de favorecer o advento do futuro que profetiza.” (BOURDIEU, 2000b, p. 116).

Esse efeito de desmoralização, destacado por Bourdieu, pode ser observado em parte das iniciativas de determinados órgãos públicos com relação à região de Pampa de Achala, como destacado anteriormente. Em maior ou em menor grau, ao assumirem a percepção do declínio da região e a identidade legitimada pelas políticas que lhes é atribuída, os produtores inserem-se em um processo de violência simbólica<sup>3</sup>. Violência simbólica consiste na

“coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, a dominação), quando dispõe apenas para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhados entre si e que fazem surgir essa relação como natural, pelo fato de serem na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação (BOURDIEU, 2001, p. 206, 207).

Esse processo de violência simbólica decorre da adesão a uma perspectiva de futuro, enquanto principal saída diante da situação de crise. Para Bourdieu essa manipulação ocorre

porque os agentes sociais “interiorizaram seu futuro objetivo, e a representação que deles têm os dominantes, que têm o poder de contribuir para fazê-lo por suas decisões”. O autor destaca, no seu estudo acerca da abertura do mundo camponês, que ao adotarem a perspectiva de futuro legitimada os “camponeses realizam ações que tendem a ameaçar a sua própria reprodução” (BOURDIEU, 2000b, p. 117).

A pobreza na narrativa dos moradores aparece ligada à transformação do local: de um passado em que era possível viver na pampa com dificuldades, para um espaço vazio de oportunidades, onde aquela “pampa ya no existe”. Alguns fatos, principalmente o fechamento das estâncias e a criação de um parque ambiental, são destacados como responsáveis pela mudança ocorrida na região.

Penso que as relações historicamente constituídas entre as estâncias e os campos de pequenos produtores faziam parte de um universo mais centrado nas relações locais, em que a reciprocidade e o engajamento em diferentes formas de trabalho passava por vínculos e valores tradicionais. As estâncias possuíam maiores extensões de terras, ocupavam as partes altas e contavam com as melhores pastagens. Seus donos eram proprietários das terras e dedicam-se principalmente à pecuária. Os campos ocupados pelos produtores consistiam naqueles com menores extensões, localizados nas encostas. Esses produtores, ainda hoje, geralmente não dispõem da propriedade como os das estâncias, pois possuem a propriedade indivisa das terras, obtida a partir da partilha de antigos terrenos.

A percepção das mudanças está ligada à forma como os produtores organizam a produção em seus campos, que permanece fortemente articulada com as relações sociais por meio das quais compram e vendem produtos; a distribuição e o acordo sobre o manejo de terras, a posse de animais de terceiros e a venda da força de trabalho em diferentes atividades. Os sistemas de produção dos moradores, ainda hoje, são influenciados pela posse comunitária da terra pela família, ou o que se denomina de campos abertos, e pelo trabalho temporário prestado às estâncias da região.

Com a decadência da maioria das grandes estâncias de criação de ovelhas e da produção de lã, as oportunidades de trabalho para os homens e as mulheres que moram nos campos

---

<sup>3</sup> Violência simbólica consiste na “coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, a dominação), quando dispõe apenas para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhados entre si e que fazem surgir essa relação como natural, pelo fato de serem na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação (BOURDIEU, 2001, p. 206, 207).

menores escassearam. Nesse sentido, Bourdieu, ao discutir a abertura do mundo camponês, destaca que “o que está em jogo no conflito sobre as representações do futuro não é senão a atitude das classes em declínio diante desse declínio” (BOURDIEU, 2000b, p. 117).

A percepção sobre um espaço em que as oportunidades produtivas estão desaparecendo é destacado pelos moradores:

“Antes había mucha estancia, se trabajaba en las estancias con los animales porque antes había mucho trabajo en las estancias, tanto para los hombres como para las mujeres” (produtora do grupo Cerro Hermoso, 40 anos).

É interessante notar que para os produtores, o trabalho que realizavam nas estâncias contribuía para a permanência no local.

“Pues la estancia era la fuente de trabajo de todos los apellidos habidos y por haber es muy poco la gente que no haya trabajado en estancias la mayoría, en algún momento trabajó en estancia” (produtor do grupo Cerro Hermoso, 35 anos).

Dessa forma, o que entra em jogo com a diminuição das oportunidades laborais pelo fechamento das estâncias é a própria condição de vida no local. Muitas vezes, esse passado em que havia mais condições de trabalho e permanência no local é atribuído a tempos remotos.

“Somos la sexta generación, después hemos perdido el conocimiento, siempre mi abuelo siempre se acordó de cuidar cabras y ovejas, nunca de él, siempre fue medianero siempre de otro, eran muy pocos los propietarios” (produtor do grupo Cerro Hermoso, 35 anos).

Os produtores destacam que os homens, nas estâncias, ocupavam as atividades de “puesteros”, também chamados de “medieros”.

Os “puesteros” realizavam trabalhos com o gado e, também, ligados à infra-estrutura, como a construção de taipas e a manutenção de cercas.

“Todo lo que es animales, vacunarlos, cuidarlos, esquilar las ovejas, bañarlas” (produtor do grupo Potrero de Gero, 40 anos).

Aqueles que trabalharam como “puesteros” recebiam animais como forma de pagamento pelo trabalho realizado nas estâncias, o que possibilitava a capitalização de suas manadas.

“Cuidaban mucha majada de oveja, en Trinidad llegó a haber 12, 13000 ovejas eran puesteros y cuidaban y tenían una ganancia en animales y les daban animales como parte de pago”, “antes en cada estancia había 5 o 6 puestos y cada uno tenía su grupito de ovejas del mismo patrón, el patrón le daba un lote a uno y otro” (produtor do grupo Potrero de Gero, 50 anos).

Além desses trabalhos permanentes, os moradores referem-se à realização de trabalhos temporários. As mulheres prestavam serviços domésticos nas fazendas e os homens em períodos de maior demanda de mão-de-obra, como no momento de tosquiamento das ovelhas, complementavam os serviços no trato com os animais e na manutenção da infra-estrutura.

“En el verano que venía gente o sea los dueños que venían con chicos, ocupaban para hacer, la cocinera, la labatera” (produtora do grupo Cerro Hermoso, 40 anos).

“Cuando yo me acuerdo de chico, 10 años se esquilaba a tijera y estaban 1 a 2 meses esquilando” (produtor do grupo Potrero de Gero, 50 anos).

Os produtores citam as estâncias de La Trinidad e de San Miguel como as que mais ofereciam trabalho, hoje afetadas pelo *Parque Nacional Quebrada de los Condoritos*. Antes das limitações ambientais impostas com a criação do parque, dedicavam-se à criação do gado ovino, bovino e nas regiões menos frias também ao caprino. Destacam que seus sistemas produtivos estavam estruturados em três eixos: a produção animal, o artesanato e a venda de mão-de-obra. Comercializavam o couro e a lã, aproveitando a carne para uso doméstico ou para a troca dentro da comunidade. No verão, comercializavam também os cordeiros e os cabritos através de intermediários que os levavam às cadeias de restaurantes e a hotelaria da zona de Traslasierra.

Com a forte existência do gado ovino, a extração de lã fornecia um produto de um alto valor no mercado o que permitia a manutenção da família nos alimentos básicos ao longo do ano.



“En aquel tiempo no solamente se aprovechaba el cuero, sino la lana ellos esquilaban a fin de año y vendían la lana y con esa plata se compraba la mercadería” (produtor do grupo Potrero de Gero, 50 anos).

“Se esquilaba en diciembre y se compraba todo arroz, azúcar, fideo, polenta, harina, aceite” (produtora da comunidade San Mateo, 72 anos).

Os trabalhos artesanais realizados em lã e couro consistiam em colchas, cobertores, *caronillas*, *alforjas* e artefatos de couro como *pellones*, laços, cintos e arreios. A venda dos produtos de lã era realizada por meio dos armazéns da região e os artesanatos em couro em diferentes pontos da serra e nas estâncias.

O artesanato representava uma alternativa para os mais jovens que, sem capitais, se iniciavam no trabalho.

“Antes como no había posibilidades de ir a estudiar porque muchos no tenían donde estar y tenías que pagarte donde estar o pagarte el estudio entonces era como que te *enseñaban la artesanía* y te dejaban libre para que vos con eso, hagas lo que querías” (produtor do grupo Potrero de Gero, 25 anos).

Quando destaco que é o modo de vida que entra em declínio, além de considerar as restrições objetivas sentidas pelos produtores com relação às atividades tradicionalmente desenvolvidas, gostaria de salientar que essas atividades “trazidas” do passado para ilustrar as transformações da zona não oferecem uma perspectiva de saída da crise. Está em jogo muito mais a ascensão a uma forma de vida que contemple a satisfação dos novos valores que o resgate ou a manutenção da forma de vida passada. Como destacado acima na citação do morador, o artesanato, que poderia ser considerado como atividade tradicional, só consiste em estratégia diante da impossibilidade de estudar (parte dos novos valores que se impõem na pampa).

Dessa forma, ao se referirem à época em que o artesanato representava uma importante estratégia produtiva para os jovens, em que haviam mais oportunidades laborais nos campos, os moradores procuram mostrar como era viver todo o ano com a venda de produtos, em uma vida com maiores restrições alimentares e de vestimenta e pouco investimento em educação.

“Ellos podían comer lo que pasa es que *no existía nada* que fuera consumismo, se llevaba una vida digo por anécdotas de mis padres, era *una vida dura* además de en el trabajo, vestirse me contaban que usaban *una alpargata*, cuando pasabas los 18 o los 20, antes de eso descalzos y de poca vestimenta y sino ojotas de cuero atada con tiento una cosa muy precaria... también las comidas *muy precarias* un tío mío decía que a la mañana le daban un puñado de maíz pururu y le daban en los bolsillos y tenía que volver a la tarde recién con las cabras, cuando volvían, cenaban no había almuerzo no había comida intercalada” (produtor do grupo Potrero de Gero, 35 anos).

Eles recordam uma pampa em que as condições de vida eram duras, moravam em casas isoladas, as famílias eram numerosas. Consideram que os processos migratórios, a saída dos moradores aos centros urbanos, consistiam na possibilidade de fuga dessa vida.

Para esses produtores, o local passou por profundas transformações depois da saída dos moradores da região, como o fechamento das escolas por falta de alunos e a diminuição da venda de produtos.

“Yo pienso que esos años no vuelven nunca más” (produtor do grupo Potrero de Gero, 50 anos).

Além de atribuírem o esvaziamento da região à busca por um novo padrão de vida e às novas expectativas de consumo, destacam que a matéria-prima (o couro, a pele e as plantas medicinais) e os produtos artesanais diminuíram de valor.

“Antes valían mucho, valía mucho la lana, valían los cueros, las pieles, las colchas, después todo valía cada vez menos, menos valían las cosas” (produtor do grupo Potrero de Gero, 50 anos).

Estaban las estancias grandes y todas las estancias ocupaban gente 6, 8 en cada estancia y después valía el cuero, valía la lana, valía el berilo que le llamábamos, que sacábamos las piedras vendíamos y era plata eran canteras de berilo, las pieles del gato montés, del puma, del zorro, las piedras, las pieles todo eso ya no compran mas, todo eso valía plata y ahora ya no vale más nada y hace mucho que no vale mas nada, y entonces ya no hay más que hacer, (produtor do grupo Potrero de Gero, 45 anos).

Somada a diminuição das possibilidades externas de trabalho ligadas aos serviços temporários e permanentes que os moradores prestavam nas estâncias e aqueles relacionados à comercialização, referem-se que, nos seus próprios campos, houve uma redução da capacidade de criação de animais.

“Lo que ha modificado mucho en la zona el hecho de tener animales es que en otras épocas *lugares donde podías tener 200 vacas hoy puedes tener 20* pues la sierra fue talada y eso se nota mucho, la degradación ha ocurrido en poco tiempo y va muy rápido, y se notó la forma en que se degradó y que se degrada día a día” (produtor do grupo Cerro Hermoso, 35 anos).

Pode-se pensar que uma das razões dessa manifestação dos produtores, sobre a diminuição das oportunidades de trabalho, esteja, em parte, ligada à criação do Parque Nacional Quebrada de los Condoritos, no ano de 1996. Esse fato acarretou a expropriação das grandes estâncias, o desaparecimento das manadas e a diminuição dos serviços. A venda de mão de obra e a comercialização do artesanato foram bruscamente afetadas com a política ambiental imposta<sup>4</sup>.

O fechamento das estâncias acarretou a diminuição das demandas pelo artesanato em couro que ofereciam.

“Ya no se usan mucho los lazos, la cincha, antes con las estancias se usaban mucho y ya no” (produtor do grupo Potrero de Gero, 45 anos).

A lã que anteriormente possuía um grande valor comercial na venda, hoje, pelas mudanças ocorridas no mercado, perdeu parte do preço quando vendida como matéria-prima, sendo necessário trabalhá-la e transformá-la em artesanato, agregando-lhe valor. Este trabalho é realizado tanto por homens como por mulheres e crianças.

“Hoy si no se hila hay que tirarla” (produtora do grupo Cerro Hermoso, 40 anos).

---

<sup>4</sup> As restrições as atividades dos produtores rurais relacionadas a implementação de políticas ambientais foram destacadas e fortemente problematizadas em Diegues (2001) e Diegues (2000).

Os produtores permanecem dedicando-se ao artesanato, à criação de animais e à venda de mão-de-obra. Apesar da diminuição e das mudanças ocorridas com o fechamento de parte das estâncias, as que restaram permanecem oferecendo alguns postos temporários de trabalho.

“Hacía changas por semana, dos días por semana, pintar las casas, pintar los techos, podar los sauces” (produtor do grupo Cerro Hermoso, 30 anos).

Porém, no que diz respeito às atividades desenvolvidas na pecuária, os trabalhadores destacam que não consistem mais nas mesmas tarefas e, também, que estas não geram as compensações que anteriormente recebiam.

“Tareas de campo, vacas, alambre, juntar las vacas, vacunar hacer inseminación arreglar alambre, hacer alambre nuevo, guardaganados...les daban una parte de animales y otra parte de sueldo y ahí tenían lo propio, pero en los últimos años no va quedando nada” (produtor do grupo Potrero de Gero, 50 anos).

A falta de oportunidade de trabalho no local se acirra diante das novas necessidades que são impostas aos moradores pelas mudanças no contexto socioeconômico. As alternativas a serem pensadas além de não poderem se restringir às atividades antes desenvolvidas pelas limitações impostas e destacadas pelos moradores, precisam responder à ampliação do consumo das famílias. Na medida em que os moradores passam a ver a sua condição social em comparação com o mundo urbano, penso que se armam as condições para que a manipulação simbólica do futuro ocorra.

Observa-se que as novas necessidades de consumo, como a roupa e o calçado, não são abastecidas com recursos da zona, pressionando os trabalhadores a terem que monetarizar suas economias. Novos valores geram expectativas de consumo relacionadas ao vestuário e a comida, antes resolvidas a partir dos recursos existentes no local.

“Para mis hijos por ejemplo, para vivir ahora los chicos quieren un pantalón unas zapatillas ya buscan para trabajar” (produtora do grupo Potrero de Gero, 45 anos).

Na percepção de uma produtora a adesão a esses valores provoca diferenciações antes inexistentes.

“Antes todos tenían la misma vida y ahora no” (produtora do grupo Cerro Hermoso, 40 anos).

Entre as atuais expectativas, percebi que existe uma preocupação por parte dos pais de investirem em educação, abrindo possibilidades para os filhos que desejam estudar. Isto produz uma grande tensão e exigência econômica, pois nas escolas locais os alunos conseguem apenas acabar o primário, tendo que se deslocar posteriormente para os centros urbanos. Para a permanência nos centros urbanos necessitam investir em alojamentos e em comida. Atualmente, esses estudantes encontram abrigo também em casas de parentes ou com outras pessoas que migraram e estão morando nas cidades.

Outro fator destacado pelos produtores como uma nova necessidade consiste na diversão. Destacam que no passado “se daba pasando nomás” e hoje os jovens emigram pois “tampoco hay distracciones en la pampa”.

A construção da rodovia asfaltada que une a capital da província com a zona de traslasierra também é percebida pelos moradores como motivadora das transformações no local.

“De todos lados la ruta trajo muchas cosas buenas, el intercambio de conocimiento social el intercambio de culturas pero también mucha gente de afuera y viene de todo” (produtor do grupo Potrero de Gero, 45 anos).

Esta rota tornou-se a artéria que corta a Pampa, ao mesmo tempo em que encurtou distâncias, acentuou diferenças. O fato de os produtores estarem à margem desta estrada parece colocá-los mais próximos do que sabem que estão longe.

Com relação ao artesanato, o “caminho” passa a fazer parte das estratégias de reprodução social, pois, ao abrir as portas ao turismo, possibilita a ampliação da variedade de produtos oferecidos e das vendas. Os produtos também são levados a armazéns de Alta Gracia, la Cumbrecita e Mina Clavero; são vendidos nas casas instaladas na nova rodovia ou nos *fortines gauchos*<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup>Festas gaúchas que ocorrem na região serrana e têm como objetivo recupar antigas práticas e propiciar um espaço de reunião e de troca de mercadorias. Segundo um produtor: “vendemos artesanías hacemos juegos, destrezas gauchas como antes, el tema de pialar terneros hacemos concursos premios”.

“El hecho de la ruta, eso le cambió la vida a mucha gente, de pronto conocer otras cosas otros lugares poder ir más rápido al pueblo y volver” (produtor do grupo Cerro Hermoso, 30 anos).

Ao se instalarem à margem da rodovia, alguns produtores passaram a estabelecer vínculos mais diretos com o mercado, eliminando a dependência da intermediação. O fato de essa estrada unir pontos referenciais com a província, torna, também, mais fácil o acesso à saúde e ao transporte. A construção desta estrada gerou postos de trabalho temporários durante vários anos para os “lugareños” e, apesar de seu término, ainda aparecem trabalhos esporádicos de manutenção ou em alguma obra ligada ao setor turístico, como a recuperação dos prédios dos hotéis.

Além disso, o comércio praticado pelos produtores no sistema tradicional, baseado em relações de troca, em que não era necessária a monetarização, passou a tornar-se mais complexo por questões como a exigência de normas e de impostos para os quais estas economias estruturalmente se vêem impossibilitadas de enfrentar.

“Nosotros vendíamos un poco de carne, ahora como está prohibido tampoco se vende para ningún lado se vende todo a las *escondidas* para sacarle un peso a los animales” (produtora do grupo Cerro Hermoso, 40 anos).

Na interpretação que esses produtores realizam do passado, recorrendo à história da comunidade, pude perceber que sentem as transformações em relação a suas estratégias produtivas e ao consumo. As mudanças referidas com relação à necessidade de novas vestimentas, à compra de alimentos, à escassez de postos de trabalho e às expectativas de formação e de diversão indicam a passagem de uma pobreza integrada ao ambiente de suas possibilidades para uma pobreza dependente de novos valores, de novos mercados, de novas limitações estruturais.

Na percepção dos produtores sobre as transformações pelo qual passa o local em que vivem e de suas próprias vidas, notei a construção de uma imagem acerca das oportunidades, principalmente de trabalho, como tendo sido dissolvidas. Para tentar entender esse processo, são interessantes as considerações que Bourdieu traz sobre a “abertura” das comunidades que antigamente viviam fechadas em suas próprias capacidades, possibilidades e expectativas, que denomina comunidades fechadas do mundo camponês.

“o conjunto dos processos que, na ordem econômica, mas também e sobretudo simbólica, acompanharam a abertura objetiva e subjetiva do mundo camponês (e, de um modo mais geral, rural), neutralizando progressivamente a eficácia dos fatores que tendiam a garantir a autonomia relativa desse mundo e a tornar possível uma forma particular de *resistência* aos valores centrais: ou seja, para citar apenas os mais importantes, a pouca dependência em relação ao mercado, principalmente em matéria de consumo, graças ao privilégio concedido a ascese do autoconsumo (de que a homogamia é um aspecto) e o isolamento geográfico, reforçado pela precariedade dos meios de transporte (caminhos e veículos), que tendia a reduzir a área de deslocamentos e a favorecer o fechamento num mundo social *de base local*, impondo ao mesmo tempo a interdependência e o interconhecimento para além das diferenças econômicas ou culturais” (BOURDIEU, 2000b, p. 99 -100).

Este contexto apresentado compõe o cenário no qual se engendram as possibilidades de posicionamentos com relação às propostas de desenvolvimento. Por um lado, os produtores referem-se ao declínio das possibilidades produtivas que ameaça a permanência no local. Por outro lado, novos valores os incitam na busca de alternativas que não encontram no passado um referencial direto, sendo que requerem economias mais monetarizadas. É neste espaço de crise das formas tradicionais de vida, expressa pelos moradores, bem como da instalação de um novo mercado simbólico e econômico impulsionado pelos processos econômicos e políticos, assim como pelas políticas pensadas para a região, que analiso a implementação do PSA.

Nesse sentido, nos próximos capítulos, procuro mostrar o espaço de tomadas de posição configurado pelos produtores, relacionando o engajamento deles às propostas de desenvolvimento. Analiso a hipótese de que existem diferentes graus de adesão dos produtores a essas propostas, e que estão relacionados com a heterogeneidade das suas trajetórias sociais, ocupacionais e econômicas.

Nos dois próximos capítulos, respectivamente abordo este processo a partir dos grupos de produtores constituídos com a finalidade de participar do PSA nas comunidades de Potrero de Gero e de Cerro Hermoso. Verifiquei que os agentes envolvidos no programa citado possuem diferentes capitais acumulados ao longo de suas trajetórias, que se manifestam em diferentes lógicas de engajamento. Posteriormente, no último capítulo do trabalho, apresento uma comunidade não contemplada pelo programa, como caso paradigmático, contrapondo em alguns

aspectos pertinentes aos dois primeiros casos, de forma a apurar a compreensão do processo de implementação.



### **3 LÓGICAS DE ENGAJAMENTO DOS PRODUTORES DO GRUPO CERRO HERMOSO**

O objetivo deste capítulo consiste em identificar as lógicas de engajamento dos produtores familiares de Cerro Hermoso que aderem à proposta de desenvolvimento do PSA. Procuo enfatizar tanto o engajamento destes enquanto pertencentes a um grupo comunitário, como as heterogeneidades existentes no interior da comunidade que permitam explicitar as relações de poder internas.

Em um primeiro momento, apresento a comunidade de Cerro Hermoso no que se refere a seus aspectos estruturais mais amplos e gerais, para, em um segundo momento, analisar as trajetórias e estratégias dos agentes, que permitam explicar a emergência de diferentes tomadas de posição, colocadas em relação àquelas dos outros agentes.

Partindo da correlação entre as trajetórias sociais e ocupacionais dos produtores envolvido,s, da identificação dos diferentes capitais por estes portados e das posições assumidas no espaço social, considero que, enquanto grupo, estes produtores engajam-se a partir de uma lógica apropriacionista.

#### **3.1 O Grupo Cerro Hermoso**

A comunidade de Cerro Hermoso localiza-se a 15 km da estrada principal. O acesso até o centro da vila, onde se encontra uma das dez escolas da região, denominada Martín Fierro<sup>6</sup>, se dá por estradas de terra bastante íngremes. Mesmo assim, o caminho mais transitável é o que leva até a escola, pois para se chegar até as demais casas existem apenas trilhas. Em algumas épocas do ano, torna-se impossível o acesso ao local por meio de veículos comuns.

O PSA atinge nesta localidade cerca de 14 famílias. A maioria das famílias contempladas tem o sobrenome Lopez.

A distância geográfica do local se acentua como distância social quando é colocada em relação às novas demandas das famílias rurais, como a educação secundária. Uma característica que merece destaque consiste na intensa adesão dos mais jovens ao ensino e ao mundo urbano. Ao contarem somente com uma escola de primeiro grau na região, o acesso ao secundário pressupõe a transferência para a cidade. Nesse sentido, pude observar que os níveis de instrução da comunidade mostram uma estreita relação com a idade dos habitantes, pois 100% das pessoas que se declaram maiores de 50 anos são analfabetas, analfabetos funcionais ou com o primário incompleto. Cerca de 100% dos moradores com menos de 35 anos finalizaram o estudo primário. Os jovens, que já completaram os estudos primários e têm menos de vinte anos de idade, estão cursando os estudos secundários no meio urbano, existindo um único caso de desistência, no qual o morador decidiu continuar trabalhando na unidade familiar.

A estrutura atual de um núcleo familiar consiste em uma média de quatro filhos nos matrimônios cuja idade média dos cônjuges é de 30 anos. Os produtores ocupam suas casas de forma permanente, sendo encontradas diversas situações, desde a convivência de vários núcleos familiares até unidades de apenas uma pessoa.

A idade média do titular das terras nesta comunidade é de 52 anos. Existem apenas três unidades familiares com titulares homens com menos de 35 anos, representando 30% da amostra. Estes núcleos caracterizam-se por estarem constituídos por matrimônios e filhos em idade escolar.

As diferentes condições sócio-econômicas em que se encontram os produtores rurais são reificadas no estilo das casas e na situação fundiária. Encontrei uma relação direta entre a forma de propriedade e o tipo de casa, detalhando os aspectos concernentes às terminações, ao acesso à água e ao banho. Constatei que 60 % das famílias reconhece como forma de aquisição da moradia a herança, a doação ou o empréstimo. Nesses casos, as construções são de adobe ou de pedra, com pisos de cimento ou ladrilho fixo, tetos de papelão, cana ou palha com barro. A água utilizada deriva do rio, das nascentes ou vertentes e é transportada por meio de encanamentos até

---

<sup>6</sup> A escola Martín Fierro é uma das dez escolas da Pampa de Achala que estão ainda hoje em funcionamento, mesmo depois de ter sido aplicado uma lei de redução das escolas e a conformação de escolas núcleos. Porém, mesmo assim pude notar uma redução drástica do número de alunos, antigamente ela recebia uma média de 25 alunos, hoje possui uma média de 9 alunos, com apenas um professor que se dedica tanto às questões educativas como de direção.

as casas. Nos banheiros, não há privada com descarga de água; para o sistema de iluminação utilizam o querosene, o petróleo, o álcool ou o gás.

Os 40% restante das famílias residem em casas próprias ou em vias de aquisição, aparecendo em cerca de 50% destas casas a utilização de materiais de fibrocimento na construção dos tetos.

Com relação à quantidade e à situação da terra, identifiquei que este grupo possui terrenos com uma superfície média de 163 hectares de campos não cercados. Entretanto, esta média não nos permite reconhecer nem a heterogeneidade relacionada ao tipo de propriedade, nem as diferenças em termos de quantidade de terras.

A partir de um olhar mais apurado, pude constatar que existem moradores que possuem campos que atingem 420 hectares, com títulos de propriedade, em contraposição a outros que possuem vinte vezes menos superfície, como , por exemplo, a situação de quatro famílias que compartilham um campo de 94 hectares em sucessão indivisa.

A localização da morada, a propriedade e a quantidade de terras possuída constituem-se em recursos importantes com os quais os moradores contam para elaborar suas estratégias produtivas. As principais estratégias desenvolvidas por este grupo consistem, principalmente, na pecuária e no artesanato. Com relação à pecuária, os produtores possuem rebanhos de gado bovino e, em menor quantidade, de gado caprino e ovino e aves. Também possuem equinos e muares utilizados para locomoção e para trabalho. Esses produtores não realizam contratação de serviços em 100% dos casos. Além dessas atividades, realizam trabalhos fora da unidade produtiva. Em 40% dos casos, algum integrante da família realiza tarefas fora da unidade de produção: das quais 100% das mulheres trabalham como empregadas domésticas em empregos temporários e os homens exercem funções como a de motorista ou de peão.

Os ingressos brutos obtidos com o artesanato consistem em quase o dobro dos ingressos brutos obtidos com o gado, existindo produtores dedicados quase exclusivamente ao artesanato.

### **3.2 A escuta da história e as próprias razões**

Nesta parte, busco mostrar a heterogeneidade das trajetórias e dos posicionamentos dos agentes sociais no seio da comunidade de Cerro Hermoso.

Os aspectos que contribuem na análise dos posicionamentos internos no grupo estão sistematizados no quadro abaixo.

**QUADRO 1** Dados do grupo Cerro Hermoso

	Produtores subgrupo I	Produtores subgrupo II
Aspectos diferenciais	os homens assumem o papel de “chefes de família” alternativas de reprodução familiar não tradicionais investem em capital social	As mulheres assumem o papel de “chefes de família” alternativas de reprodução familiar tradicionais não investem em capital social
Estratégias	Pecuária Artesanato Ecoturismo	Pecuária Artesanato
História migratória	Fraca	Fraca
História organizativa	Citam participação em experiências organizativas e valorização positiva do organizativo	Não citam participação em experiências organizativas e indiferença com relação ao organizativo
Relação com instituições	Forte	Forte
Visões	De futuro	Otimista
	De parque	Otimista
	De urbanidade	Pessimista

(fonte: entrevistas realizadas em 2002)

As posturas otimistas manifestam esperança, projeções e vantagens nos aspetos abordados nas entrevistas, em contraposição às pessimistas

Reconhecer as diferentes trajetórias dos produtores permite explicar, em função das propriedades que estes carregam, as posições que ocupam no espaço social e relacioná-las com suas estratégias produtivas e com suas tomadas de posição frente às propostas de desenvolvimento.

Continuando nesta linha de análise, a partir das entrevistas realizadas construí as trajetórias salientando aspectos pertinentes para pensar os capitais acumulados pelos agentes sociais tanto a partir de dados mais formais, obtidos a partir do banco de informações sistematizadas pelo PSA, como de outros dados revelantes, destacados pelos agentes em momentos específicos de seus relatos.

Com o objetivo de fazer surgir alguns possíveis posicionamentos que só aparecem no momento que estes são pensados em relação a outros, considereei pertinente recuperar as trajetórias e as estratégias de cinco produtores deste grupo.

Assim, reconstruí as trajetórias dos produtores que atuam como representantes junto ao PSA ou participam ativamente das questões organizacionais e produtivas. Juntamente com a análise das trajetórias, procurei explicar as estratégias de reprodução familiar<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> As estratégias familiares destes produtores são consideradas a partir da seguinte noção: “el desarrollo activo de líneas objetivamente orientadas que obedecen a regularidades y forman configuraciones coherentes y socialmente inteligibles, es decir comprensibles y explicables, habidas cuentas de las condiciones sociales externas e incorporadas por quienes producen las prácticas” (GUTIÉRREZ, 1995).

A partir das regularidades constatadas na análise das trajetórias e das estratégias procurei reagrupar os produtores deste grupo em dois subgrupos distintos. O primeiro subgrupo caracteriza-se por serem os homens que assumem o papel de “chefes de família” e por buscarem alternativas diferentes às formas tradicionais na procura de melhores estratégias de reprodução familiar. Além de se dedicarem à pecuária e ao artesanato, prestam serviços como guias, almejam trabalhar com o ecoturismo e inserem-se nos projetos de desenvolvimento. Para a concretização de suas aspirações, estes produtores investem em vínculos pessoais, o que lhes proporciona um capital de relações maior que o portado pelos integrantes do segundo subgrupo, também maximizam a possibilidade de utilização de mão-de-obra familiar em novas funções e valorizam suas experiências em questões organizativas.

A primeira trajetória evidenciada neste subgrupo é a do produtor Alfonso. Alfonso tem 35 anos, possui 30 hectares em situação de posse. Vive na localidade com sua esposa e quatro filhos, dois menores de idade e dois cursando estudos secundários no centro urbano.

Este produtor migrou durante alguns meses para a cidade e, por razões familiares, decidiu voltar. Foi estimulado a permanecer na região, desenvolvendo atividades relacionadas ao artesanato, como a maioria dos jovens. Vivendo com seus avós e com seus pais artesãos, possuidores de poucas terras, ele também passou a se dedicar exclusivamente ao artesanato. Ao se integrar a esta atividade e aproveitando sua atitude inquieta iniciou suas rotas pelas serras para vender produtos. Esta atividade ajudou a desenvolver um capital social em termos de relações, tanto com os habitantes da região como com os agentes externos.

Este produtor logo começou a realizar tarefas junto ao programa Paicor<sup>8</sup>, continuando seus deslocamentos por diferentes zonas da região e pelas escolas rurais. Com este processo foi desenvolvendo um domínio com as palavras e a habilidade de se expressar em público. Em um segundo momento, passou a dar corpo ao seu projeto de criar alternativas para permanecer na região.

Participou em diferentes instâncias de trabalho comunitário, seja na coordenação dos *fortines gauchos*, ou na construção do centro comunitário e em cada uma destas instâncias assumiu postos de direção. Ele tem uma postura otimista e construtiva dos aspectos organizacionais.

---

<sup>8</sup> Programa de alimentação integral escolar da Província de Córdoba.

A segunda trajetória que integra este primeiro subgrupo é a do produtor Batista. Estudou até o quinto ano da escola primária, tendo ainda jovem que migrar para a cidade em busca de trabalho, onde residiu pelo período de dois anos, retornando posteriormente à região. Começou a trabalhar como peão de estância, desenvolvendo habilidades próprias da atividade pecuária. Atualmente trabalha como empregado permanente na transmissora de televisão, cuida dos animais e realiza artesanato junto aos demais integrantes da família.

Em uma mesma unidade familiar convive a família de Batista, composta por 5 filhos em idade escolar, seus pais e seu irmão mais velho. Este último recebe uma pensão por invalidez. Todos juntos possuem 100 hectares em sucessão indivisa. Batista participa dos eventos comunitários, acompanhando sobretudo as ações do produtor Alfonso, com quem compartilha uma relação de amizade. Estes dois produtores se uniram em um projeto com o objetivo de realizar atividades turísticas, como cavalgadas, passeios e comidas nas casas dos produtores. Consideram que essas atividades permitem valorizar suas destrezas e vender os produtos em seu campo. Batista é o atual representante do grupo de Cerro Hermoso no PSA.

A terceira trajetória evidenciada, ligada a este subgrupo, é a de Rubens. Esse produtor de 25 anos é descendente de uma família que está na região há três gerações. Nasceu na capital federal no momento em que seus pais migraram em busca de trabalho. Quando a mãe faleceu, ele e o pai retornaram para o interior, passando a viver na casa dos avós. Frequentou a escola primária, completando seus estudos nos tempos escolares estipulados. Destaca que se interessou por continuar os estudos mas não encontrou apoio econômico por parte dos avós, nem de seu pai.

Enquanto seus parentes migravam ele permanecia com os avós, acompanhando o cuidado dos animais e a gestão da casa. Depois da morte do avô, continuou cuidando dos animais, porém, a manada diminuiu e ele e a avó transferiram-se para uma casa mais próxima da estrada. Eles passaram a ocupar 20 hectares cedidos por um cunhado, onde, depois da morte da avó ficou instalado sem direito as terras para a criação dos animais. Atualmente, vive em concubinato com uma jovem, perto da casa do tio, ao lado da estrada principal.

Durante seus estudos consolidou uma relação de confiança com a professora, encarregou-se de fazer trabalhos para a escola, entre os quais cita a tarefa de levar as mensagens da instituição às famílias, favorecendo a emergência de redes de diálogo, tanto na zona em que se situa a escola, como em Potrero de Gero, onde está a sua atual morada. Estes aspectos, principalmente o lugar geográfico da residência e seus laços de parentesco, conjugam-se para

torná-lo a pessoa que propõe a abertura do grupo em “Potrero de Gero”, a outra comunidade estudada.

Os técnicos-extensionistas e os guardas parque costumam buscá-lo como guia pelo conhecimento da geografia da região. A prestação desses serviços se dá de forma estreita com os mediadores do programa, recebendo-os para dormir em sua casa e criando laços de compadrio. Ele utiliza os veículos das agências estatais para se deslocar até os locais e está se formando em cursos alternativos sobre questões ambientais ligados ao projeto de criação do parque nacional. Considera a zona um lugar potencialmente turístico, aspecto ao qual desejaria dedicar-se como alternativa produtiva.

Estas estratégias, baseadas nos capitais acumulados, são fortemente influenciadas pelas relações que estabelecem com os mediadores. Esses três produtores têm criado relações com os agentes mediadores externos dependentes da reserva hídrica como da agência Córdoba ambiente. Ao estabelecerem relações com esses agentes, os moradores acabam reformulando suas estratégias. Isto pode ser evidenciado no enunciado acerca de suas perspectivas, revelando a influencia das novas aspirações nas estratégias que tradicionalmente desenvolviam. Como exemplo, verifica-se a opinião sobre o tipo de uso do solo:

“Pporque la tierra no es sólo cultivo tiene sus grandes ventajas y acá hay muchísimas ventajas” (produtor, 25 anos).

Na citação acima, o morador reformula sua percepção sobre o uso do solo, passando a valorizar as “novas possibilidades” de utilização e as vantagens que possam advir com sua adoção. Como destaca Bourdieu, em sua análise sobre a reprodução do mundo camponês, para determinadas alternativas tornarem-se vantagens é preciso serem “apreendidas em razão de categorias de percepção e de apreciação que façam com que, deixando de passar despercebidas, de ser ignoradas (passiva ou ativamente), elas se tornem perceptíveis e apreciáveis, visíveis e desejáveis” (BOURDIEU, 2000b, p. 103).

No caso em estudo, outro morador destaca que essas vantagens são vistas pelos “forâneos”, ou seja, por aqueles que não moram na comunidade. Consideram que os produtores do local, denominados de “lugareños”, têm dificuldades para pensar essas atividades como “alternativas”.

“Que quizás por ser lugareño y pensar en los animales no se las ve ‘(produtor, 25 anos).

Ao aderirem às visões importadas do mundo dos agentes externos, os produtores do primeiro subgrupo procuram se diferenciar dos “lugareños”. Justificam suas novas estratégias produtivas através da mudança de percepção sobre a zona, relatando que anteriormente valorizavam mais a produção pecuária.

“Los animales al principio funcionaban bien y ahora no funcionan más y ahora se dejaron un poco de lado” (produtor, 35 anos).

Passam a defender as novas potencialidades relacionadas às atividades de ecoturismo, reproduzindo os discursos ambientalistas que as sustentam.

“Estamos viviendo en un gigante dormido, me costo un montón creer, que a la gente le iba a interesar tanto, creer que a la gente eso le iba a gustar muchísimo algo que yo lo había visto toda mi vida y no me cambiaba para nada “(produtor, 25 anos).

As mudanças projetadas em suas estratégias produtivas encontram fundamento na percepção da zona como um lugar turístico. A visão positiva do futuro que enseja aparece nas possibilidades notadas pelo produtor, como a de acordar o *gigante dormido*. Entretanto, é interessante observar que a imaginação dessas alternativas a serem despertadas não são evidenciadas nos discursos dos demais integrantes do grupo. São os agentes que possuem uma maior proximidade com os mediadores e procuram envolver-se ativamente em propostas de desenvolvimento que pensam assim o futuro.

A possibilidade de pensar este futuro está relacionada aos cursos de capacitação que esses produtores participam. Nesses cursos, a alternativa do ecoturismo, na busca pela diversificação de atividades, é apresentada como solução aos problemas ambientais e econômicos avaliados pelos mediadores. O que permanece implícito na percepção sobre as novas possibilidades consiste no fato de que a execução ou a concretização desses pressupostos, como as vantagens que a terra oferece para além do cultivo, não lhes pertencem.

As oportunidades que se abrem e que fomentam os novos empreendimentos fazem parte das opções surgidas com a maior ingerência do Estado na região. Entretanto, torna-se importante salientar que tal intervenção não ocorre freqüentemente na região. A adesão dos produtores às



propostas e aos cursos oferecidos estão fortemente presentes em seus discursos, em parte por possuírem trajetórias que perpassam por experiências organizativas. Pude constatar nas suas narrativas que esses três produtores participaram em instâncias de trabalho conjunto:

“teníamos un grupo de artesanos y andábamos en la lucha, siempre nos organizamos para algo, desde que yo me acuerdo desde que tengo uso de razón y antes de eso también porque por ejemplo se organizaron para hacer el cementerio” (produtor, 35 anos).

Esses moradores revelam em suas histórias a participação na organização de *fortines* e de atividades ligadas à escola.

“En la escuela iba a reuniones, la cooperadora de la escuela, sacar beneficios y ayudar en rifas” se organizaban había una comisión cooperadora del colegio y con eso se hizo la ampliación de la escuela acá” (produtor, representante junto ao PSA, 30 anos).

A participação ativa na vida comunitária, relacionada à história organizativa destes produtores, propicia o estabelecimento de relações mais estreitas com os mediadores e com as novas idéias, no que diz respeito ao ambiental, integrando atividades de ecoturismo. A possibilidade de transitar nos dois universos permite a esses produtores revalorizarem atividades já desenvolvidas na região oferecendo novas finalidades.

‘Haciendo turismo hago cabalgata desde la naciente y voy mostrando lugares únicos, cabalgatas pero guiadas como vivía la gente antes como vive ahora, y la zona como era antes y como es ahora,..yo amanso caballos los amanso y los deajo, los pongo a prueba” (produtor, 35 anos).

Essa forma de adesão às propostas que aparece como parte das estratégias de reprodução, permitindo aproveitar os recursos estatais a partir de uma revalorização das atividades locais, corresponde à necessidade desses produtores de conciliarem os seus valores, as suas atividades a sua luta por permanecerem morando em uma região que lhes é apresentada como não possuindo outra alternativa.

“Y me largo a caballo hasta el nacimiento y cargo las cosas, como antes, en la época de mi papá y mi mama, buscábamos la mercadería a

caballo, teníamos arganas que son bolsas de cuero en que la mercadería llegaba intacta, ahora yo voy, tengo la estanciera pero salgo con el caballo como la tradición de antes, yo digo que hay que defenderla, ir cargar los caballos andar de noche, cargar una bolsa de azúcar y de harina y se hace de noche pero yo conozco el camino” (produtor representante junto ao PSA, 30 anos).

Esses produtores vêem as propostas como uma forma de conseguirem manter suas tradições e consolidarem suas expectativas de permanecer na região. Penso que está em jogo na implementação do PSA a manipulação das soluções apresentadas à situação objetiva de crise ocasionada com o fechamento das estâncias e a criação do parque (destacados no capítulo 2). Os produtores desta comunidade assumem de forma bastante intensa a percepção imposta de uma região sem alternativas e a principal saída a essa situação de crise, como sendo por meio do programa e do desenvolvimento. Porém, essa adesão, apesar de responder aparentemente aos seus interesses, os tornam mais dependentes de políticas públicas especiais.

Além de consistir em uma alternativa para ficarem na localidade, a visão otimista da zona, ligada aos novos empreendimentos, engendra a possibilidade de monetizarem suas economias.

“Con lo que tengo pienso que la tiraría, lo que sí pensaba algún día es comprar algo en el pueblo una casa por el tema del estudio de los chicos porque el día de mañana ellos se van a querer ir a estudiar” (produtor, representante junto ao PSA, 30 anos).

O segundo subgrupo identificado dentro da comunidade de Cerro Hermoso, se diferencia daquele anteriormente descrito, principalmente, pela ausência desta visão otimista com relação a zona e aos empreendimentos que possam vir a ser ali realizados. As produtoras que fazem parte do segundo subgrupo projetam uma imagem negativa da região e das perspectivas de futuro. Apesar disso inserem-se nas propostas apresentadas pelo PSA.

No estudo de suas trajetórias pude perceber que apresentam em comum o fato de serem as “chefes” de família, de não terem experiências organizativas e possuírem menos volume de capital social, porém um significativo volume de capital econômico, como trabalho assalariado, patrimônio, o acesso à terra, à moradia e à criação de animais.

Como dizem na região, Antônia é “nascida e criada” no local. Esta moradora de 40 anos que nasceu na pampa descende de uma numerosa família. Quando os irmãos começaram a

migrar, ela ficou na região, não finalizou o primário, casou-se e teve 5 filhos. Dos filhos, três migraram para estudar e se estabeleceram nos centros urbanos e dois permanecem vivendo no campo.

As estratégias reprodutivas que vinha desenvolvendo, relacionadas à venda de carne a outras famílias e à escola, foram afetadas pelas contínuas migrações. Atualmente, o esposo está desocupado e a renda familiar vem do trabalho com artesanato realizado pela produtora e pelo filho, vendido de forma indireta nas estradas. Apesar da percepção negativa com relação aos investimentos na região, a decisão de não migrar ancora-se fortemente na garantia da moradia e na possibilidade de criarem seus animais. Estes dois aspectos são tidos como positivos no momento de avaliarem as alternativas que visualizam no âmbito urbano.

Betânia, hoje com mais ou menos 40 anos, mora em Cerro Hermoso desde pequena. Casou-se aos 15 anos com um morador da região, com quem teve cinco filhos. Ela herdou do marido uma propriedade que compartilha com os irmãos dele em sucessão indivisa, não dispendo de terras para a criação de animais. Estudou até o terceiro ano escolar da formação primária.

O esposo era empregado assalariado da transmissora de televisão do lugar e ela há 23 anos trabalha como cozinheira na escola Martín Fierro, ocupando a casa vizinha a escola há 18 anos.

Esta produtora possui dois filhos casados que moram na região e três filhos que migraram para a cidade. Os filhos que estão na cidade, economicamente dependem do trabalho realizado pela moradora, sendo que dois deles estão levando adiante estudos secundários; a filha realiza trabalhos temporários e cuida de seus filhos.

Ela realiza a contadoria do grupo de artesãos, controla o fluxo de venda dos produtos e realiza o pagamento dos empréstimos. É representante do grupo pela segunda gestão e está começando a dedicar-se ao artesanato nos momentos livres.

Com um laço estreitamente consolidado com a professora rural, ocupa uma posição de anfitriã, pois dispõe da chave da escola, espaço onde se realizam as reuniões da comunidade.

Essas duas produtoras manifestam diferentes estratégias, entretanto estão ligadas a um aspecto que proporciona uma vantagem comparativa em relação a outros produtores: a possibilidade de optarem por não migrar.

Para uma delas, é o trabalho:

“Más que todo porque tengo trabajo acá si yo no tuviera trabajo, capaz que sí me hubiera ido” (produtora, empregada, representante junto ao PSA, 40 anos).

Para a outra. o capital econômico em bens materiais:

“La razón que tengo es porque yo tengo el campo de mi papá tenemos las casas no va a dejar las casas abandonadas, las cabras, si no nos hubiéramos ido” (produtora, 40 anos).

Contudo, apesar de ficarem, penso que estas produtoras se posicionam desde uma perspectiva migratória, ligada à possível falta dos recursos atualmente disponíveis na região, manifestando uma percepção negativa do futuro. A permanência para essas produtoras requer um fortalecimento dos capitais que valorizam a produção pecuária e as probabilidades de permanência da escola rural.

“Yo veo que estar mejor no, no va a haber solución por la forma, cada vez los animales cada vez menos” (produtora, 40 anos).

“El futuro lo veo bastante mal, porque por empezar no está quedando nadie, sí antes había mucha más familia” (produtora, empregada, representante junto ao PSA, 40 anos).

### **3.3 Os produtores de Cerro Hermoso e a proposta de desenvolvimento**

Apesar possuírem trajetórias distintas e utilizarem estratégias diferentes, estes produtores dos dois subgrupos convergem ao pertencerem a um mesmo grupo constituído para obter benefícios do programa social agropecuário<sup>9</sup>. Essa convergência dos interesses revela, por um lado, o engajamento destes produtores nas propostas, por outro lado, as condições sociais (os capitais, como as relações com os mediadores, a experiência organizativa, o capital econômico) que permitem que se apropriem de formas específicas dessas propostas.

É possível estudar as tomadas de posição a partir das representações dos produtores sobre a mediação como via de implementação das propostas de desenvolvimento, assim como

---

<sup>9</sup> Em Cerro Hermoso foram desenvolvidos três projetos ao longo dos anos, denominados Tabaquillo 0, 1 e 2.

pela proposta em si, tanto em seus objetivos organizativos como em sua política de viabilização de produtores familiares.

Apesar desses produtores apresentarem perspectivas de futuro totalmente distintas, a partir do processo de mediação e das possibilidades dos benefícios que outorga o programa estatal, eles se constituem enquanto um grupo homogêneo para se apresentar aos programas de desenvolvimento.

### **3.3.1 Buscando serem traduzidos: os produtores do grupo e a mediação**

No cenário de implementação das propostas de desenvolvimento é necessário considerar a distância social e cultural das “comunidades contempladas” e das estruturas mais amplas em que os programas são gestados. A coexistência desses espaços, que mantêm especificidades culturais, provocam bloqueios relacionados aos “valores, normas e princípios contraditórios de interpretação da realidade social” (VELHO; KUSCHNIR, 1996, p. 100). Diante desses bloqueios, a prática da mediação propicia a abertura de um espaço de tradução entre os diferentes domínios da realidades (VELHO, 2001, p. 16).

Dessa forma, os processos de mediação entre o local e as instituições públicas responsáveis pelos projetos constituem-se em canais cruciais na implementação do Programa. Wolf, nos seus estudos sobre processos de mediação, considera que os mediadores atuam nas “uniões e sinapses cruciais das relações que ligam o sistema local ao todo mais amplo”, tendo como função “relacionar os indivíduos orientados para a comunidade” como os “orientados para a nação” (WOLF, 1956, p. 1078).

No estudo em questão, essa perspectiva permite ver a adesão dos moradores de Cerro Hermoso inserida em um sistema complexo, em que os processos de mediação ganham sentido ao participarem da construção das demandas locais.

Os produtores deste grupo possuem uma ligação forte com a instituição educativa, que pode ser apurada pela constante referência à participação em esferas organizativas ligadas à escola. Este grupo se constitui a partir da centralidade da instituição escola rural como um espaço aberto:

“La escuela es como el centro que hay una reunión de cualquier cosa y a la escuela, cualquier cosa, pasa a la escuela” (produtora, empregada, representante junto ao PSA, 40 anos).

A ligação com a instituição escolar e a experiência organizativa facilitam o acesso ao PSA. Entretanto, ao se considerar a importância desses aspectos, deve-se ater às especificidades que assume a escola no local. Isto se evidencia na medida em que nas outras comunidades a escola e os professores não aparecem como centrais na implantação das propostas.

Neste caso, aparecem agentes ligados à escola que atuam como mediadores no processo e a utilizam para legitimar seus discursos e a posição ocupada na mediação. Como destacado no início do capítulo, a escola ocupa um lugar estratégico em uma comunidade distante tanto geográfica como socialmente dos centros urbanos. Assim, observo que os produtores atribuem a possibilidade do acesso ao PSA a partir das relações e o acionar da professora, de forma direta ou indireta:

“Bueno por el esposo de la señorita gloria era un hombre que él tenía...andaba mucho conocía gente y le comunicó a ella” (produtora, 40 anos).

“A través de ella por amistades, ..de ahí cuando salió el programa como que ya conocían un poco y se miró ese lugar, “en época que estaba la maestra Gloria, tenía más contacto con la gente de afuera” (produtor, 25 anos).

A inserção da escola e dos seus representantes de forma mais incisiva na comunidade permite a forte influência de certos mediadores, neste caso, a professora, nos aspectos referentes à organização do grupo que participa do programa, como nos convites às reuniões.

“Siempre fue el maestro el que convoco por eso yo decía que el docente es ha sido y sigue siendo una persona muy importante en los núcleos en los grupos” (produtor, 35 anos).

Estes produtores reconhecem o professor rural como fornecedores de habilidades, pois tem o domínio de códigos estranhos e inacessíveis à população local, o que lhe garante o reconhecimento, baseado em uma “avaliação tradicional do saber” (WOLF, 1984: 340, 354), de portador da possibilidade de interagir em um espaço mais amplo.

“La maestra de la zona tenía mu buenos vínculos políticos con el gobernador y el vice-gobernador y consiguen el subsidio para el grupo de artesanos” (produtor, 35 anos).

O mediador desponta como alguém que abre portas, oportunidades e relacionamentos com as vias de comercialização.

“La señorita Gloria era muy buena, traía mucha gente ella traía muchos amigos, nos visitaban más ahora ya casi no viene gente a la escuela, acá venía gente de Córdoba de todos lados venían a visitar” (produtora, empregada, representante junto ao PSA, 40 anos).

“sí ella era muy amiga con todos, sabía traer mucha gente y compartir con nosotros llevaban tejidos” (produtora, 40 anos).

“nos llamó y nos hizo reunir a decir que estaba bien y entonces empezamos” (produtora, 40 anos).

O poder conferido a essa professora no processo de mediação encontra referência em eventos do passado que os produtores trazem, como o fato dela ter levado adiante uma experiência de gestão na construção de um centro comunitário.

Ao mesmo tempo em que noto essa legitimação dos mediadores e das instituições pelos produtores, observo que esse reconhecimento do poder consiste em uma inserção destes agentes na lógica de ação dos projetos. Ou seja, os produtores acabam inserindo-se na disputa pelo poder conferido aos agentes sociais que assumem a posição na mediação entre as demandas locais e as possíveis vias aos recursos vindos de fora. Isso se expressa, neste grupo, por exemplo, na disputa pelo poder de representatividade na região a partir da discussão sobre liderança travada pelos produtores

“Lo que pasa es que siempre esto lo hemos heredado de muchos años, siempre tenia que haber un líder en estos casos era el maestro como que nunca surgió un líder en la comunidad” (produtor, 35 anos).

Nas reuniões, a resistência dos produtores à monopolização feita pelos técnicos do uso da palavra aparece no momento em que um deles pede a palavra e os produtores solicitam que suas intervenções sejam “curtas e claras”.

### **3.3.2 Como ser estrategicamente políticos: os produtores e a organização**

Sendo uma das propostas centrais do PSA a organização dos produtores, considero este um aspecto importante a ser analisado a partir dos discursos sobre a valoração que os produtores atribuem ao programa.

Para entender a percepção dos produtores sobre o processo organizativo, analiso por um lado, como estes estão valorizando as vantagens de estarem participando de um grupo organizado. Por outro lado, como a partir dessa organização acabam gerando a formação de um fundo de recuperação, como fundo solidário. Ao evidenciar o tipo de manejo e o destino dado aos recursos desse fundo visualizo tanto a consolidação de compromissos comunitários na utilização dos mesmos, como posturas mais individualizadas.

Um terceiro aspecto contemplado foi entrar nas dinâmicas grupais implementadas e propostas pelos mediadores, como são as reuniões comunitárias, revisando nas mesmas a assistência e a resolução de conflitos.

Começando pela valorização dos aspectos organizativos, relacionados à exigência da formação do grupo, com a finalidade de alcançar os benefícios do PSA, notei que apresentam uma visão positiva com relação a estarem se organizando. Posso explicitar essa valorização a partir da referência que esses produtores dão a aspectos qualitativos, como um sentimento de estarem mais unidos, “por ahí un poco sentirse más unido”. Também, com referência aos benefícios econômicos, como “poder hacer compras juntos”.

A organização dos moradores no grupo permite que confrontem parte das limitações relacionadas à escassa monetarização de suas economias que impedem a inserção na dinâmica de mercado. O programa e a instância organizativa surgem como alternativa para resolver as limitações através da criação de um *fundo de recupero*<sup>10</sup>. Os produtores engajam-se nesta prática

---

<sup>10</sup> Os créditos outorgados para autoconsumo pelo PSA são devolvidos pelos produtores por meio da prestação de serviços comunitários e do pagamento em dinheiro. O dinheiro que os produtores recolhem para o pagamento do crédito é guardado em um fundo, denominado *fundo de recupero*. Este fundo pertencente aos produtores tem um destino decidido de forma grupal. O objetivo de sua criação consiste na possibilidade dos produtores poderem contar com dinheiro, sendo que este é um bem escasso em suas economias.



de criação de um fundo solidário assumindo a responsabilidade do funcionamento e do destino do mesmo.

“Quedó el fondo común para el grupo ... quedó un poco estancado ahí el fondo y no le dimos continuidad nosotros” (produtor, representante junto ao PSA, 30 anos).

Em um primeiro momento, com a proposta do fundo da mesma forma que com relação aos mediadores, os produtores parecem apresentar-se como um grupo mais coeso. Entretanto, ao se estudar os aspectos organizativos do grupo, percebo distintas posições internas assumidas, já identificadas anteriormente nas trajetórias e estratégias, que permitem falar de dois subgrupos.

As diferenças nas tomadas de posição dos dois subgrupos aparecem na forma de manejo do fundo. Percebo na análise deste instrumento uma postura mais próxima a um enfoque de custo/benefício econômico grupal nos produtores que integram o primeiro subgrupo. Esta forma de pensar está relacionada a permanente necessidade de entrar nas regras impostas pelos projetos pelos quais os produtores são favorecidos.

“Primero la idea era hacer pequeños préstamos para las mismas familias que están adentro del fondo y después se habló la idea de hacer compras comunitarias y bueno llegamos a un acuerdo que nos beneficiábamos más haciendo compras que dando créditos a cada uno” (produtor, 35 anos).

Contrariamente, as produtoras, enquadradas no segundo subgrupo apresentam uma postura mais individualista quando pensam o gerenciamento dos recursos do fundo. A postura de priorizar o acesso ao dinheiro relaciona-se aos limites de uma economia imediata e de monetarização escassa e a necessidade de dar continuidade ao seu modo de vida. Não há no posicionamento dessas moradoras a expectativa de montar um novo tipo de atividade ou investir em um novo projeto. O espírito empreendedor presente no primeiro subgrupo parece não ter se solidificado nas iniciativas da moradoras, mesmo no caso de uma delas que apresenta-se fortemente vinculada ao programa por prestar serviços na escola.

“Es una ayudita si queremos comprar un remedio como no tenemos trabajo, no tenemos plata, por ahí uno recurre al grupo” (produtora, 40 anos).

As diferentes formas de conceber o gerenciamento do fundo estão relacionadas com as expectativas desses subgrupos com relação ao futuro. Os produtores do primeiro subgrupo que constróem a perspectiva de futuro na região se posicionam no sentido de utilizarem os fundos de forma comunitária, o que permitiria consolidar ações que possibilitassem a permanência na região. Em contraposição, as produtoras do segundo subgrupo, que não concebem um projeto preciso de futuro para a região, pensam em uma utilização integrada ao cotidiano imediato. Está em jogo aqui o futuro enquanto possibilidade de sair da “crise” presente para os dois subgrupos. Embora para ambos o programa pareça oferecer uma possibilidade de sair ou amenizar a crise, ainda que restrita, os posicionamentos internos são distintos.

Continuando nesta linha de análise, destaco alguns aspectos das dinâmicas grupais a partir das reuniões assistidas durante o trabalho de campo. Este grupo diferencia-se dos demais pela efetiva participação nas reuniões, com uma presença de 90% e uma tendência a realizar estas independentemente da convocatória e presença dos técnicos.

As reuniões transformam-se no espaço no qual são legitimados os sistemas de relações de empoderamento dos diferentes agentes dentro do grupo. Este espaço criado pelos mediadores para intervir e discutir propostas é atualmente o cenário que os produtores reconhecem como necessário apropriar-se para conquistar o poder sobre as alternativas e o acesso às oportunidades que ali parecem se constituir.

“No nos reunimos como tendría que ser... , a lo mejor si nos reuniéramos más antes de esperar de las reuniones que se hacen que vienen los técnicos” (produtora, empregada, representante junto ao PSA, 40 anos).

Parte deles revelam o desejo de conquistarem o espaço de poder manifestando a vontade de se reunirem mesmo sem a convocatória dos técnicos. Porém, o desafio que se apresenta a esses produtores, além da inserção em um espaço de disputa pelo poder dos técnicos, consiste na necessidade de terem que conquistar a adesão, despertarem o interesse dos demais membros da comunidade.

“Para mí la reunión es la mejor forma, que la gente que está presente diga sí por esto no por esto o que pasa con esto, que ahí delante de todos nos digamos de frente que me gusta y que no me gusta o si al

otro no le gusta porque no o porque sí” (produtor, representante junto ao PSA, 30 anos).

Os produtores do primeiro subgrupo organizam as reuniões, ressaltam a importância deste tipo de ação e levam as demais pessoas a terem que participar ativamente.

“Es que nunca habíamos hecho algo que viéramos los frutos entonces íbamos a la reunión no se tomaban decisiones íbamos todo el tiempo a las reuniones y nunca se hacía nada por eso de que conté que hoy iba uno mañana otro y no se podía tomar la decisión” (produtor, 25 anos).

São os produtores relacionados de forma mais forte com a mediação, interessados nos benefícios do jogo e com maior capital organizativo que incentivam a participação. Eles justificam a importância da inserção dos demais produtores, nos seus discursos, afirmando a necessidade da implementação das propostas, o acesso às facilidades e às oportunidades relacionadas ao âmbito estatal.

Em um primeiro momento, manifestam a preocupação por tornar atrativas as práticas de reunião de modo a conseguir uma “participação” que legitime as decisões tomadas. Em um segundo momento, configurada uma imagem de grupo coeso de produtores que participam ativamente do programa, legitimado o espaço de reuniões como uma instância de decisões, estas podem assumir uma dinâmica diferenciada:

“Al principio sí porque no todas las reuniones van todos y es un problema para tomar las decisiones y después dijimos que se tenía que tomar una decisión estuviera quien estuviera porque sino seguíamos así toda la vida y no íbamos a concretar nada” (produtor 25 anos).

Outro aspecto analisado sobre as reuniões foi a forma com que resolveram dos problemas. Nas palavras dos produtores pude constatar que se referem a constituição do “grupo que sea parejo”, valorizando as reuniões para acordarem decisões consensuais.

“Y nos volvemos a reunir, nos volvemos a decir sí o no,... estamos siempre en reunión” (produtora, empregada, representante junto ao PSA, 40 anos).

“En las reuniones siempre se trata de ir juntando los acuerdos y para que no este el grupo que diga me gusta por esto 7o no me gusta por esto sino que quede ahí en el medio y que se tome una decisión que para el grupo sea parejo” (produtor, 35 anos).

Ao acordarem decisões consensuais e apresentarem estas como propostas do grupo, por um lado, eliminam as demandas dos produtores que possuem menos capital para se impor na reunião e, por outro, conferem às demandas próprias de um pequeno subgrupo a validade de serem apresentadas como reivindicações da comunidade. Essas estratégias do subgrupo permitem consolidar o grupo maior segundo os requisitos exigidos pelo programa. Desta forma, facilitam a entrada dos projetos, por reunirem certas condições, neste caso, se apresentarem como grupo organizado.

“Lo que pasa es que nosotros estábamos mas organizados y eso le favoreció, nosotros éramos un grupo ya de antes, la gente estaba más nucleada y fue mas fácil para los técnicos” (produtor, 35 anos).

Esta comunidade se diferencia das outras pela inserção ativa do grupo ali formando a proposta de desenvolvimento. Os capitais e as disposições, portados por uma parte dos produtores, permite reconhecerem como vantagens as possibilidades oferecidas pelo programa e estabelecerem relações com os técnicos criando as condições para que ocorra a mediação.

Além disso, o fato de apresentarem-se como um grupo unido que consegue participar do PSA, formulando propostas, confere ao programa estatal a imagem de uma política bem aplicada que está atingindo os objetivos planejados.

### **3.3.3 O esforço para serem produtores viáveis**

Um dos principais atrativos do programa implementado consiste na concessão de créditos. O “apoio” financeiro concedido na região de Pampa de Achala correspondeu a uma quantia de 1200 pesos por grupo, que deveriam ser distribuídos igualmente por família. Esta soma consiste no máximo de créditos que pode ser acordado por família e pelo número de integrantes do grupo, como é o caso da província de Córdoba.

A comunidade destinou o dinheiro recebido para a realização de hortas e para a criação de animais em cada uma das unidades. Ainda, uma parte do crédito foi utilizada na compra de

matéria-prima para o artesanato. A devolução do crédito foi realizada tanto em produto como em trabalhos.

Ao se integrarem as propostas de desenvolvimento, os produtores passam a construir seus projetos de vida em função da forma como concebem as alternativas apresentadas. A percepção das alternativas, em parte proporcionada pela proximidade com os mediadores e por possuírem trajetórias relacionadas a processos organizativos, correspondem também às necessidades “novas” com que se deparam, como a monetarização de suas economias para o investimento na formação escolar de seus filhos.

Apesar dos integrantes desse grupo depositarem tais expectativas em propostas concretas (como o turismo ou a utilização do crédito no reforço da renda familiar), ao se referirem às realizações efetivas do programa na região valorizam resultados que não correspondem às necessidades que manifestam.

“Yo creo que a la hora de estar más unidos de trabajar juntos”  
(produtora, empregada, representante junto ao PSA, 40 anos).

“Desde mi punto de vista es muy interesante a mí me gusta mucho el beneficio que me daba no sé si se notó mucho en el crédito pero a la hora de trabajar juntos compartir” (produtor, 25 anos).

Menos do que corresponder as demandas urgentes dos produtores, o programa é visto como a possibilidade destas virem a ser concretizadas. Esses produtores acabam aderindo à perspectiva de serem viáveis no futuro adotando-a como principal proposta, porém mantendo formas diferentes de conceber as intenções do programa.

Neste aspecto, é possível diferenciar os subgrupos anteriormente destacados novamente. Os produtores do primeiro subgrupo que possuem uma trajetória mais relacionada a aspectos organizativos e têm uma visão empreendedora acerca do local engajam-se mais ativamente nos projetos. Em seus discursos, observei, a importância que atribuem à responsabilidade pelo compromisso assumido e à obediência das regras impostas:

“Porque *recibimos el crédito nos comprometimos a trabajar nos comprometimos* a devolver el resto en artesanías” (produtor, 25 anos).

Este tipo de postura é adotada pelos produtores mais preocupados na implementação dos projetos. Em sua tomada de posição, optam pela obediência às condições impostas para obterem os benefícios. Porém, o êxito do investimento só é garantido através da conquista da participação dos demais integrantes do grupo.

“No se bien seguro por ahí no se si no le están dando demasiada importância o por ahí tienen miedo de comprometerse de no poder cumplir o que salga mal alguna cosa, por eso *mucha gente no quiere asumir la responsabilidad*” (produtor, representante junto ao PSA, 30 anos).

Os aspectos ressaltados sobre a responsabilidade que os demais produtores não estariam querendo assumir, fragilizando a participação do grupo, são assumidos por esses produtores mais ativos como algo que merece reflexão. Em suas posturas, a questão da responsabilidade aparece como a percepção de um padrão em suas ações que necessitam alcançar. Considerado desde a óptica de formatação das condutas dos produtores, evidenciei a certeza que tinham de estarem sendo avaliados. Sentem-se colocados diante de um desafio, que precisam enfrentar de uma forma satisfatória.

“Es como para *poner en tela de juicio a la gente a ver que conducta tiene*, mas que mejorar la calidad de vida *es probar a la gente* cual es la actitud de la gente..probar a ver si *la gente cumple si tenía ganas de hacer cosas*” (produtor, 35 anos).

Manifestam uma clara percepção do enfoque disciplinador das práticas intervencionistas. Considerando as propostas de desenvolvimento como mecanismos de intervenção estatal, pude observar processos de violência simbólica na imposição de parâmetros de estilo de vida e pobreza. Por um lado, os produtores assumem a necessidade de terem que “se desenvolver” aderindo aos valores apresentados pelo programa, assumindo como suas as propostas. Processo que tem como consequência uma maior dependência das políticas estatais, pois, para criarem suas estratégias, necessitam do domínio da lógica estatal e econômica como dos recursos fornecidos pelo estado. Por outro lado, ao assumirem tais propostas “de fora” não apenas se vinculam a um processo em que se inserem na disputa portando poucos recursos, como o escasso conhecimento da burocracia do programa, mas também assumem para si a “responsabilidade” pelo sucesso na execução da proposta. Para eles, o sucesso dos projetos

parece depender menos dos fundos que o programa fornece do que de sua capacidade de aproveitarem os recursos da região e conseguirem conquistar novos créditos.

Pode-se ler esse processo a partir da análise que faz Lautier (2002, p. 162) do discurso do Banco Mundial sobre o combate a pobreza. Para Lautier,

“la lutte contra la pauvreté á donc bien un objectif, mais un objectif difficile á atteindre: la creation d’un modele de citoyen, à la fois responsable et soumis, autonome et dependant, adequat a un modele de gouvernement qui rompe enfin avec le modèle du contrat entre gouvernants et gouvernes de la tradition classique de la science politique, mais en même temps reduit la question du pouvoir a celle du pouvoir “sur soi-même” (LAUTIER, 2002, p. 162).

Pude notar na operacionalização desta política, duas dimensões do processo de violência simbólica. Primeiramente, como destacado acima, intensifica-se a dependência dos produtores aos projetos gestados desde a esfera estatal. Estas situações de luta assimétrica e de violência simbólica podem ser notadas em seus discursos:

“Hay que estar en la lucha permanente ...esperamos que no nos sigan pisando pero eso también hace que la gente este revelada nosotros sabemos que hay gente que tiene un trabajo político el otro día para una fiesta que se hizo en el cóndor fue así lo único que había era ir comer un sándwich y bater las manos” (produtor, 35 anos).

Uma segunda dimensão corresponde ao processo de desqualificação das percepções dos demais produtores que se apresenta no interior do grupo. No subgrupo que ocupa a posição dominada, percebo, no caso de das produtoras, as propostas consistem em uma ajuda mais voltada ao assistencialismo. A outra produtora, ao assumir uma postura indiferente coloca-se no grupo impulsionada pelos interesses e estratégias dominantes.

“No sé, a lo mejor tengo ventajas pero como a mí me da lo mismo estar en el grupo o no estar” (produtora, empregada, representante junto ao PSA, 40 anos).

Esta segunda produtora apóia o projeto quase como uma obrigação, pelo fato de estar laboralmente ligada a escola rural, possuir vínculos personalizados com a professora e ser representante do grupo junto ao PSA.

“Yo no sé porque me eligen ni porque yo acepto” (produtora, empregada, representante junto ao PSA, 40 anos).

A produtora também possui relações de parentesco direto com outros dois produtores pertencentes ao grupo, o filho e o genro, o que poderia ser interpretado como uma contribuição para facilitar a participação deles no PSA, pois existia a imposição de um número mínimo de produtores para a conformação do grupo.

“Y así trabajar en grupo es sentirse más apoyado por la gente, aunque tenga el grupo o no ...lo mismo hay que trabajar” (produtora, empregada, representante junto ao PSA, 40 anos).

As posições diferenciadas e as estratégias assumidas pelo grupo permitem dar conta das tomadas de posição com referência às propostas de desenvolvimento.

### **3.4 Entrando na lógica apropriacionista**

As contribuições de cada agente a uma lógica comunitária auxilia na construção da imagem de um grupo interessado em demandas comunitárias. Por exemplo, apresentam projetos conjuntos de remodelamento da escola, de construção de um centro comunitário e a própria participação no PSA. Com relação a essa imagem pude apurar alguns efeitos importantes, como o de comporem um grupo que consegue receber benefícios e se incluir nas linhas de crédito, o que acaba tornando-os mais dependentes das políticas estatais na criação de suas expectativas, prendendo-os as respostas que precisam fornecer. Entretanto, estes também impõem uma resistência ao processo na medida em que ao se apresentarem como grupo, alguns atores conseguem entrar em disputa no espaço de mediação, podendo vir a subverter a forma instituída de acesso aos recursos outorgados por diferentes planos estatais e a forma de aplicação.

O engajamento ativo dos produtores me parece favorecido pelo volume e estrutura de capitais, principalmente, relacionado aos aspectos organizativo e social. Cada produtor, de forma diferenciada, apresenta-se de acordo com as condições que favorecem a entrada de projetos. Para isso, é necessário conhecer as regras do jogo, inserindo-se nele através de estratégias políticas que permitem a captação dos recursos, neste caso a própria organização.



A partir da captação dos recursos e da adesão às regras do projeto mediador entram em uma lógica apropriacionista. Assim, o grupo de Cerro Hermoso aparece como uma das experiências possíveis: a adesão completa dessas comunidades à lógica dos projetos.

Mesmo que entrem em disputa e consigam se impor, estão pensando sua condição de vida na região em função das alternativas apresentadas a partir desses programas. Em alguma medida, posso comparar este caso ao estudado por Sardan (1995). Este autor, ao descrever a lógica apropriacionista na realidade africana, observa como os produtores engajados eram os mais propensos a se engajarem por contarem com recursos que os tornam mais preparados para a disputa.

“Il s’agit donc d’un enjeu, et certains personnes ou certains groupes sont mieux préparés ou mieux armés que d’autres pour en tirer parti

Les exemples sont innombrables, ou les mieux lotis ou les plus influents des paysans destinataires utilisent la mise en place d’un projet pour agrandir leur patrimoine foncier ou le valoriser, augmenter leur audience politique ou leur réseau de clientèle, accumuler capital, revenus, ressources ou prestige” (SARDAN, 1995 p.137 138).

Estes produtores, ao assumirem uma postura otimista com relação ao futuro na região, acabam criando demandas a serem preenchidas pelos recursos oferecidos pelas novas políticas e adequando suas estratégias pela necessidade de monetarização de suas economias, devido às mudanças na forma de reprodução familiar e pela necessidade de novos investimentos não agrícolas. Noto que assumem cada vez mais uma postura de “homo economicus”, fortemente explicitada na necessidade de moldarem suas estratégias à ampliação da lógica de mercado, de fornecerem respostas satisfatórias ao Programa e de se inserirem em um espaço político (liderança do grupo, reuniões, representações).

Dessa forma, encontram na apropriação dos projetos de desenvolvimento que aparecem não apenas uma perspectiva de futuro, mas a possibilidade de transformação de si em “cidadãos” capazes de competirem de acordo com os novos parâmetros exigidos pela lógica de mercado. Esta alternativa consiste, em parte, na aceitação da imposição das regras do jogo dos dominantes.

Quanto mais incertos os produtores no que diz respeito às estratégias políticas, suas lógicas têm maior dependência dos mediadores que facilitam o acesso às propostas. Porém, ao mesmo tempo, observo que, em todas estas instâncias os produtores se mostram ativos e preocupados em dominar estes lugares. Os produtores questionam as propostas de desenvolvimento, afirmando que elas se caracterizam por serem “bueno pero poquito”, e tentam impor aos técnicos-mediadores um limite às suas práticas, quando pedem, por exemplo, para “hablar corto y claro”. A acumulação de capitais, organizativo e social, permite que consigam resistir, em parte, aos moldes do Programa e disputar espaços nas reuniões. Isto permite pensar o grupo como uma organização com tendência a se constituir como mais corporada, inserido em uma lógica de engajamento mais comunitária.

Considero que o grupo apresenta características próximas às atribuída por Lande (1977), em seu estudo, aos grupos corporados, apesar das fissuras internas destacadas. Para Lande (1977),

“no modelo de um sistema político baseado em grupos, os cidadãos individuais satisfazem suas necessidades particulares unindo-se a outros com necessidades similares para tentar conseguir uma legislação geral delineada para satisfazer todos os cidadãos com tais necessidades. Desta forma, os objetivos particulares do indivíduo são alcançados à medida que ele luta pelos objetivos categoriais do grupo. [...]”. O autor considera que os membros “recorrerem a este método complicado de atender seus interesses particulares trabalhando pelos interesses dos outros, não somente por um sentimento de companheirismo pelos outros membros de seu grupo, mas também porque eles não têm alternativa a não ser agir assim. [Continua destacando que] o modelo de política baseada em grupos estabelece que as fidelidades que unem o indivíduo a grupos maiores aos quais ele pertence sejam fortes e estáveis, que os interesses coletivos de cada grupo tenham preferência sobre os interesses pessoais de seu líder” (LANDE, 1977).

No caso em questão, para entrar no jogo torna-se necessário constituir um grupo que viabilize a estratégia política. Esta aspiração aparece nos testemunhos em aspectos como o *fundo de recupero*, a participação nas reuniões, como também nas avaliações com referência ao trabalho grupal.

Este grupo evidencia, tanto nos espaços como nos discursos, o poder que se exerce nessas instâncias e o disciplinamento com a intenção de formatar um tipo de “cidadão”, neste caso, rural empobrecido e a imposição de resistência a essa condição.

## **4 LÓGICAS DE ENGAJAMENTO DOS PRODUTORES DO GRUPO POTRERO DE GERO**

Procuro explorar, no presente capítulo, uma segunda possibilidade de pensar o engajamento dos produtores rurais às propostas do PSA e suas relações com concepções de pobreza e desenvolvimento. Busco evidenciar tanto os diferentes posicionamentos internos ao grupo de produtores constituído na comunidade de Potrero de Gero, como contrapô-lo enquanto grupo que se apresenta ao PSA de forma homogênea ao grupo constituído na comunidade de Cerro Hermoso.

Ao explorar as contraposições e as semelhanças que assumem as propostas em diferentes comunidades atingidas pelo programa, procuro observar a redefinição do caráter universalizante da política a partir das condições concretas que esta assume na interação entre agentes sociais inseridos diretamente na sua execução.

Para isso, inicialmente, apresento no quadro abaixo características centrais que permitem compreender o engajamento diferenciado dos produtores dessa comunidade. A forma que este assume faz com que se possa encontrar internamente dois subgrupos.

### **4.1 O grupo Potrero de Gero**

A comunidade de Potrero de Gero recebeu o nome de um antigo campo, pertencente a família Gonzales. Nas terras que compreendiam este campo, hoje vivem herdeiros do antigo dono. O campo ficou bem localizado com a passagem de uma rodovia e a abertura da região para a comercialização dos produtos. Cerca de 40% dos produtores da comunidade, através de estratégias pessoais, como a construção de casas, instalaram-se em suas margens.

Com relação às características sócio-econômicas do grupo que compõe esta comunidade, encontrei algumas semelhanças com o grupo estudado anteriormente. Evidenciei que este possui a mesma configuração das unidades familiares, o mesmo tipo de construção das casas, como

também de acesso aos serviços, à infra-estrutura e aos equipamentos. Além disso, pode constatar semelhanças na contratação de serviços, na tecnologia utilizada e na organização do autoconsumo.

No que diz respeito ao acesso à educação, esta comunidade mantém os mesmos níveis que a comunidade anterior. Entretanto, os filhos dos produtores freqüentam diferentes unidades educativas devido a maior facilidade de acesso proporcionada pela proximidade de suas moradias com a estrada. Desta forma, não existe no local, como no caso de Cerro Hermoso, uma instituição escolar que concentra o acesso ao ensino e assume um papel central na realização de reuniões e na convocação aos projetos.

Já com relação à situação fundiária, se existe coincidência com relação à precariedade das situações de posse, não se percebe tanta heterogeneidade na quantidade de hectares por produtor, como foi verificado no primeiro grupo. A superfície média dos terrenos consiste em 161 hectares, com a característica de serem campos abertos e, em 80% do total dos casos, os moradores ocupam as terras em sucessão indivisa. Existe um produtor com 150 hectares com situação fundiária em trâmite e outro que possui 200 hectares devidamente titulados.

A idade média dos titulares das unidades é de 49 anos. A média de filhos por unidade familiar é maior que na comunidade anterior, diferindo, em parte, por existir uma faixa entre 15 e 25 anos inexistente na outra. Neste aspecto, observo que os filhos menores de 20 anos que, ao terminarem os estudos primários, não realizam os estudos secundários, ficam trabalhando na unidade familiar. Este fato incide nos dados de trabalho fora da unidade. Nesta comunidade, houve um aumento de 65 % dos produtores que declaram formular este tipo de estratégia, sendo 100% homens, dos quais 60 % são filhos dos titulares da unidade com uma idade média de 21 anos e os outros 40% correspondem aos titulares, que têm uma idade média de 34 anos. Em 100% dos casos os produtores prestam serviços temporários em atividades turísticas, de construção ou em tarefas relacionadas à atividade pecuária. O acesso a este tipo de trabalho é facilitado pela proximidade com a estrada.

Com respeito a suas atividades produtivas, neste grupo, os produtores dedicam-se à produção pecuária e ao artesanato.

## 4.2 Um pouco de história e razões necessárias

Busco reconstruir as trajetórias dos agentes sociais inseridos neste grupo de forma a analisar suas tomadas de posição e confrontá-las com as diferentes lógicas de engajamento.

Os aspectos principais que contribuem na análise dos posicionamentos internos no grupo estão sistematizados no quadro abaixo.

**QUADRO 2** Dados do grupo Potrero de Gero

	Produtor subgrupo I	Produtores subgrupo II
Aspectos diferenciais	Alternativas de reprodução familiar tradicionais Maior capital econômico em animais e terra	alternativas de reprodução familiar tradicionais localização sobre estrada principal
Estratégias	Pecuária	Pecuária Artesanato e artigos regionais
História migratória	Inexistente	Fraca
História organizativa	Não citam participação em experiências organizativas e valorização negativa do organizativo	Não citam participação em experiências organizativas e valorização negativa do organizativo experiências anteriores desalentadoras
Relação com instituições	Fraca	fraca
Visões	De futuro	Pessimista
	De parque	Pessimista
	De urbanidade	Pessimista

(Fonte: entrevistas realizadas em 2002)

As posturas otimistas manifestam esperança, projeções, e vantagens, nos aspectos abordados nas entrevistas, em contraposição as pessimistas

Trabalhei com as trajetórias dos produtores que ocupam o papel de representantes junto ao PSA e daqueles ligados à proposta na condição de participantes.

Início pela história de Fernanda, moradora do local com mais de 60 anos de idade, e que não possui experiência de migração, nem estudos primários. Ela casou-se na região com o filho de um grande proprietário de terras, que possuía 2400 hectares, com quem teve 15 filhos. Seu marido já possuía 6 filhos do primeiro casamento, com o que soma 21 filhos. Com a morte do pai, as terras herdadas pelo produtor, cerca de 1200 hectares, foram posteriormente distribuídas entre os filhos dos dois matrimônios. Atualmente, os vários filhos que ficaram na região compartilham o campo entre eles e com os primos. Fernanda estabelece uma rede de relações que tem como base esses parentes mais próximos, entre eles, uma filha que vive no campo vizinho.

Esta moradora não havia participado de instâncias de trabalhos grupais anteriormente ao PSA. Sua estratégia produtiva está baseada no que tradicionalmente vem se fazendo na região, como a criação de animais e a venda de produtos pecuários e do artesanato. A família a que

pertence destaca-se no grupo, como possuidora de um importante capital em animais. Eles também agregam valor aos produtos primários vindos da pecuária com a fabricação de queijos e a realização de artesanato. Complementam sua estratégia com atividades de autoconsumo.

No campo vizinho à estrada vive o produtor Carlos, de 45 anos de idade, com sua família de quatro filhos. Sua esposa é filha da produtora Fernanda. A morada deste produtor está localizada nos campos herdados, que divide de forma comunitária com os demais parentes. Antes viviam mais afastados da estrada principal, depois mudaram-se para um local mais próximo do acesso à escola e oportunidades laborais. O produtor realiza diferentes trabalhos ligados a área da construção civil em hotéis da região. Não tem estudos primários.

Outros integrantes desse grupo, Marcos e João, têm a mesma estratégia de saírem do interior da pampa e ficarem mais próximos à estrada. Eles alegam, em função da construção da estrada, a possibilidade de se deslocarem para aceder às comodidades, anteriormente destacadas por Carlos. Além disso, a nova morada permite evitar que permaneçam sofrendo os inconvenientes do trânsito pelos caminhos difíceis da pampa, como também o isolamento. Nas famílias destes produtores quase todos os integrantes migraram. Estes dois produtores foram escolhidos como representantes do grupo junto ao PSA.

Como estes produtores apresentam trajetórias semelhantes, passo a enfatizar apenas a de João. Produtor de aproximadamente 50 anos, nasceu na região, em terras que eram de seu avô e que hoje compartilha com outros parentes. Entre esses parentes encontram-se os produtores acima citados, correspondendo a uma posse de terras em sucessão indivisa. Atualmente, ele ocupa uma casa emprestada junto com a sua família, constituída por filhos jovens dedicados ao artesanato e crianças em idade escolar. Tem trabalhado em ocupações temporárias dentro da zona, como foi a construção da estrada principal. Anteriormente, dedicava-se a criação de animais, tendo abandonado esta atividade por considerá-la não rentável. Este produtor constrói sua estratégia vendendo na estrada a sua produção pecuária e artesanal. Não tem estudos primários.

Dentro do grupo de produtores que se estabelece próximo à estrada aparece uma diferenciação relacionada, por um lado, a quem constrói sua própria casa e, por outro lado, a quem tem acesso a ela por meio de empréstimo. Enquanto os primeiros, que construíram sua casa às margens da estrada, não dispõem das terras para a criação de animais, os segundos conseguem

ter acesso à estrada através das casas emprestadas e mantêm os antigos terrenos no interior da pampa, onde continuam desenvolvendo a atividade pecuária.

Neste grupo, visualizo dois tipos de estratégias produtivas: na primeira, a da família de Fernanda, reivindica maior disponibilidade e direito anterior ao território em que pastam os animais, o que permite conformar uma manada importante para a sustentação do atual núcleo familiar. Em contraposição, os demais produtores centram suas estratégias combinando a criação de animais com a alternativa turística, baseada na venda de artesanato e artigos regionais.

Em função das trajetórias e continuando a linha de pensamento colocada para o primeiro grupo, com o objetivo de abrir janelas para analisar comparativamente estas comunidades, percebo que as estratégias dos produtores de Potrero de Gero apresentam significativas diferenças que incidem nas lógicas de engajamento destes produtores ao PSA.

Relacionando as trajetórias e as estratégias dos agentes do grupo de Cerro Hermoso com as visões de futuro e as experiências organizativas, constatei a existência de duas tomadas de posição entre os produtores. Ao correlacionar estes aspectos a respeito do grupo da comunidade de Potrero de Gero, pude notar que os produtores posicionam-se de forma mais uniforme. As estratégias elaboradas pelos produtores deste grupo assumem particularidades em relação ao grupo anterior, principalmente na forma como concebem a atividade turística e as expectativas de futuro da região.

Na questão do turismo, os produtores de Cerro Hermoso posicionam-se a partir de uma postura ambientalista, formulando suas estratégias de acordo com o discurso dos mediadores, encontrando, dessa forma, na alternativa do ecoturismo a possibilidade de concretiza-las. Já este grupo manifesta uma desqualificação desta alternativa ligada às demandas ambientais. As visões importadas pelos mediadores ambientalistas, relacionadas ao processo de criação do parque nacional e da reserva estadual, são contestadas pelos produtores deste segundo grupo. Para esses produtores a criação dessas áreas não se mostra como uma oportunidade para a exploração do turismo, senão como um impedimento de conservar as práticas tradicionais que resultavam em uma fonte de recursos.

“Y no que van a ocupar gente si no hay nada, no van a ocupar gente para no hacer nada que hacer, antes en las estancias, se producía. [...] Ahora las estancias están todas para el parque, acá donde vivimos son reservas del parque. [...] se empieza a poner el parque y sacan todo,

porque ya no existe nada, el parque yo no le veo nada,... si hubiera trabajo”(produtor, representante junto ao PSA, 50 anos).

Os produtores sentem nesta nova construção do espaço a transformação acelerada de suas possibilidade laborais.

“Y ahora también con el parque se murió todo a mi parecer, muere todo porque en que va a trabajar , que producción que beneficio 4 o 5 que están empleados por el parque y están cobrando un sueldito esos van a vivir” (produtor, 45 anos).

A desconsideração por parte das políticas ambientais das populações que vivem em espaços que foram transformados em parques é sentida pelos moradores de forma intensa. Menos do que verem o empreendimento como fornecedor de oportunidades o vêem como acirrador do processo de desmantelamento de seus modos de vida.

“Quién va a tener 50 ovejas para que coman los pumas nadie, si no se puede matar el puma entonces tiro las ovejas a la mierda porque el puma no se puede matar porque es parque, tener 10 pumas o 100 ovejas para que queremos el puma entonces que tiene que hacer la gente irse porque no se puede matar al puma y además termina preso” ( produtor representante junto ao PSA, 50 anos).

Em função disto, pude observar diferenças na elaboração de estratégias produtivas por parte dos produtores desse grupo com relação ao grupo anterior. Assim, aparecem regularidades nas representações que estes fazem da região e das possibilidade de futuro no local.

“Yo pienso que para mí la pampa de Achala no existe más, ni piense que va a ser como antes, lamentablemente para mí la pampa de Achala no existe más” (produtor, 45 anos).

Para esses produtores a pampa como lugar de trabalho e de vida esta desaparecendo. Como destaca o morador “la pampa de Achala no existe más”. Se a pampa não existe, como pensar o futuro na local? Como acreditar em oportunidades e desenhar alternativas de vida?

Esse local que se apresenta esvaziado de oportunidades aos moradores incita a pensarem onde e como viver. Se o presente elimina as possibilidades de pensar o futuro na região, o passado reelaborado também retira as possibilidades de pensar a vida fora, nos centros urbanos.



A alternativa migratória inscrita em suas memórias, tanto pelas experiências pessoais, como pelas contadas por quem migrou, sustentam um olhar pessimista sobre o mundo urbano.

“Y acá después de todo de algo se vive, sin trabajo por lo menos tiene los animales y hay que comer, y en el pueblo si no tiene trabajo no tiene nada” (produtora, 43 anos).

Para esses moradores, o urbano se apresenta como um local em que a vida se torna mais difícil, pois necessitam do dinheiro para terem acesso aos serviços e à alimentação. As gerações mais jovens deparam-se com essa falta de futuro. O futuro deste grupo etário está pensado em função da construção de objetivos e prioridades que já não podem ser satisfeitos com os recursos existentes nesta região.

“Los jóvenes se van casi siempre se van a buscar trabajo para el joven ya no es vida, ya si quiere salir a algún lado si no es a la casa de un vecino así que la juventud ya tira mas al pueblo, se va tiene su trabajo y ya puede salir, acá los jóvenes a cierta edad ya es poca la gente que queda” (produtor, representante junto ao PSA, 52 anos).

Dentro de um contexto de escassez de postos de trabalho, seja nas unidades do parque ou devido às restrições as suas atividades, os produtores abrem pequenos espaços onde elaboram suas estratégias reprodutivas. Considerando que estes produtores não contemplam a questão ambiental e não possuem trajetórias ligadas a experiências organizativas, suas estratégias são pensadas de forma mais pontual e individualizadas.

Deparando-se com um ambiente hostil e sem capitais para um posicionamento político, estes produtores concebem estratégias mais imediatas que respondam às necessidades cotidianas.

Dessa forma, eles desenvolvem estratégias baseadas nas atividades turísticas, na venda de artesanato e de artigos regionais. Essas atividades são realizadas de forma individual.

“Yo antes me cansaba de comprar quesos a los fabricantes y después los vendía yo, pero ahora es poco lo que se vende y están todos vendiendo, y el turista ya no es lo mismo que antes viene mira y va recorriendo y adonde consigue más barato va comprando” (produtor representante junto ao PSA, 50 anos).

Além de construírem suas estratégias de forma individual, os integrantes da comunidade acabam entrando em competição entre eles mesmos.

“No, no había nadie el único que sabía vender el Oscar y ahora hay un montón, Santos, Luis, hay por todos lados también porque no hay otra cosa que hacer”(produtor, 46 anos).

“Hay mucha competencia en el trabajo hay una competencia tremenda” (produtor, representante junto ao PSA, 50 anos).

Os produtores entrevistados, em suas trajetórias, não manifestam o fato de terem participado de trabalhos grupais ou associativos anteriores. Tampouco eles parecem se interessar por este aspecto. Entretanto, colocando a questão desde outro ângulo, esta parece poder ser respondida quando evidencio que passaram por experiências associativas negativas Neste sentido:

“Trabaja como puede, porque si se pone todo junto como se hizo aquella vez uno no va ayer no vino empiezan ahí los problemas, [...] Con mis hermanos he trabajado más, pero no iba, uno trabajaba más y si yo no iba al puesto decían que no había hecho lo que tenía que hacer [...] porque yo ya trabaje en socia y a mi no me conviene en socia yo muchas veces lo hice y me salió mal, [...] no se puede trabajar, nunca se trabajó juntos, no se hizo ni lo vamos a hacer tampoco, ni se vendió nada, cada uno hacia lo suyo” (produtora, 43 anos).

A perspectiva do trabalho conjunto parece conotada por um sentido de dificuldade e os acordos de consenso se apresentam como inviáveis.

“Porque no trabajas nunca parejo, acá no se trabaja nunca parejo unos para un lado y otros para el otro, yo trabaje de más y vos no trabajaste nada y así va” (produtor, representante junto ao PSA, 50 anos).

“Porque por ahí no estamos de acuerdo y decimos estamos de acuerdo lo vamos a hacer junto pero después usted va yo no voy el fue bueno y llega el momento cuando esta la verdura y todos sacamos igual” (produtor, 50 anos).

Aparece muito mais possível a alternativa do trabalho para as situações individuais:

“Por eso no me gustó y él me dijo si va mal no sé trabaja más, trabaja para usted o no trabaja más” (produtora, 43 anos).

Cada cual, nosotros lo preferíamos para uno y atenderlo uno sólo (produtor, 50 anos).

Atrás de um frágil equilíbrio familiar em torno da vizinhança, manifesta-se de forma subjacente conflitos internos à comunidade:

“Juntar lo tuyo lo mío no se hace ni lo vamos a hacer tampoco porque hay gente que no vale para eso” (produtor , 46 anos).

Esses conflitos podem ser notados, em alguns aspectos, como a posse e a distribuição da terra. Neste sentido, constato uma problemática antiga relaciona à precária situação fundiária em que se encontra a comunidade; neste caso particular, trata-se de um campo familiar compartilhado:

“Sí, yo estoy acá pero mantengo lo de allá y no lo quiero abandonar porque es de mi padre, si estoy acá estoy bien pero el campo de mi padre la voy a pelear hasta el último porque es de mi padre, y yo he sido nacido y criado ahí y entonces no lo quiero abandonar no sé lo voy a dejar para otro que no le corresponda no se lo voy a dejar ni que sea para un hijo para un hermano o para un primo” (produtor, representante junto ao PSA, 50 anos).

### **4.3 Os produtores de Potrero de Gero e a proposta de desenvolvimento**

Mesmo que esses produtores apresentem trajetórias e estratégias mais individualizadas, constituem-se enquanto grupo para obter benefícios do Programa Social Agropecuário. Porém, o engajamento nas propostas parece estar menos baseado em acordos de interesses comunitários, ou em torno de um projeto, e mais baseado na possibilidade de buscar de uma ajuda complementar as suas atividades tradicionais.

Para salientar um pouco a questão da ajuda nas tomadas de posição a respeito das propostas do PSA<sup>11</sup> foi importante abordar o processo de mediação e a representação que os produtores fazem dos aportes.

Observando os processos de intervenção das propostas de desenvolvimento nesta comunidade, percebo assimetrias nas relações de poder de forma diferenciada do grupo precedente. Em Cerro Hermoso, verifiquei que a adesão às propostas de desenvolvimento relacionavam-se com uma percepção de futuro otimista e estavam ligadas às alternativas apresentadas pelos mediadores. Este processo acabava desqualificando as expectativas dos produtores dominados e tornando todo o grupo mais dependente do Estado. Enquanto no grupo de Potrero de Gero os produtores se apresentam menos receptivos às propostas, não há uma abertura para o exercício da mediação, nem uma preocupação ativa enquanto grupo pela captação de recursos do projeto estatal. O processo de mediação é estabelecido principalmente a partir de relações pessoais nas quais se envolvem alguns produtores. Prevaecem relações diádicas<sup>12</sup> estabelecidas entre um pequeno grupo de representantes da comunidade e os técnicos mediadores.

Considero que o primeiro grupo possui características mais próximas daquelas de um grupo corporado. Apesar de seus integrantes apresentarem interesses divergentes e individuais, aproveitando os recursos para o ecoturismo ou para complementar a renda familiar, a forma de acesso aos benefícios requer que se apresentem enquanto um grupo. Dessa forma, a existência de conflitos de interesse internos ao grupo foi assumida pelos integrantes do mesmo, conseguindo estrategicamente mostrarem-se como um grupo homogêneo. Noto ainda que se são estabelecidas relações pessoais como com a professora e se recorrem a instâncias de mediação, o grupo fortalece sua unidade na disputa pelo poder dos mediadores.

Em contraposição, os produtores de Potrero de Gero estabelecem vínculos mais personalizados com os mediadores, podendo serem interpretados como mais próximos a alianças diádicas. Mesmo que para o acesso ao programa se apresentem como um grupo, os interesses em

---

<sup>11</sup> Nesta comunidade, foram desenvolvidos dois projetos ao longo de 1997 e 1998, denominados de “Potrero de Gero 0 e 1”.

jogo, principalmente pelos produtores que assumem os postos de representação, são preenchidos a partir do estabelecimento de vínculos pessoais em detrimento das demandas coletivas.

#### **4.3.1 - Como deixar-se assistir: os produtores do grupo e a mediação**

Se os produtores de Potrero de Gero também reconhecem os mediadores como canais de acesso aos recursos do programa, compartilhando, desta forma, de uma percepção semelhante a do grupo anterior, não entram em disputa pelo espaço que estes ocupam na intermediação dos benefícios. Os integrantes deste grupo sequer questionam as propostas apresentadas, assumem uma posição de ouvinte.

“Uno tiene que ir para ver escuchar y decir bueno si está bien”  
(produtor, 50 anos).

Ao assumirem esta posição, esses produtores reconhecem o seu lugar no processo de implantação como um agente passivo. Penso que isto ocorre, em parte, pelo caráter exógeno que assume a proposta quando não corresponde aos desejos expressados pelo produtor. Nesse sentido, na narrativa de um dos produtores, a proposta aparece como algo trazido e decidido pela mediadora:

“Por ejemplo com esta estufa que quiere ahora - la mediadora”  
(produtor, 50 anos).

No entanto, essa expressão de um certo desinteresse pela disputa em torno da forma que deve assumir o empreendimento, como no caso da construção da estufa, é assimilada pelos moradores como impossibilidade . O que procuro destacar é que a passividade que esses produtores assumem também corresponde ao fato de se reconhecerem como destituídos do saber portado pelos mediadores.

---

<sup>12</sup> Estão sendo consideradas relações diádicas aquelas em que se sobressaiam, senão todas, ao menos parte das seguintes características: que, para sua permanência, exista a exigência a continuada troca de favores; que se componha por “rígida reciprocidade”; que seja estabelecida entre indivíduos e não grupos; que os indivíduos que estão se relacionando tenham condições diferenciadas, podendo a dessemelhança ser temporal ou categorial; que os benefícios almejados com a relação sejam mais particulares do que categoriais; que os interesses que os unem não sejam com relação à obtenção de um objetivo geral comum, mas à promoção dos interesses particulares complementares; que o acordo seja voluntário (LANDÉ, 1977).

“Lo que pasa es que acá comprendemos poco y no entendemos mucho ...pero de ahí se puede preguntar no entendi esto, para que los demas o sea ustedes lo expliquen, den la idea porque acá, prácticamente somos medio rústicos” (produtor , 46 anos).

A possibilidade de participarem ativamente passa menos pela conquista de um espaço de “participação” do que pela construção de uma relação vertical que se expressa, tal qual na narrativa de um dos produtores, através da percepção da necessidade do “chefe”.

“Que haya un *jefe* que diga esto es para hacerse así y que se ordena así, y que se queden los que quieren, y que diga esto es así” (produtor representante junto ao PSA, 50 anos).

A tentativa de conseguir um apoio dos mediadores está relacionada às demandas mais urgentes por capitais econômicos. Nesses relatos, aparece uma questão de obediência, característica de um relacionamento vertical, enquadrada em uma lógica de retribuição: “maximizar las ayudas exteriores”. Em um primeiro momento, posso relacionar tal posicionamento com a percepção negativa do futuro e a falta de visualização de um projeto no local.

Diferentemente, o grupo anterior parece mais direcionado à disputa por um capital simbólico que permita gerar no futuro novas oportunidades no local. A representatividade na zona ou a liderança não são preocupações existentes para os produtores de Potrero de Gero. No momento em que os produtores conferem aos mediadores poder de decidir sobre o gerenciamento de questões grupais, possibilitam o surgimento de agentes que, na ausência destes, acabam assumindo suas funções na intermediação. Não há uma disputa efetiva pela ocupação do posto de mediação por parte dos produtores representantes, mas a instrumentalização dos pequenos espaços que se abrem. Em troca dessa abertura temporária e vantajosa, os produtores representantes retribuem aos mediadores vindos de fora a garantia de uma certa capilaridade na comunidade, necessária à implementação de projetos, que dificilmente conseguiriam de outra forma. Como exemplo, tomo a questão do *fundo de recupero*.

Retomando o objetivo deste fundo, observo que é concebido como uma alternativa para os produtores, em momentos críticos, poderem dispor de dinheiro, sendo que suas economias são escassamente monetarizadas. O fundo, portanto, seria um bem do grupo, cujo manejo e decisão do destino a respeito de sua aplicação estariam nas suas mãos. Porém, o que pude observar a

partir da investigação é um processo de apropriação e concentração das decisões sobre a distribuição e o manejo do mesmo por parte dos representantes. Eles conseguem impor esta apropriação por estabelecerem relações pessoais com os mediadores e, em certas ocasiões, assumirem suas funções.

"Pero la plata que nosotros teníamos que esta guardadita, y no la podemos entregar, ...la plata no es mía ni de usted tampoco, es de el - coordinador del PSA- pongale y .. cuando él venga decidirán ellos lo que van a hacer" (produtor representante junto ao PSA, 50 anos).

"Ellos piensan que nosotros nos beneficiamos, claro yo no siempre, pero si yo necesito yo saco la plata pero despues la vuelvo a poner la plata" (produtor representante junto ao PSA, 52 anos).

Outra diferença interessante a ser ressaltada é a que esta comunidade tem acesso ao projeto a partir de relações familiares. Mesmo na condição de uso da terra, prevalecem relações mais precárias do ponto de vista formal.

#### **4.3.2 O peso da história: os produtores e a organização**

Considerando que uma das principais propostas do PSA consiste em promover a organização social dos produtores para que possam auto-gerenciar seus empreendimentos e se integrem ao programa de forma organizada, a constituição do "grupo" participativo apresenta-se como meta a ser alcançada pelos mediadores engajados. No entanto, esta meta está intrinsecamente relacionada à disposição dos moradores a constituírem um grupo "participativo" que opina e reivindica em nome de uma coletividade.

Em Cerro Hermoso, de certa forma, formou-se esse grupo que apresenta conjuntamente suas demandas e constrói o acesso aos benefícios, mesmo com diferenças internas. Um dos aspectos que me pareceram relevantes foi a presença de experiências organizativas nas trajetórias dos integrantes.

Diferentemente do grupo anterior, o grupo de Potrero se caracteriza por não possuir experiências anteriores em trabalhos conjuntos. Como dado específico, pouco teria de explicativo este aspecto, caso eu desconsiderasse a percepção desvalorizante que esses produtores têm deste tipo de propostas.

“A nosotros no nos gustó nunca la sociedad, trabajamos solos, andamos solos [...] Aquí que la gente se junte no hay costumbre, aquí casi cada uno hace lo suyo” (produtor, 46 anos).

A proposta organizativa exógena não corresponde às formas de solidariedade reconhecidas por esses produtores. Desta forma, eles resistem à adesão ao tipo de trabalho grupal proposto a partir do programa:

“No me gusta, no me gusta, siempre las cosas no andan bien, no puede cumplir y ya entra en disconformidad nunca me gustó siempre trabajé solo” (produtor, 46 anos).

Nesse sentido, retomo a questão da passividade anteriormente colocada. É preciso vê-la não apenas como decorrente da falta de domínio por parte dos produtores dos códigos necessários a uma interação mais ativa, mas também como uma recusa em abrir mão dos modos de vida que não passam pelo trabalho grupal proposto. Isto não significa que não realizem toda uma outra série de atividades conjuntas, porém bastante diferentes do enquadramento em um formato de “participação”, como lhes vem sendo requisitado.

Como exemplo da resistência à forma de trabalho grupal proposta posso destacar novamente a dinâmica implementada na administração do “*fundo de recupero*”. A introdução desse fundo permite observar aspectos contraditórios. Por um lado, noto em suas narrativas as tensões geradas pelo fato dos produtores terem que chegar a um acordo sobre o fundo.

“Nos juntamos porque el programa lo pedía, inclusive ellos prestaban la plata lo que pasa es que despues no querian y aca la gente esta muy peleada muy desunida” (produtor, representante junto ao PSA, 52 anos).

Tendo sido forçados a se conformarem como grupo para ter acesso ao benefício do crédito, emerge um conflito no manejo e destino do *fundo de recupero*. Em primeiro lugar, em função do manejo, surgiu uma disputa pelo acesso ao dinheiro entre agentes diferentemente posicionados, os que possuem o cargo de representantes e aqueles que não têm poder decisório.

Tampoco se la podemos dar porque no es nuestro no tenemos la orden para darle la plata (produtor representante junto ao PSA, 50 anos).



Em segundo lugar, pude evidenciar a problemática de destino do fundo, aspecto no qual os que não tem acesso ao dinheiro defendem uma posição de distribuição individual. Este posicionamento é contraposto ao da comunidade anterior, que defende a utilização comunitária e formula estratégias de utilização conjunta.

A resistência a esse tipo de organização aparece, também, na recusa às dinâmicas grupais implementadas e propostas pelos mediadores, tais como as reuniões comunitárias. Os produtores referem-se a uma pobre participação:

“Tambien por ejemplo cuando llamamos a reunión si son 8 vienen 4, nunca se juntan todo porque no se no quieren no estamos peleados nadie há dicho nada pero cuando llamamos no vienen” (produtor, representante junto ao PSA, 50 anos).

A reunião é tida como uma atividade que os desvia do trabalho individual, atrapalhando o desenvolvimento de suas tarefas cotidianas.

“Cuando es de negocio la gente no lo piensa dos veces a la hora de trabajar si se trata de una posibilidad de trabajar o de vender un animal o algo ..me perdonará la reunión pero yo tengo que hacer esto” (produtor, 50 anos).

Dessa forma, essas instâncias grupais, como a reunião, não são consideradas um espaço de discussão para conseguir alternativas comuns.

Mesmo na resolução de conflitos relacionados à implementação de propostas, as alternativas visualizadas na resolução dos problemas está sendo depositada nos mediadores, como a responsabilidade de dizer o que se deve fazer frente aos conflitos gerados, por exemplo, com o destino do dinheiro do fundo. Em parte, diria que isso se deve ao fato deste grupo, em contraposição ao anterior, não ter a existência prévia de nenhuma instituição local que respalde o exercício do associativo na resolução dos problemas.

“No nunca, y para hacerse tendría que llamarse a una reunion que haya un jefe que diga esto es para hacerse así y que se ordena asi, y que se quede los que quieren, y que diga esto es asi” (produtor representante junto ao PSA, 50 anos).

Resumindo, em função das diferentes posturas e interesses, encontro, neste grupo, grandes conflitos para levar adiante propostas consensuais e um profundo desprezo pelas “vantagens” do trabalho grupal proposto.

### **4.3.3 O esforço de resistir a partir das conquistas**

Há dez anos, com a finalização da estrada provincial, começaram as migrações do interior da pampa até a margem da estrada. Esta estratégia permitiu aos produtores dedicarem-se à venda de artesanato de forma direta. Na ampliação da lógica de mercado ocorrida com o acesso maior à venda direta, os moradores da margem do caminho consolidaram algumas estratégias individuais. Esses agora resistem ao abandono de suas estratégias, em parte já consolidadas, para adotarem as propostas que vem sendo implementadas.

“Si quieren que trabajemos juntos” (produtor , 46 anos).

Em suas estratégias particulares, descobriram a possibilidade de outorgar o valor de mercado aos recursos da zona em troca da conquista da monetarização de suas economias.

“Queda ya para hacer un negocio con el turismo cuestión del cuero, del pan, del dulce casero, piedra, mira el turismo hasta piedra te compra, cuarzo cualquier piedrita que tenga mica hasta piedra vendemos, plantas de helecho, plantas de cola de quirquincho la peperina para el mate” (produtor, 50 anos).

Entretanto, na avaliação acerca do cumprimento do Programa, aparecem as posturas opostas, reveladoras das diferentes posições internas, das retribuições almejadas por alguns e da reprodução de estruturas clientelistas. Uma dessas posturas pode ser observada a partir do enunciado abaixo:

“PSA fue muy bueno, todos cumplimos, y eso se llevo de acuerdo y todos anduvimos bien y todo salió bien” (produtor, representante junto ao PSA, 52 anos).

Em contraposição à postura acima, outro morador destaca:

“Era muy lindo, pero que pasa unos quieren y otros no quieren, los que no querían tenían los 100 pesos y lo fundían en otra cosa y no en lo que habían prometido, después vinieron los otros 200 pesos y fue peor, porque ya se abusaron” (produtor, representante junto ao PSA, 50 anos).

Nesta instância, novamente se contrapõem os interesses entre os representantes e o resto do grupo. Por parte dos primeiros, aparece uma preocupação por mostrar um bom trabalho, sem dificuldades na cobrança dos créditos dos outros integrantes. Essa preocupação está relacionada às retribuições obtidas por esses agentes junto aos mediadores. Os produtores mais interessados em cumprir o estipulado são os que conseguem ocupar temporariamente os postos de representação e obter os privilégios dessa posição.

“Yo pienso que de ninguna manera hemos quedado mal y de ninguna manera vamos a quedar mal” (produtor, representante junto ao PSA, 52 anos).

“Tenemos que agradecer porque para mí es un favor es una cosa linda que hicieron porque yo hoy no podría comprar una carretilla un rollo de alambre comprar los block, yo entonces estoy muy agradecido” (produtor, 50 anos).

Nestes testemunhos, encontrei formas de obediência, como a percepção ou a representação que os produtores têm dos aportes dos programas estatais. No entanto, se diferenciam do grupo anterior na manifestação de posturas mais clientelistas, que sustentam a relação verticalizada que remete aos produtores menos a uma disputa por esse espaço e mais a uma tomada de posição em direção ao cumprimento de determinadas obrigações e “ficar bem” com os mediadores.

Os conflitos e as disputas internas ao grupo relacionadas ao programa apresentam-se com relação ao menor ou maior acesso ao dinheiro que o fundo disponibiliza.

“No te calentes porque la plata que es tuya va a ser tuya porque por mas que la lleve vos o la lleve yo la plata que es tuya es tuya yo no te voy a chorear un mango, ni una monedita me voy a quedar” (produtor, representante junto ao PSA, 50 anos).

Esses conflitos inserem-se em disputas familiares internas ao grupo relacionados também às disputas fundiárias.

“La gente de aca esta muy mal no quieren hacer nada lo mejor es cada uno solo para hacer cada uno es la única forma de vivir bien, la gente es muy mala no se puede” (produtor, representante junto ao PSA, 50 anos).

#### **4.4 Recriando uma lógica conveniente: o assistencialismo**

Nas estratégias produtivas e reprodutivas deste grupo, observo uma tendência à resolução individual de suas problemáticas. Resumindo, poderia dizer que no grupo não se manifestam histórias de trabalho comunitário positivas, nem posicionamentos de participação em instituições, como aparece no caso de Cerro Hermoso, com a instituição escolar rural. O grupo formado circunstancialmente para esta situação manifesta profunda rispidez de relacionamento historicamente enraizado, tanto com relação à situação fundiária, como na possibilidade de tomar decisões consensuais.

Nas estratégias dos produtores, o relacionamento com os projetos apresenta-se como uma possibilidade a mais de captar fundos. Para isso, acabam realizando tarefas e se esforçando por aparentarem o requisitado pelo projeto. Por um lado, constituem-se enquanto grupo e, por outro lado, procuram manter um relacionamento com os mediadores.

Os produtores não se engajam de forma a manterem-se atentos às possibilidades de construir novas alternativas que mais tarde abram espaço para outras possibilidades. Em um primeiro momento, isto pode ser interpretado como uma atitude passiva, em que os moradores estão esperando o oferecimento dos projetos. Situação que se apresenta contraditória com os próprios objetivos sustentados pelos programas de desenvolvimento, como o PSA (de que os produtores se organizem e se tornem viáveis).

Sardan (1995), nos estudos sobre a questão do desenvolvimento na África, mostra que os projetos pretendem que os produtores desenvolvam suas próprias forças, construindo uma nova forma de cidadão. “La notion d’autosuffisance ou de self-reliance (le fait de compter sur ses propres forces) est souvent centrale dans les récents projets de développement” (SARDAN, 1995, p.136).

Na década de 1980, a crise ambiental e econômica trouxeram uma nova discussão sobre o desenvolvimento rural, retomando seu auge nos anos de 1990. Conjuntamente foi discutido neste período o novo papel do Estado, a necessidade de sua descentralização. Isto traz consigo novas propostas de desenvolvimento baseadas em um papel estratégico dos agentes locais e suas iniciativas. Aparece então o debate em torno da noção de desenvolvimento local como instância e oportunidade de participação. Desde estas posturas se reconhece o desenvolvimento local com suas características endógenas, interdependentes e se reconhece um processo coletivo.

Estes novos enfoques do desenvolvimento são contemplados pelo Estado argentino, cuja intervenção se concretiza por políticas públicas orientadas a estes produtores. Entretanto, é interessante retomar os estudos de Sardan sobre as lógicas de engajamento de produtores rurais em propostas de desenvolvimento implementadas na África.

“On suppose a priori qu’elle est partagee par les populations, et qu’elle va dans le sens de leurs intérêts ( alors qu’il s’agit d’un point de vue ideologique et moral, sans doute fort estimable, mais qu’on ne peut impunement preter ou imposer aux autres). [...] En fait, rien n’est plus repandu que la strategie inverse, que l’ont peut qualifier d’assistencialisme, car elle prefere maximiser les aides exterieures. Tenter de beneficier les plus possible des avantages financiers ou materiels qu’offre un projet en donnant le minimum en contrepartie n’a rien de surprenant (SARDAN, 1995, p.137).

Segundo Sardan, estas lógicas assistencialistas implicam em receber colocando o menos possível na troca. Isto no grupo se manifesta no fato de que os produtores resistem ao pautado pelas propostas. Estas lógicas parecem contrapor-se a participação, ao esforço despendido pelos agentes do Estado ao tentarem fazer destes produtores cidadãos “responsáveis”.

“Si acá dicen por plata van a estar todo pero para laburo ya más difícil” (produtor, representante junto ao PSA, 50 anos).

Considero que a hipótese assumida para este grupo de que quanto maior é a inserção individual dos produtores no mercado, menor é sua adesão às propostas de desenvolvimento pode ser constatada. Além disso, pude confirmar que nessa forma de engajamento pouca é a dependência gerada em relação às agências estatais e à ação dos mediadores.

Ao falar deste tipo de lógica assistencialista, me refiro a uma tomada de posição mais passiva no investimento pelo jogo por parte deste grupo. Em termos gerais, os agentes não manifestam preocupações por continuar com outras propostas ou se relacionarem com mediadores. Neste sentido, se enuncia uma postura passiva de considerar as propostas sem criticá-las, nem avaliá-las, agradecendo a possibilidade de consegui-las, o que poderia estar manifestando uma menor dependência a estas políticas.

## **5 AS LÓGICAS EM COMPARAÇÃO: A COMUNIDADE DE SAN MATEO E OS PROCESSOS DE MEDIAÇÃO**

Neste capítulo estudo, a partir de uma terceira comunidade pertencente à região de Pampa de Achala, novos aspectos relacionados à abrangência dos programas de desenvolvimento e recupero alguns aspectos referentes às comunidades anteriormente destacadas. Com isso, objetivo compreender as diferentes possibilidades de pensar a pobreza e o desenvolvimento e contrastar as lógicas dos grupos que aderem ao PSA com as concepções de produtores pertencentes a essa terceira comunidade, que não está engajada no programa. É exatamente pelo fato dessa comunidade de San Mateo não estar diretamente relacionada que ela se configura como uma terceira possibilidade de pensar a lógica da adesão aos projetos de desenvolvimento de comunidades. Tomo essa terceira comunidade como um caso particularmente privilegiado para o esclarecimento de aspectos complementares aos já apontados nos outros dois casos. Trata-se aqui de seguir a leitura de Bourdieu, Chambordeon e Passeron (1999) de que:

“o tipo ideal pode referir-se tanto a um caso teoricamente privilegiado em um grupo constituído de transformações (...) quanto ao caso paradigmático que pode ser pura ficção obtida por passagem dos limites e acentuação unilateral das propriedades pertinentes, seja um objeto realmente observável e que apresenta, no mais elevado grau, o maior número das propriedades do objeto construído” (1999, p.66).

Neste capítulo trato de um caso paradigmático pela redução ao limite das propriedades pertinentes ao objeto, a lógica da adesão. Para uma “exploração sistemática do possível e a construção controlada de um elenco sistemático de hipóteses como esquema completo das experiências possíveis” (BOURDIEU, CHAMBORDEON E PASSERON, 1999, p.70), trata-se aqui de tomar como situação limite a comunidade constituída por membros mais idosos da região, com o menor grau de intervenção de mediadores externos e forte migração.

Tomando este caso, o que se destaca é a situação de desapropriação econômica e política a que as comunidades rurais mais periféricas da Argentina estão submetidas, de tal modo que a reprodução dessas comunidades enquanto grupo corporado só fica assegurada na dependência de mediadores externos. Assim o que Bourdieu, Chambordeon e Passeron (1999) chamam de família de transformações destaque, neste estudo, como sendo três grandes experiências possíveis: em primeiro lugar a possibilidade da adesão completa dessas comunidades à lógica dos projetos, uma alternativa se constitui na adesão parcial de produtores atomizados e, por fim, a possibilidade da não adesão com o risco do comprometimento das possibilidades de reprodução social do grupo nesse território criado por várias gerações anteriores. A questão que proponho é como os produtores dessa comunidade, não integrados ao PSA, estão pensando sua condição de vida na região e quais são as alternativas que se apresentam. Em seguida, no contraste com os processos de mediação que ocorrem nas outras duas comunidades, procuro destacar a impossibilidade da relação não dependente do mundo rural em relação às estruturas centrais.

Primeiramente, apresento a comunidade de San Mateo em seus aspectos estruturais mais amplos e gerais. Em um segundo momento, trago uma discussão sobre os processos de mediação que fornece elementos para introduzir uma análise comparativa entre as comunidades. Destaco nessa análise comparativa a relação entre as trajetórias, a estrutura e volume de capitais e as tomadas de posição dos agentes quanto às questões trazidas pelos mediadores relacionadas ao desenvolvimento e a pobreza.

Em termos gerais, os grupos pertencentes a essa terceira comunidade possuem características sócio-econômicas semelhantes aos demais habitantes da região, apresentando algumas especificidades que destaco no estudo. Como foi citado anteriormente, na situação contextual descrita aparece um mapa de situações em que cada grupo social está mais ou menos afetado por diferentes aspectos, tais como a proximidade da estrada, o maior ou menor índice migratório, o envelhecimento da população e a presença de instituições de mediação entre as comunidades rurais e as estruturas sociais mais amplas (como a escola rural). O conceito de estrutura e volume de capitais das diferentes comunidades ganha pertinência quando referido a estas propriedades cada vez mais decisivas na conformação das características dos grupos sociais rurais.



### **5.1 Os produtores familiares de San Mateo: com todo o passado em um presente sem futuro**

A comunidade de San Mateo localiza-se a 20 km da estrada principal em um dos setores mais frios da pampa e de difícil acesso. Quando me refiro ao grau de periferização das comunidades rurais está em jogo a forma como a distância geográfica em relação aos fluxos de recursos de bens materiais e simbólicos converte-se em distância social em relação aos centros de mediação rural – urbano.

A heterogeneidade interna que mostra esta comunidade manifesta-se de modo peculiar em três pessoas adultas com mais de 60 anos que vivem só ou acompanhadas de algum familiar, um núcleo com pessoas que já venderam seus campos e estão a espera de partirem e apenas uma família com três crianças em idade escolar. A idade média dos titulares dos campos é maior que a idade dos moradores das comunidades anteriores.

Como foi citado para os demais grupos, existe uma estreita relação entre o grau de instrução dos moradores e a idade que estes possuem. Se 100% das pessoas que se declaram maiores de 50 anos são analfabetos, analfabetos funcionais ou com primário incompleto, nesta comunidade há um nível de analfabetismo comparativamente maior pela presença efetiva de mais idosos no grupo.

No que diz respeito à casa, os moradores de San Mateo seguem a mesma forma de ocupação das demais comunidades. Eles são proprietários ou ocupantes de moradias emprestadas na região.

Para uma caracterização da estrutura e volume de capitais dos agentes, no que concerne à propriedade fundiária, é importante considerar aspectos como a quantidade, a posse e o uso da terra. Constato que este grupo possui uma superfície média dos terrenos de 240 hectares de campos abertos, com formas diferenciadas de posse que se estendem sobre os campos dos familiares que já migraram ou, no caso dos mais velhos, conservando seus próprios campos. Esses produtores possuem maior superfície média de terra que aqueles dos grupos anteriores.

Não realizam contratação de serviços em 100% dos casos. Os produtores utilizam os mesmos recursos tecnológicos e a mesma infra-estrutura dos demais grupos.

Para fazer surgir alguns aspectos, considero pertinente recuperar duas trajetórias opostas: daqueles que migraram e a dos que permaneceram sempre na comunidade.

Recupero inicialmente a história de mais um migrante que nasceu na região, tem aproximadamente 35 anos e concluiu estudos primários. Seu pai e sua mãe, oriundos da região da

pampa, tiveram oito filhos. Aos 18 anos ele foi morar na cidade. Este morador coloca que, atualmente, os jovens saem da localidade em busca de melhores condições de vida ainda mais cedo, com 12 ou 13 anos.

Trabalhou na zona urbana por um período de aproximadamente de doze anos. Recorda a história migratória de grande parte de sua família. Todos os seus irmãos, sua mãe e seus tios, por parte de mãe e de pai, migraram. Apenas seu pai sempre permaneceu na pampa. O produtor retornou à região com o objetivo de cuidar dele, fazer companhia, ocupando-se em tarefas como a pecuária.

Poderíamos contrastar esse tipo de trajetória com a de uma moradora, chamada Dalma, de aproximadamente 70 anos, nascida na casa que ocupa até os dias de hoje e que se casou com uma pessoa nascida no local, com quem teve duas filhas. Ela e o marido dedicavam-se às atividades que já eram realizadas pelos seus pais. Recorda que tem vivido da forma que tradicionalmente são realizadas as atividades no local. A produtora continua almejando as mesmas coisas que seus antepassados, considerando, desta forma, sua vida possível no lugar onde mora, diferentemente dos mais jovens, a quem atribui novas expectativas relacionadas ao urbano. Assim, em seus relatos se escuta uma combinação harmônica na forma como organiza seu cotidiano com os recursos existentes na região, considerando os ciclos e os tempos na pampa, a organização da dieta, a forma como pensa as vendas, como percebe suas necessidades.

As trajetórias dos que ficam é cíclica e só pode ser pensada com relação às gerações anteriores. Diria que a migração confere às trajetórias um caráter linear, em que o retorno ao mundo rural é percebido como fim de uma carreira ou como um momento em uma estratégia pensada, tendo o mundo externo como referência.

“Tengo todos mis hermanos en Carlos Paz mi madre tenemos casa allá y ellos me quieren llevar, mi madre estuvo acá viene todos los veranos mi madre y me dijo que vas estar haciendo acá ya cuando mi viejo se vaya me iré yo no lo voy a dejar solito el ya casi no puede andar”  
(produtor com história migrante, 30 anos).

As estratégias produtivas dos integrantes da comunidade de San Mateo estão ligadas à atividade pecuária em 80% dos casos, existindo somente um núcleo familiar que complementa sua renda com o artesanato. No entanto, observo que, nesta comunidade, os homens mais jovens,

que desenvolvem suas atividades na pampa ligada à exploração pecuária, pensam seus projetos de vida em articulação com o âmbito urbano.

Em um dos casos, o jovem tem sua família instalada na cidade, ocupando-se durante todo o ano em atividades pecuárias no interior da pampa, saindo para a realização de trabalhos temporários no verão ligados à atividade turística. No outro caso, o jovem acompanha o pai nos trabalhos realizados na região, mas não vê futuro na pampa e manifesta que sua estada ali é temporária.

Este universo, de início parecia fechado e autônomo, na realidade é um universo onde seus produtores não conseguem mais construir projetos de vida locais. As sucessivas transformações objetivas e subjetivas correlacionadas à presença imanente de um mercado material e simbólico a um contexto mais amplo do que a comunidade, gerou necessidades e expectativas incompatíveis com as oportunidades oferecidas na região.

“Acá están hasta los 12, 13 años y se van, además de por el trabajo hay otras razones, bueno acá no hay ni una diversión” (produtor com história migrante, 30 anos).

Para o meu argumento de que a autonomia depende também de construções subjetivas além de condições sociais objetivas, é importante considerar que os produtores mais jovens, ao pensarem suas vidas na área, têm uma percepção do futuro negativa. No entanto, aqueles que não possuem história migrante continuam concebendo suas vidas no local sem a percepção subjetiva de dependência em relação ao mundo externo. No enunciado destes últimos não se reconhecem os limites locais à vida, aspecto que aparece com relação à trajetória dos mais jovens.

“Sí vivimos acá con mi padre desde que he nacido no me he movido de acá , acá estoy y acá me moriré, a los 72 años nunca, nunca me he movido” (produtora não migrante, 72 anos).

É preciso considerar, contudo, que não apenas no olhar dos moradores jovens, mas também dos mais idosos a pampa se apresenta como um lugar vazio de alternativas para os jovens que estão começando suas vidas.

“Y acá no hay diversión no hay trabajo no hay nada para la gente joven entonces la gente se va, como no hay trabajo, se van a buscar trabajo y ya no vuelven porque acá no hay vida ya, van quedando los

viejitos, ya casi no queda nadie somos muy poquitos” (produtora não migrante, 72 anos).

No decorrer das entrevistas, o tema sobressaliente é a forte pressão dos processos migratórios em todos os relatos. É interessante a narrativa de um dos produtores:

“Todo lo que se ve es la falta de gente. Vivía mucha gente por acá y los que no se han muerto se han ido, como no hay trabajo, se van a buscar trabajo y ya no vuelven porque acá no hay vida ya, van quedando los viejitos, ya casi no queda nadie somos muy poquitos” (produtor com história migrante, 30 anos).

No quadro abaixo, pode ser observada a situação migratória da população, onde aparecem, percentualmente, de forma comparativa as três comunidades.

	Cerro Hermoso	Potrero de Gero	San Mateo
Filhos	24	25	
Adolescentes	28	27	12
Adultos	38	43	62
Idosos	9.5	2.7	25

(Fonte: banco de dados da Agência Córdoba Ambiente)

No caso de San Mateo, constato uma população diminuída, podendo ser caracterizada pelo seu envelhecimento. Esta situação populacional aparece nos enunciados dos produtores quando se referem ao passado como uma pampa de famílias numerosas e aos locais como antigas moradias em que viviam muitos vizinhos.

“No queda nadie no vio que en cada casa hay dos, Eulogio esta solito, yo y mi viejo, y doña Juana y Gabriel, somos muy poquitos los vivientes que hay, ...acá solo están quedando los viejitos... pero en los últimos años no va quedando nada, los campos quedan con menos atenciones y se pierden los animales, hay muchos puestos que ya no hay gente, el padre del Troilo vendió el campo y se fue a Icho Cruz, lo de Cuello no lo habita nadie, en varias partes hay casas que ha habitado gente y ahora no hay nadie o se han ido, otros se han muerto” (produtor, com história migrante, 30 anos).

Como foi relatado no capítulo dois, estes produtores desenvolviam suas atividades de forma articulada com as estâncias. A ausência de moradores aparece também relacionada com o término de parte delas.

“Y si, porque más pasaba el tiempo quedaba menos gente en las estancias, antes en cada estancia había 5 o 6 puestos y cada uno tenía su grupito de ovejas del mismo patrón, el patrón le daba un lote a uno y otro, los viejos se iban poniendo mas viejos y los jóvenes se empezaban a ir, ya no les gustaba quedarse en el campo” (produtor, não migrante, 50 anos).

Com esses processos migratórios, a escola rural da localidade foi fechada há sete anos por falta de alunos. As únicas crianças da comunidade freqüentam uma escola mais longe, permanecendo lá durante toda a semana.

“Y había familia hasta de doce hijos acá en la vecindad, acá en lo de mi hermano cerca vivía un matrimonio con 12 o 13 hijos y ellos ya han muerto y los hijos ya están en Carlos Paz, troilo ahí también han sido 9 hijos, ha quedado él solo muchos ya se han muerto jóvenes, también vivía al norte Pereyra, venían a la escuela acá, venían muchos chicos ahora se cerró la escuela porque ya no había chicos” (produtora, sem história migrante, 72 anos).

Os produtores mais velhos mantêm em seus sistemas produtivos tecnologias mais tradicionais. Nos enunciados desta comunidade destaco aspectos não manifestados pelos entrevistados dos grupos anteriores, por exemplo, com referencia às tecnologias utilizadas na atividade pecuária..

“Si usted no tiene un cerco reservado para hechar los animales para el invierno con el pasto que hay le queda el tendal, nosotros llevamos todas las vacas para la cumbre pero para el verano no entra ni un animal Sí tenemos 3 cercos en octubre noviembre las sacamos, ahora en abril la encerramos y ahí se conservan y se dejan todo el invierno” (produtor, não migrante, 75 anos).

A continuidade desses aspectos culturais permite que estes produtores continuem elaborando suas vidas na região de forma mais autônoma. Porém, a “abertura” do mundo camponês gera uma série de efeitos materiais e simbólicos, como citado no capítulo 2. A emergência de novas necessidades relacionadas a uma crescente dependência do mercado e ao menor isolamento geográfico faz com que ocorra uma crescente desvalorização dessa forma tradicional de vida tanto pelos mais jovens que (acabam optando pela migração) quanto pelos mais velhos (que acabam apoiando a saída).

Os aspectos tradicionais da organização social desses produtores se expressam nas formas de solidariedade na produção e no consumo dos alimentos, nas relações estabelecidas com os vizinhos, como, por exemplo, no carneamento dos animais, realizado de forma conjunta e respeitando diferentes períodos do ano de acordo com as formas de armazenamento disponíveis.

“Se anda con las ovejas, la vaca también se cría bien, en verano se les saca leche porque ahora ya se han vendido los terneros, la leche la tomamos y el queso para el gasto nomás. En abril mayo se venden los terneros en eso ahora en invierno se come la carne vacuna y de octubre a mayo se come oveja, porque en esa época no se puede carnear vaca porque hay mucha mosca y la carne no dura. la de oveja se come más rápido ... compramos una posta de carne como se dice, una pierna o una espalda, hasta que carneamos nosotros, a veces nos prestamos las carnes hasta que carne e el outro” (produtora não migrante, 72 anos).

Para reconhecer o posicionamento tomado pelos integrantes desta comunidade que não adere ao Programa, abordo diversos aspectos: as histórias organizativas da comunidade, o conhecimento da participação destes agentes em outras propostas de desenvolvimento e o contato com agentes externos relacionados a instituições de desenvolvimento.

Pude constatar que esta comunidade não apresenta uma história organizativa.

“No cada uno por sí nomás no había para que juntarse, todos teníamos su capitalcito, cada uno por sí, cada uno tenía sus animales” (produtora não migrante, 72 anos).

Porém, nos relatos dos produtores desta comunidade, a ajuda mútua aparece como uma forma necessária de levar adiante o cotidiano, tanto nas tarefas da atividade pecuária, como em tarefas de construção e no sistema de trocas, potencializando viagens, compras e recursos alimentares.

“Si nos ayudábamos unos con otros, cualquier cosa que necesitábamos por ejemplo necesitábamos techar, antes las casas tenían techo de paja ahora han puesto zinc, pero necesitábamos para hacer el techo el barro, hacíamos cambio de manos, y ahora tampoco para el techo de paja ya no hay nadie que lo haga, así que se hace el zinc” (produtora, sem história migrante, 72 anos).

Com relação à participação dos integrantes desta comunidade em propostas de desenvolvimento, constatei não existir nenhum vínculo destes com projetos ou programas estatais ou entidades não-governamentais. Com relação ao PSA, os produtores manifestam um total desconhecimento.

Ao tomar esta comunidade como uma nova possibilidade que se manifesta neste espaço, considerando que não adere à proposta do PSA, posso observar, na comparação com outros grupos, dois aspectos explicativos acerca das lógicas de engajamento: as migrações e a fraca intervenção de mediadores. No caso de San Mateo, os processos migratórios constituem-se em experiências marcantes dos comportamentos dos produtores no que diz respeito à formulação de estratégias e projetos produtivos e reprodutivos. Neste sentido, percebo que os integrantes jovens desta comunidade mostram-se interessados em desenvolverem suas vidas fora da região e os adultos avaliam suas atuais alternativas - ficar na pampa levando a vida adiante ou abandoná-la e mudar-se para um centro urbano.

Em contraposição com as outras comunidades para as quais a migração consiste na última alternativa, os processos migratórios fazem parte de seus projetos, como as próprias perspectivas do mundo urbano, com as possibilidades que constata e com as dificuldades que suspeitam que aparecerão.

Apesar dos produtores das comunidades de Cerro Hermoso e Potrero de Gero também conceberem como alternativa a migração, na avaliação das vantagens e desvantagens de cada mundo, aparece como mais coerente a possibilidade de ficar e a necessidade de recriar alternativas no local a partir de diferentes recursos. A principal alternativa que está sendo concebida na região de Pampa de Achala, com relação à migração, consiste na possibilidade de captar os recursos que vem dos planos estatais – os programas de desenvolvimento. Essa situação mostra que a possibilidade de conceberem como alternativa a permanência na região vem tornando os moradores cada vez mais dependentes das políticas externas.

## **5.2 Os Processos de Mediação**

Neste espaço de possibilidades configurado em torno dos três casos referenciais, as formas como estão sendo pensadas as alternativas à migração encontram-se diretamente ligadas aos processos de mediação estabelecidos. Dessa forma, no trabalho de investigação retomo aspectos importantes da análise dos dois grupos anteriores e da comunidade de San Mateo com

finalidade de evidenciar aspectos que ficariam encobertos se essas situações particulares não fossem colocadas uma em relação com as outras. Nesta relação, estou levando em conta além da adesão dos produtores, os agentes que atuam como mandatários das agências e instituições estatais, ou seja, os processos de mediação.

Segundo Sardan (1995, p. 174), no trabalho realizado na África, uma “operação de desenvolvimento rural” faz com que “entrem em relação direta ou indireta uma série de atores”. No caso em estudo, entram em contato os produtores familiares, os agentes de desenvolvimento pertencentes a diferentes instituições e os professores rurais. Estes diferentes agentes envolvidos fazem com que a implementação de ações de desenvolvimento pareçam “como um jogo onde cada um joga com diferentes cartas e diferentes regras” ou também como um “sistema de recursos e de oportunidades de que cada um tenta apropriar-se a sua maneira”. Assim, nesta linha de análise, tento destacar a importância das especificidades e os interesses de cada um dos agentes que atuam neste espaço.

A partir dos dados trabalhados nos capítulos 2 e 3, constatei o papel decisivo dos mediadores na definição do acesso ao Programa. Este fato leva a considerar o capital de relações sociais como a forma de capital mais importante nesse contexto para a garantia da reprodução social desses grupos. Trago, portanto, para a análise as relações de mediação, pois estas fornecem elementos centrais para entender o acesso ao Programa e a forma que assume sua implementação. Com isso, objetivo ressaltar que a adesão ou a não-adesão não chegam a se constituir como escolhas para os agentes locais. Para que haja a escolha é necessário que as opções estejam dadas, que os agentes conheçam previamente as propostas, sua linguagem e conseqüências. Porém, o processo de penetração nessas dimensões do projeto já significa uma formatação do agente local às propostas. As resistências a essa formatação não se dão por um sim ou um não ao projeto, mas na modalidade de questionamentos, na produção de pequenos desvios, na reapropriação dos projetos e na reconstrução de significados vinculados a algumas de suas dimensões mais adequadas aos pressupostos sociais e culturais locais.

Para Neves, a mediação consiste “num sistema de regulação instituído para reduzir a dissonância entre visões de mundo e formas de comportamento de distintos segmentos constitutivos das sociedades complexas” (NEVES, 1998, p.149). Constato aqui que o processo de elaboração de projetos é particularmente fecundo para as atividades de mediação exatamente porque existe uma dissonância entre o mundo do projeto e as realidades locais, e o ajuste desses



mundos requer tradução e estabelecimento de relações baseadas na confiança. As habilidades requeridas nessa função social é o que confere sentido social a existência desse tipo de operadores de projetos.

No entanto, observo o mediador como um agente social que em função de sua trajetória, constrói visões de mundo, neste caso particular, suas visões sobre a marginalidade, a pobreza, o desenvolvimento e o mundo rural, em uma busca de valorização de um tipo de conhecimento-intervenção que procura colocar em primeiro plano os “interesses das comunidades”. Acontece que esses tais interesses coletivos não se conformam ao formato de um projeto de desenvolvimento sem um intenso trabalho de dissolução e reconstituição de uma multiplicidade de inclinações individuais e atomizadas. Poderia se perguntar no final do processo de planejamento se o interesse “universal” resultante de todo esse trabalho não é o interesse mais adequado a esse tipo de profissional particularmente interessado na agregação de interesses.

Neste caso, as visões das oportunidades entre um mundo rural percebido de forma quase nostálgica e um mundo urbano, de modo contrastante, concebido como agressivo, “naturalmente” encaminham à construção dos interesses dos produtores no sentido da permanência no local.

“Mejorar lo que ellos ya vienen haciendo que la alternativa de tener que abandonar eso y dedicarse a otra cosa en otro lugar más agresivo como es dejar eso e irse a la ciudad en un momento en que no hay trabajo ni oportunidad, independientemente de que vos rompes una forma de vida que es la que la gente tiene y sabe y aprendió a hacer es como valorizar eso, ...y a mi me interesa y siempre me gustó el campo” (técnico do PSA, 40 anos).

Assim, o desenvolvimento só pode ser pensado como retorno à terra, acrescido de dimensões técnicas que não ferem a nostalgia desse retorno.

“Ahora lo que veo a veces como desarrollo rural son silos, cables y gente no viviendo en el campo que es mi experiencia en Gigena, nadie vive en el campo nadie toma leche de vaca o sea la leche se compra en polvo, pero el desarrollo tendría que ser una vuelta a la tierra con otras técnicas por ejemplo mejorar las razas, tener comunicación y acceso a otras cosas”(professora rural, 35 anos).

Não se trata aqui de considerar que esse processo de formatação dos interesses mais adequados a esse coletivo esteja, na verdade, apenas em função dos interesses profissionais

desses mediadores. Mais precisamente, cabe constatar que o sentido dessa existência social – enquanto operadores de programas de desenvolvimento – se constrói no trabalho de favorecimento da emergência de interesses coletivos que é o modo pelo qual se dá a legitimação de todo um tipo de trabalho. Neste espaço de operacionalização de programas de desenvolvimento identificam-se tanto os mediadores que intervêm desde o Estado, das instituições relacionadas ao PSA, como outras instituições existentes na zona, como a escola rural.

Neste espaço social de mediação assim constituído, onde atuam os mediadores de diferentes instituições, que se apresentam como agentes mobilizadores da mudança de comportamento e de visões de mundo, o desenvolvimentismo emerge como um regime de produção de verdades tanto sobre as “reais” demandas dos moradores como sobre o peso dos interesses da mediação na formatação das propostas de desenvolvimento, todos os interesses esquadrihados e expostos em função de um verdadeiro interesse no desenvolvimento supostamente mais adequado.

Estes agentes sociais que disputam o espaço de mediação, engajados em seu acionar diário, explícita ou implicitamente estão questionando seu papel, suas tarefas e suas expectativas. Disto resulta simultaneamente um processo de vigilância mútua, culpabilização e diferenciação das modalidades de atuação de cada agente.

Assim, no caso de um dos mediadores, um professor da comunidade de Cerro Hermoso, observo como a ação empreendida não esta ligada à instituição educativa que ele representa, senão à trajetória e aos interesses do agente particular. Esse mediador reconhece e personifica o institucional dando sentidos diferentes aos seus papéis, aos seus trabalhos e a seus próprios projetos.

Aparece uma lógica que vai sendo construída ao longo das diferentes possibilidades laborais, transformando suas eleições e opções com o objetivo de atuar como mediador. No caso deste mediador, ele discute a função social de sua profissão, a inserção de suas instituições no meio social e o papel dos profissionais dentro das instituições, desde uma ótica que permite legitimar seus interesses na mediação.

“El rol de la escuela es como fundamental porque puede apoyar a la comunidad y potenciar lo que la comunidad tiene o al revés, es fundamentalmente social no es solamente que los chicos aprendan a leer y

a escribir en la escuela sino ser mediador entre una cultura y otras a veces la escuela que puede tener una visión que va un poco mas allá, facilitar el acceso a esas otras cosas salud, educación, a todo el tema de mejorar las artesanías de la venta” (professora rural, 35 anos).

Cada um destes mediadores, de acordo com a instituição a que pertencem, questionam uma concepção do agir institucional em relação ao meio e no que se refere ao perfil profissional. Neste sentido, parece importante diferenciar a que instituição pertence este mediador e qual é a inserção da mesma na zona.

Os mediadores apresentam discursos diferenciados, sobre a função social da instituição escola, alguns assumindo posturas mais radicalizadas no que se refere ao papel da escola e da função do professor nas zonas marginais. Assim legitimando suas próprias atuações crucias como representantes de instituições com poderes instituídos,

“Y no solo enseñar a leer y escribir y lo que pasa dentro de un aula, sino también que le pasa al chico con respecto a su familia y que necesidades hay dentro de la comunidad, de todo tipo de alguna manera canalizar a través de la escuela algunas soluciones y que la escuela sea un punto donde la gente va no solo a festejar algo o cuando tiene un acto sino también cuando tiene problemas que la escuela recepte, y que en alguna medida de algún tipo de solución” (professora rural, 35 anos).

Seus discursos relacionam-se com suas próprias expectativas e com as intenções que possuem na disputa em torno do papel de tradutor dos diferentes mundos sociais. Dessa forma, ao traduzir os interesses institucionais contidos nos programas e as demandas dos mediados os redefine de acordo com as retribuições que percebe neste espaço de interação. Em função disso, observo na implementação do PSA como os mediadores engajados ao Programa negociam de forma diferenciada com as instituições e com os produtores.

Por exemplo, o programa tinha uma destinação precisa de seus fundos, suas normas não tinham a flexibilidade suficiente para que com o dinheiro se pudesse contemplar requisitos que estavam sendo demandados pelos produtores.

“digamos cosas a solucionar que no estaban contempladas en la estructura administrativa del programa, por ejemplo nuestro soft word de crédito tiene un montón de rigideces que no te permiten por ahí adaptarte plenamente a un grupo donde hay gran diferencia de intereses y de actividades productivas pero lo fuimos solucionando, cuando hay época

de venta de productos son diferentes se hacen planes de pago y época de cobro diferentes”(técnico coordenador do PSA, 60 anos).

O produtor solicitava que o dinheiro do crédito fosse destinado a outros fins e o Programa não outorgava, depois os mediadores realizaram a tarefa de contemplar e flexibilizar.

“Ellos anotaron para hacerme, anotarse para hacer alambre pero yo no quería para el corral yo necesitaba para el sitio, el corral ya estaba hecho, cuantos metros pusieron y después al tiempo dijeron que había que ir a firmar y como yo no sé firmar porque no fui a la escuela le dije vas a tener que ir vos y para que tanto poste y varilla que no hacía falta, entonces queríamos hacer el sitio y ya cuando volvió cambiaron” (produtora do grupo Potrero de Gero, 45 anos).

Os mediadores que representam as instituições precisam legitimar os papéis que exercem e seus próprios trabalhos. Vejo similaridades nesse processo de legitimação relacionado à implementação das propostas que venho estudando, como abordado por Neves (1998) sobre os assentamentos rurais. Com relação ao seu trabalho, destaca Neves que “os mediadores tendem a atribuir a si um papel salvador ou emancipador, pela transmissão de outras visões de mundo e pela incorporação de saberes diversos daqueles de que o grupo mediado se encontra dotado”. Para a autora, essa dinâmica revela os modos de legitimação de uma forma de dominação “ancorada na definição do saber como instrumento de emancipação e de construção do ator político” (NEVES, 1998, p. 160).

Na construção de seus papéis, os mediadores assumem, em parte, o discurso do Banco Mundial acerca da necessidade de ajuda aos “pobres”, aos “sem voz”, “sem poder”, os quais, através do Programa, poderiam ser assistidos com as alternativas propostas, como a inclusão e o desenvolvimento.

“Y yo pensaba, me imaginaba una actividad tipo la de ahora ...y una opción por un sector que socialmente está en condiciones no muy aptas para defender sus intereses” (técnico do PSA, 60 anos).

Precisam negociar o que seja possível com os produtores e com as instituições. Para manterem-se no papel, os mediadores também precisam configurar os dados que os legitimam, construir a necessidade de seus serviços.

Apesar dos mediadores aparecerem com um discurso universalizante sobre as oportunidades das propostas de desenvolvimento aos produtores empobrecidos e da missão de serem as vozes de quem não as têm, no caso em questão, deparo-me com a heterogeneidade das formas concretas que as proposições mais gerais assumem, revelando a impossibilidade desta universalização. Na comparação das comunidades, observo que as relações estabelecidas no processo de mediação relacionado à implementação do Programa apresentam-se cruciais na definição da forma de engajamento ou não dos produtores às propostas, configurando situações sociais diferenciadas. Na análise da primeira comunidade em que o grupo engaja-se a partir de uma lógica apropriacionista, em que os produtores aderem ao jogo tentando maximizar seus rendimentos, as relações estabelecidas com os mediadores tendem a ser mais formalizadas. Apesar de mesmo neste grupo existirem relações diádicas, as estratégias dos produtores que possuem maiores recursos e estão interessados em disputar o papel de mediadores necessitam para que consigam o posto apresentarem-se como desinteressados, como portadores das demandas dos grupos. Essa necessidade de representação do desinteresse para a retribuição exige que construam suas demandas priorizando pelo menos na aparência, os interesses do grupo.

Neste primeiro grupo, que corresponde à comunidade de Cerro Hermoso, pude observar, por um lado, como o mediador percebe a intenção dos produtores em criar as condições para a mediação como alternativa de aceder aos recursos disponíveis somente para os mediadores. Por outro lado, os produtores que estão abrindo espaço na comunidade são portadores de capitais e disposições que os permitem capitalizar essas relações.

“No tuvimos que salir desde la escuela a buscar a la gente, la gente ya estaba, ellos ya habían construido la escuela todo lo que había en el lugar era porque ellos lo habían construido en grupo, entonces esa conciencia de trabajo en equipo ya estaba entonces una cosa se va acoplando a la otra porque ya había una base que no es ni de la escuela ni del plan ni de la universidad es de la gente ahí esta el punto, esa es yo creo la diferencia” (professora rural, 35 anos).

Forma-se um espaço cada vez mais seletivo, exigindo o acesso às novas alternativas e que os agentes portem determinados recursos, que os troquem e possuam habilidade para inserirem-se no mercado. Considerando que a visão acerca das possibilidades que venham a ser implementadas, além de exigirem conhecimentos burocráticos, passa pela naturalização de uma concepção de que o acesso aos benefícios esta fora do mundo rural. Percepção essa que confere

poder aos agentes externos e do local que tiveram experiências fora do local adquirindo um certo domínio pelo contato com o poder político.

“Lejos del pueblo a nivel sanidad, en trabajos de programas de gobierno en minas había casi todos los años un programa de gobierno para trabajar y nosotros no tenemos la posibilidad de ese trabajo” (produtor grupo Cerro Hermoso, 25 anos).

Comparando os processos de mediação nas três comunidades, quem se posiciona dentro das comunidades defendendo a adesão às propostas e assumindo uma posição “comunitária” na busca de alternativas são aqueles que já desempenhavam um papel ativo na representação e na organização de outras ações. Aparece no grupo de Cerro Hermoso um tipo de engajamento mais intenso, mais ativo, no qual percebi lutas internas ao grupo em torno do poder com relação à mediação.

“Mejorar la calidad de vida y el ingreso de la gente yo creo que hay proyectos pero hay que hacer mucho mas, que no está todo hecho, y que no está todo dicho y que lo que se ha hecho es muy mínimo con lo que se puede llegar a hacer ,el programa me pareció una cosa muy pequeña” (produtor do grupo Cerro Hermoso, 35 anos).

Se este grupo possui uma vinculação mais formalizada com relação à implementação do Programa, vínculos com os mediadores, cabe analisar como isto se constitui a partir de processos de violência mais sutis. Em uma primeira leitura, poderia pensar que nesse processo de engajamento houve um aumento de capital social dos produtores e cultural pelo acesso aos cursos de formação. No entanto, é interessante destacar a maior dependência que acarreta esse tipo de vinculação. Ao elaborarem a estratégia de captarem ativamente os recursos fornecidos pelo programa, ao se inserirem no jogo, praticamente destituídos de capital, tornam-se dependentes dos planos do Estado. Passam a conceber como única alternativa o acesso não apenas a esses recursos mas a um padrão de vida, à capacidade de gerenciamento dos fundos, à competência na administração e percepção das oportunidades que lhes estão sendo oferecidas.

O compromisso que os produtores assumem com o projeto os coloca na situação de ‘responsabilidade’, na preocupação de cumprir com o que está pautado. Aparece a construção do cidadão auto-responsável, ou como se refere Lautier (2002) do “bom pobre”.

Os produtores passam por processos de violência que os fazem reconhecer os valores dominantes em troca de uma retribuição. Além disso, lhes exigem um padrão de conduta; se o adotarem lhes é prometido uma alternativa para superar os problemas de pobreza, evitar as migrações e torná-los produtores viáveis.

No segundo grupo, organizado na comunidade de Potrero de Gero, o acesso ao projeto ocorre através dos produtores do grupo anterior. Assim, além dos mediadores institucionais é necessário considerar os mediadores provenientes do universo dos produtores. Neste caso, o produtor, através dos capitais acumulados, consegue transitar pelos diferentes universos e configurar uma rede de relações. Para Velho (1996), esta condição possibilita que alguém se torne mediador: “a passagem por diferentes mundos dá a alguns indivíduos a possibilidade de desempenhar o papel de mediador”. Este produtor teve experiências externas à comunidade, faz um bom uso da palavra e possui o reconhecimento local dos demais produtores:

“En otra época tuve mas posibilidades de ser el líder de la comunidad que en estos tiempos antes yo veía que la gente me seguía mas apostaba mas a que yo hiciera cosas creo que no aproveche la oportunidad. la gente me conoce me atiende bien y soy un serrano mas como hablo mucho me dicen que soy el abogado el doctor pero nunca hice uso de eso tengo gran aprecio por la gente ojala pudiera hacer algo por ellos” (produtor do grupo de Cerro Hermoso, 35 anos).

Logo, nas negociações com os técnicos responsáveis pela implementação do programa na região, os produtores estabelecem relações mais personalizadas. Apesar do caráter institucional da proposta de desenvolvimento, nesta comunidade, permanece bastante aberto o espaço para apropriação privada de modo clientelista dos recursos. Eu pude visualizar dois processos complementares com relação ao processo de mediação e o fato de prevalecer uma forma de engajamento assistencialista. Por um lado, os produtores mais bem localizados acabaram gerando condições para que pudessem se decidir, sem consultar os demais, sobre o destino dos fundos, podendo, inclusive, se apropriar das verbas. Esse processo ocorre porque conseguem ocupar um espaço de decisões privativo dos mediadores externos, o que lhes outorga poder para gerenciar os fundos recolhidos entre todos os produtores.

Por outro lado, a falta de experiência organizativa, a pouca vinculação enquanto grupo político e o fato de prevalecerem relações individualizadas, favorece o estabelecimento de laços clientelistas. Nessas condições, o programa aparece menos como um projeto a ser implementado

ou um espaço em que os agentes sociais possam disputar com os mediadores e mais como uma possibilidade de complementarem sua renda. Isto pode ocorrer através de estratégias mais elaboradas, como a apropriação do fundo pelos produtores representantes ou por práticas assistencialistas, aceitando passivamente as vantagens do dinheiro oferecido a partir dos créditos, não querendo assumir nenhuma responsabilidade na troca. De certa forma, esse segundo processo apresenta-se como uma forma de resistência a um maior enquadramento.

Isto também pode ser evidenciado na falta de interesse e de valor que os produtores outorgam a alguns condicionamentos colocados pelo Programa, como reveladores de processos de imposição.

Os integrantes do grupo de Potrero de Gero, pela sua história particular que não lhes confere experiências positivas em termos de organização, não valorizam o trabalho grupal, entretanto, se vem forçados a se reunirem e se apresentarem como grupo para cumprirem um requisito exigido pelo Programa.

A análise da mediação assume um caráter peculiar no caso de San Mateo. Se esta terceira comunidade não está inserida não significa que não se expressa uma forma particular de relação com o entorno. Se a adesão pode inserir os moradores em uma forma de dominação mais racionalizada, tendo o disciplinamento como peça fundamental a não adesão desta comunidade não impede em um processo de dominação que se dá pela exclusão. Esta comunidade que não adere conserva uma forma de vida tradicional que apresenta sinais de perda da capacidade reprodutiva, principalmente pela migração. O que pretendo mostrar é que a inexistência do programa na comunidade a condena a uma maior exclusão, em que a única alternativa difundida como possível é a migração, engendrando seu desaparecimento.



## CONCLUSÕES

As políticas neoliberais implementadas na Argentina durante os últimos anos têm produzido importantes efeitos econômicos e sociais. Com a aplicação deste modelo de desenvolvimento, ocorreram processos de concentração econômica que vêm gerando desigualdades territoriais, desequilíbrios e imigrações demográficas do setor rural ao urbano.

No contexto da política neoliberal, aparecem novas relações entre o mundo rural e o mundo urbano e, com isso, a necessidade de encontrar outras formas de analisar o âmbito rural e, de maneira mais abrangente, recolocar a questão rural tanto com relação a aspectos sociais como produtivos. Dentro desse novo olhar, um dos temas que emerge é o da pobreza. Na atualidade, falar do mundo rural é pensar na complexidade de um mundo sócio-agropecuário onde as tensões e as dificuldades sociais, pensadas como pobreza rural, somam-se à problemática produtiva e tecnológica.

Na República Argentina, em nível nacional, foram implementados programas de apoio aos pequenos e médios produtores, sendo estas políticas públicas uma estratégia do governo para dar resposta à problemática social agudizada nos últimos anos.

A Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentación e seus organismos descentralizados vêm desenvolvendo diversas atividades para dar respostas à difícil situação pela qual atravessam os setores empobrecidos da população rural. Em 1993, foi realizado um diagnóstico que serviu de referência para a criação do Programa Social Agropecuário, que consiste em um:

“mecanismo de apoyo técnico y financiero con el objetivo de tender a la superación de las restricciones económico productivas mencionadas, junto con un fortalecimiento asociativo de los productores y el fortalecimiento de las instituciones públicas y privadas que los atienden. El objetivo principal está dirigido a

incrementar los ingresos de los productores y a promover su participación organizada en las decisiones de políticas, programas y proyectos” (PROGRAMA SOCIAL AGROPECUARIO, 2001, p. 10).

Este Programa nacional foi implementado em nível estadual. Em cada estado, o Programa foi colocado em prática através de suas unidades provinciais. Na Província de Córdoba, na região de Pampa de Achala, onde concentrei o trabalho de dissertação, cerca de 80% da população é constituída de produtores com baixos recursos.

Observei que, na prática, os produtores engajam-se de diferentes formas e graus nas propostas de desenvolvimento. Constatei a participação desigual por parte dos atores destinatários.

Conforme foi colocado na hipótese central deste trabalho, as lógicas de engajamento dos produtores às propostas de desenvolvimento relacionam-se a processos de dominação próprios da implementação dessas políticas. As propostas de desenvolvimento, como processos de intervenção, colocam a necessidade de viabilizar este tipo de produtores a partir de créditos, capacitação e organização de aspectos que reduziriam a marginalidade.

Era um dos objetivos desta dissertação analisar em que medida esse processo acaba identificando os produtores não apenas como pobres mas, também, pressupondo-os como inaptos para o engajamento no mercado por si sós. Essa pressuposição torna mais premente uma certa razão desenvolvimentista, que se expressa em um esforço para disciplinar as práticas dos produtores e modelar um certo espírito de iniciativa. Que esse esforço seja moralmente saudável na medida em que busca controlar os processos de empobrecimento deste tipo de áreas, não era objetivo desta dissertação avaliar. Esta dissertação se propunha tão somente em analisar o processo de produção do reconhecimento nos produtores da legitimidade das políticas de desenvolvimento e, com isso, dos próprios operadores nelas engajados. Trata-se aqui menos de analisar a busca de legitimidade pelos mediadores do que analisar como toma forma de maneira concreta o reconhecimento pelos membros das duas comunidades engajadas nos projetos da correspondência entre suas crenças e as modalidades de organização para o desenvolvimento.

Assim, o próprio processo de implementação do Programa acaba sendo um processo de atribuição de atestado de pobreza e incapacidade de inserção no mercado. A

produção social dessa evidência se dá pela canalização de uma série divergente de interesses em torno do projeto: dos produtores em busca de novas fontes de renda e garantia de reprodução familiar, dos técnicos interessados no reconhecimento de seu trabalho, das múltiplas agências estatais em busca de legitimidade política, de organismos não governamentais em busca de recursos e legitimidade. A ação desses múltiplos atores constrói a realidade que se visa combater – a pobreza dependente – e sua solução – as políticas especiais destinadas a atendê-la.

Neste processo, constatei que a adesão aos programas por parte dos produtores não ocorreu de forma homogênea mas em graus diferenciados. Notei que as adesões das comunidades às propostas de desenvolvimento relacionavam-se com a heterogeneidade das trajetórias sociais, ocupacionais e econômicas das famílias rurais.

Para analisar a partir dos diferentes capitais acumulados pelos agentes, no decorrer de suas trajetórias, as diferentes lógicas de engajamento pelas quais as comunidades aderem em diferentes graus à proposta de desenvolvimento, selecionei grupos de três comunidades diferentes que, por suas características, se tornaram casos paradigmáticos. Os primeiros dois grupos selecionados foram o de Cerro Hermoso e o de Potrero de Gero, que consistem nos únicos da região atendidos pelo Programa. O terceiro caso corresponde ao de San Mateo, que consiste em uma comunidade no interior da região, afetada por processos migratórios e que se encontra em franco processo de envelhecimento.

Quanto à reprodução social, trabalhei com a hipótese de que quando a estratégia do grupo é a inserção na arena política que se constitui em torno do Programa de desenvolvimento a dependência do grupo é maior em relação às agências estatais e à ação dos mediadores. No caso de Cerro Hermoso, constatei que a inserção dos produtores nessa arena política de forma mais ativa se expressa no modo como concebem alternativas de reprodução familiar não tradicionais, como por exemplo, o ecoturismo. É também nesse caso que se manifesta a disputa mais acirrada com os mediadores externos pelo controle do processo de condução dos projetos. Essa inserção política em parte relaciona-se com a história organizativa da comunidade e pela proximidade com os mediadores externos facultada pela escola rural. Isto os converte em um grupo com importantes relacionamentos externos, com uma visão de futuro para a região, ligada à criação do parque ambiental, visão essa construída ao longo do processo de mediação com os agentes externos. Os

produtores avaliam a alternativa de migração para o mundo urbano de forma negativa. Entretanto, neste grupo, pude observar como nem todos os produtores em exercício de prática associativa têm as mesmas possibilidades de retirar dividendos da inserção nos projetos nem o mesmo grau de engajamento. As tomadas de posição com relação aos projetos são influenciadas pelas posições ocupadas, ou seja, pelas propriedades pertinentes nesse espaço na defesa dos interesses de cada agente. Agentes locais que se diferenciaram pelo acúmulo de maior capital político e social buscam os benefícios que estão relacionados a uma atividade intensa na arena criada pelo programa de desenvolvimento.

Este é o subgrupo mais preocupado em facilitar a entrada dos projetos, em favorecer a adesão da comunidade às políticas estatais e outorga as condições necessárias para o desenvolvimento da ação dos mediadores externos.

Esse tipo de agente social, a partir de seus interesses, consolida uma lógica de ação, aqui denominada de apropriação, ou seja, favorável à entrada das propostas de desenvolvimento. Engajam-se no jogo político proposto pelas agências de desenvolvimento, buscam reconhecer e dominar as regras, desenvolvem estratégias políticas que permitem a captação de recursos. Ao depositarem a esperança de sucesso das negociações com o programa em agentes externos que detêm poder político, consolidam a necessidade do mediador externo. Pude notar que quanto mais inseridos estão os produtores nessas estratégias políticas, têm maior dependência dos mediadores que facilitam o acesso às propostas para garantirem a própria subsistência enquanto grupo.

Poder-se-ia dizer que de modo, paradoxal, esse é o grupo em que os objetivos do programa de combate à pobreza rural – e conseqüentemente à dependência da assistência social – se realiza de forma mais perfeita e é também o grupo que mais busca captar recursos externos provenientes da implementação de projetos. Este grupo evidencia tanto na luta pelos espaços políticos no interior da arena criada com o programa, como nas novas atividades produtivas geradas a partir dos projetos, o tipo de cidadão empreendedor que o programa pressupõe e formata. O intenso trabalho de disciplinamento para se formatar esse tipo de “cidadão” rural pobre mais apto a entrar no mercado, é uma das realizações dos mediadores externos. É claro que esse trabalho não se fez possível sem a conjunção das aspirações das famílias de produtores expostas como estão a sérios constrangimentos quanto às possibilidades de reprodução social.

O mesmo trabalho não foi possível com outros produtores com menos capital social e político acumulado e, portanto, com menos aspirações e investimentos na ampliação dessas modalidades de propriedades sociais.

Com relação ao outro grupo paradigmático, pertencente à comunidade de Potrero de Gero, trabalhei com a hipótese de que quanto maior é a inserção individual dos produtores no mercado, menor é a sua adesão às propostas de desenvolvimento, portanto, pouca é a dependência em relação às agências estatais e à ação dos mediadores.

Esses produtores, em sua maioria, caracterizam-se por possuírem estratégias de reprodução familiar que eu caracterizei como tradicionais. Dedicam-se à atividade artesanal e à produção de artigos regionais. Essa produção é vendida individualmente, o que fica facilitado por estarem localizados às margens da rodovia principal.

Neste grupo, os produtores raramente se inserem em estratégias migratórias, não possuem história organizativa formal e manifestam algumas experiências de trabalho coletivo que tiveram efeitos negativos.

A visão de oportunidades na região, principalmente com relação à criação do parque, não gera adesões. Penso que estes produtores apresentam uma lógica de engajamento estrategicamente menos dependente. Recusam-se ao trabalho organizativo formal, parecendo aos olhos dos operadores de desenvolvimento como menos ativos, ao mesmo tempo que se beneficiam dos recursos dos planos estatais por uma adesão apenas o suficiente para manterem o vínculo com o programa. Aderem às propostas na medida em que estas não afetam seus interesses individuais e não exijam um pesado investimento no jogo.

Assim, neste engajamento percebo a resistência dos produtores ao que está sendo imposto, que se expressa em não assistir as reuniões, não devolver o crédito nas condições estipuladas. Não percebi nos integrantes deste grupo interesse em disputar os lugares de poder no seio do processo de implementação do programa, e nenhuma manifestação explícita e contundente contrária à ação do Estado, aos benefícios do PSA ou à ação dos mediadores.

Para efeitos de controle, trabalhei com uma terceira possibilidade configurada no espaço social em questão, a não adesão ao Programa Social Agropecuário. Na comunidade

de San Mateo, pude constatar intensos processos migratórios e a inexistência de processos de mediação implementação do programa em questão.

Esta comunidade é composta, em sua maioria, por pessoas idosas. A maioria dos membros que a compõem migraram e os que voltaram tinham como objetivo cuidar de algum familiar mais velho. Também existem casos em que os produtores constróem seu projeto de vida no meio urbano e complementam com a atividade pecuária na zona rural.

Esta comunidade que não adere conserva uma forma de vida tradicional que apresenta sinais de perda da capacidade reprodutiva, principalmente pela migração. O que pretendo mostrar é que a inexistência do programa na comunidade a condena a uma maior exclusão e que a única alternativa difundida como possível é a migração, favorecendo o seu desaparecimento.

A análise da terceira comunidade que não adere às propostas em relação à posição dos grupos restantes que aderiram me permitiu abordar, no último capítulo, o papel crucial dos mediadores na implementação dessas políticas.

Observei, ao comparar as três comunidades, que a questão migratória apresentam-se de forma diferenciada. Nos casos de Cerro Hermoso e de Potrero de Gero, apesar da migração consistir ainda em uma alternativa, os produtores permanecem interessados em ter um projeto na região. Diferentemente, a comunidade de San Mateo apresenta um forte processo migratório, permanecendo no local apenas os moradores de mais idade, o que acabou formando uma população envelhecida. Esta terceira comunidade apresenta também um fraco relacionamento com mediadores institucionais, o que ocasiona uma pobre reprodução social.

A partir desta investigação, identifiquei duas questões interessantes para serem abordadas em pesquisas posteriores. A primeira corresponde ao aprofundamento da mediação nos espaços rurais. Tema que, pela falta de amadurecimento teórico, decidi abordar tangencialmente, tendo conseguido avançar em alguns aspectos. Sendo o grupo de mediadores de diferentes origens sociais e instituições, considero importante compreender as heterogeneidades das trajetórias para correlacioná-las a uma multiplicidades de estratégias desenvolvidas no campo e que acabam configurando uma série de interesses e perspectivas de resignificação do sentido social da atuação em função do desenvolvimento

local. A reconstrução de seus interesses e trajetórias permitiria entender como fizeram do trabalho com o “desenvolvimento” e a “pobreza” uma aspiração legítima.

A segunda questão refere-se à problemática de gênero, que, por opção de recorte, foi marginada. No entanto, ao longo de minha dissertação, percebi a importância de tratar mais detalhadamente este aspecto, principalmente no primeiro grupo. Neste grupo, todo um subgrupo caracteriza-se por serem as mulheres chefes de família, participarem diferencialmente nos aspectos organizativos e em existirem certos locais onde não circulam. Outro aspecto importante de se trabalhar posteriormente relaciona-se ao destino e ao tempo das migrações femininas.

Fica como resultado final a indicação de que, com a intensificação da abertura objetiva e subjetiva do mundo camponês à ordem econômica e simbólica dominante e a quebra da autonomia relativa desse mundo, os grupos sociais mais periféricos do espaço social rural passam a estar a mercê da dependência de projetos externos (estatais ou de ONGs) ou comprometidos em termos de possibilidades de reprodução social no território de origem. A ortopedia social proposta pelos programas de desenvolvimento tem o efeito perverso de criar mais um tipo de cidadão ávido por projeto, portanto para a entrada no mercado de busca de recursos públicos por via de mediações políticas do que apto para o mercado econômico. Não se trata apenas de uma questão de ineficiência no disciplinamento dos agentes focados pelos projetos, mas de consequências não controladas das ações dos atores inseridos no processo de mediação. Efetivamente o campo político se apresenta com maior abertura à penetração de novos agentes e aspirações do que o campo econômico tal como se encontra estruturado nesta conjuntura neo-liberal.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDER EGG, E. **Introducción a las técnicas de investigación social**. Buenos Aires: Humanitas, 1971.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. **Raça e pobreza rural no Brasil meridional: a comunidade de São Miguel dos Pretos: um estudo de caso**. Porto Alegre: (mimeo), 2003.

\_\_\_\_\_. **Território da linha cruzada: rua Mirim versus avenida Nilo Peçanha**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1993.

AROCENA J. **El desarrollo local: un desafío contemporáneo**. CLAEH. Caracas: Nueva, Sociedad, 1995.

BLANCHET, A. Las reglas del juego en la entrevista. In: \_\_\_\_\_. **L'entretien dans les sciences sociales. L'ecoute, la parole et le sens**. Tradução de Claudia Jacinto. Paris: Dunot, 1985.

BASCO, M.; TSAKOUMAGKOS, P.; BORRO, M.. **Esquema conceptual y metodología para el estudio de establecimientos agropecuarios con énfasis en el minifundio. Servicio Nacional de Economía y Sociología Rural**. Ministerio de Agricultura y Ganadería de la Nación. Bs.As. 1980.

BERGAMÍN, G.; SAAL, G.; BARRIENTOS, M.; MENNA, J.M.; RYAN, S.; MEYER, R. **Caracterización de proyectos de desarrollo rural en la provincia de Córdoba, su incidencia en los aspectos ambientales y rurales. Informe de investigación. Proyecto SeCyT – U.N.C.** Facultad de Ciencias Agropecuarias de la Universidad Nacional de Córdoba. Córdoba 2000.

BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001.



\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. Reprodução proibida: a dimensão simbólica da dominação econômica. In: \_\_\_\_\_. **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação**. Campinas, SP: Papitus, 2000b. p. 93-119.

\_\_\_\_\_. Compreender. In: \_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 693-

\_\_\_\_\_. Gênese e Estrutura do Campo Literário. In: \_\_\_\_\_. **As Regras da Arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas lingüísticas: que falar quer dizer**. São Paulo: USP, 1996b.

\_\_\_\_\_. Le Capital Social. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. Paris, 1980, n. 31, p. 3 – 2.

BOURDIEU, P.; CHAMBORDEON, J.C.; PASSERON, J.C. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicos**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CABIDO, M. **Documento de Preparación de Proyecto. Área Núcleo y de Amortiguación, Quebrada del Condorito y Pampa de Achala**. (mimeo).Córdoba, 1995.

CÁCERES, D. **Diagnóstico Socio-Productivo de Pequeños Productores de la Reserva Hídrica Provincial Pampa de Achala**. Córdoba. 2001.

CARBALLO C. **Repensando el Desarrollo Rural**. Buenos Aires: CEDA, 1998.

CAZELLA, A. **Développement local et agriculture familiale: les enjeux territoriaux dans le département de l'Aude**. These pour obtenir le grade de docteur de l'Université de Tours, 2000.

COURCUFF, P. Das estruturas sociais às interações. In: \_\_\_\_\_. **As novas sociologias: construções da realidade social**. Bauru/SP: EDUSC, 2001. p. 33-87.

DIEGUES, A.C. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

DOMEC, S.; LAPALMA, A.; Y S. STARKOF. **Proyecto de conservación de la biodiversidad Argentina. Plan de Evaluación y Participación Social de Nuevas Áreas**

**Protegidas.** (Mimeo), Córdoba, 1997.

EWALD, François. **Foucault: a norma e o direito.** 2.ed. Lisboa: Veja, 2000.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Os recursos para o bom adestramento. In: \_\_\_\_\_ **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1989. p. 153-199.

GIBERTI H. Las dos Argentinas agropecuarias. **Revista Realidad Económica.** Buenos Aires, n. 60/61, 1985.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1994.

GUTIERREZ, A. **Pierre Bourdieu: las prácticas sociales.** Posadas, Misiones. Editora Universitaria de Misiones. 1995

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADISTICAS Y CENSO – INDEC. **Censo nacional agropecuario 1988. Provincia de Cordoba.** Buenos Aires, República Argentina. Ministerio de Economía y Obras y Servicios Públicos. Secretaría de Programación Económica Regional. 1989.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADISTICAS Y CENSO – INDEC. **Censo nacional de población, hogares y viviendas 2001.** Datos Provisorios. Buenos Aires, República Argentina. Ministerio de Economía y Obras y Servicios Públicos. Secretaría de Programación Económica Regional. 2002.

KUSCHNIR, K. Trajetória, Projeto e Mediação na Política. In: VELHO, G. E. KUSCHNIR, K. **Mediação, Cultura e Política.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 13-29.

LANDÉ, Carl. H. Group politics and dyadic politics: notes for a theory. In: SCHIMDT, S. **Friends followers and factions.** Berkeley: University of California Press, 1977. p. 4-50.

LAUTIER, B. Pourquoi faut-il aider les pauvres: une etude critique de la Banque Mondiale sur la pauvrete ...**Revue Tiers Monde**, T.XLIII, N 169, janvier ...2002

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, P. et al. **Iniciação à prática sociológica.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1996. p. 59-106.

MÉNDEZ C. Y PINTOS G. Fortalecimiento y articulación de actores: un desafío para la intervención en procesos de desarrollo local. **Revista Desarrollo Local en América Latina**, Montevideo, CLAEH, n.3. 1999.

NAVARRO, Z. **Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro**[A ser publicado em agosto de 2001 na Revista Estudos Avançados, volume 16, número 44, 2002. São Paulo: USP, Instituto de Estudos Avançados].

NEVES, D. O desenvolvimento de uma outra agricultura: o papel dos mediadores sociais. In: DAMASCENO FERREIRA, A. e BRANDENBURG, A. (orgs). **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Ed. UFPR. p. 147-165, 1998.

PINTO, Louis. Os pólos da produção filosófica. In: **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 18-32, 2000.

RIST, G. La cultura y el capital social: cómplices o víctimas del desarrollo? In: KLIKSBURG, B.; TOMASSINI, L. (comp.) **Capital social y cultura: claves estratégicas para el desarrollo**. Buenos Aires, BID, Fund. Felipe Herrera, Univ. de Maryland e Editora Fondo de la Cultura Económica, p. 129 – 150, 2000.

ROQUÉ GARZÓN J. **En Defensa de Achala IV**. Agencia Córdoba Ambiente. Mimeo. 2000.

ROSACHER C. Y A. FLORES. **Aportes al desarrollo del plan director del area de conservación Pampa de Achala**. Agencia Córdoba Ambiente. Mimeo. 2000

SANTENY, G. Logiques d'engagement et logiques de rétribution au sein de l'écologie française. **Cahiers internationaux de sociologie**. 1999.

SARDAN, J. P. O. de. **Anthropologie et developpement: essai en socio-anthropologie du changement social**. Paris: Karthala, 1995.

SECRETARIA DE AGRICULTURA, GANADERIA PESCA Y ALIMENTACION. **El Programa Social Agropecuario**. Ministerio da Economia. Argentina. 2001.

VELHO, G. Biografia, trajetória e mediação In: VELHO, G. E; KUCHINIR, K. **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, p. 13- 29, 2001.

VELHO, G.; KUSCHNIR, K. Mediação e metamorfose. **Mana: estudos de antropologia**

**social**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 97-107, 1996.

WACQUANT, Loïc; CALHOUN. Craig J. Interesse, racionalidade e cultura. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s.l.], n. 15, p. 76-98, fev. 1991.

WOLF. E. R. Relaciones de parentesco, de amistad y de patronazgo en las sociedades complejas. In: \_\_\_\_\_. **Antropología social de las sociedades complejas**. 19[?]. p. 19-38.

\_\_\_\_\_. Aspects of group relations in a complex society. **American Anthropologist**. Mexico: v. 58, n. 6, p. 1065-78, 1956.

## **ANEXOS**

**ANEXO A** Roteiro de entrevista aplicado aos produtores .....132

**ANEXO B** Roteiro de entrevista aplicado aos mediadores .....135

## **ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS PRODUTORES**

### **Agentes Sociales productores familiares**

Trajetória ocupacional do produtor

Trajetória individual

Desde cuando es productor

La historia

Quien se instaló en la pampa, a que se dedicaban

Cómo era a vida antes, qué fue pasando com la gente de la región

En qué cambio la vida de esa época; social, productivo, organizativo,  
se organizaban las comunidades, para qué, fue cambiando el sistema productivo  
qué se producía antes y en función de qué se decidía qué producir,  
algune vez hubo otras opciones productivas

En lo que se refiere a lo organizativo qué problemas se vivieron, cómo se  
resolvían, quienes ayudaban a su resolución,

Actualmente

Cómo es la vida actualmente en la Pampa

cómo se elige qué producir ahora, porqué producir eso y no otra cosa,

Comercialización de los productos

Ventajas y desventajas de la vida en la Pampa

En qué momentos de su vida o situaciones de ella sintió las ventajas o desventajas  
de la Pampa

Cómo es la vida sin migrar

Estructura familiar

la toma de decisiones en la familia

Hay proyectos que ayudan a la familia

En referencia a lo organizativo

Participación de la comunidad en diferentes instancias, forma de participación, quienes participan

Porqué se organizan y qué provecho le sacan

Qué se consolidó y qué complicó lo grupal

Conflictos En lo que se refiere a lo organizativo qué problemas se vivieron, cómo se resuelven quienes ayudan a su resolución.

momentos difíciles cómo le dieron una forma de resolución

Líderes cuales son los conflictos y problemas de participación

Qué opina de las propuestas de afuera para estar mejor

Cómo es la vida ahora, los proyectos en qué mejoran

involucramiento PSA

Qué conoce del PSA

cómo logra relacionarse con el PSA, cómo entraron en contacto, quien los organizó y cómo, hay personas que se relacionan más con el PSA, tienen otros beneficios

ventajas de participar en el PSA

Mejora la situación de los productores

piensa que estas mejoras tienen que ver o inciden en su futuro

en función de qué se decide la utilización del dinero de los créditos, cómo se tomaron y armaron los proyectos

qué ventajas y desventajas en la propuesta grupal

cómo se resuelven los problemas, quien se junta con quien

consideran que participan de las decisiones y que son consultados por algo del PSA

qué cambios hubo con los créditos

Porqué hay productores comunidades que no se relacionan

Cómo se eligen los representantes al crédito  
para qué sirvieron

Cómo se relacionan con otras comunidades

Futuro

cómo se ve la vida en la zona en referencia a otras formas de vida que el productor conoce, cómo ven el futuro y qué expectativas tienen para sus propios hijos

Los ejes abordados se diferenciaron en función de las comunidades, por el hecho de una no estar involucrada al PSA



## **ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS MEDIADORES**

Agentes Sociales Mediadores

Trayectoria , origen social

Trayectoria ocupacional

Porqué la opción de la zona y este tipo de productores y producción

Histórico ocupacional

Desarrollo y desarrollo rural

Mundo rural y mundo urbano

Conjunto de preguntas de cómo se da el proceso de negociación para conseguir para la comunidad

Con quienes

Porqué esas comunidades

Surgimiento de los grupos

Para los mediadores vínculos con la comunidad cómo los construyen

El rol de los técnicos

Porqué se llegan a las comunidades, cómo se eligen, cómo se determinan prioridades

## ***SÉRIE DE DISSERTAÇÕES PUBLICADAS***

- 001 - MARIN, Solange Regina.** Política Cambial nas Décadas de 1980 e 1990: impactos sobre o setor de grãos no Rio Grande do Sul. 2001. 193f.
- 002 - PEDROSO, Glaucilene Dias.** Setor Leiteiro: as percepções de produtores do RS sobre as transformações delineadas na década de 90. 2001. 122f.
- 003 - SIQUEIRA, Oscar Graeff.** A Crise das Grandes Cooperativas: um estudo comparado entre a cooperativa de Carazinho (RS) e a de Não-Me-Toque (RS). 2001. 217f.
- 004 - PASE, Hemerson Luiz.** Democracia Participativa e Desenvolvimento: a influência do orçamento participativo no desenvolvimento rural de Floriano Peixoto. 2001. 171f.
- 005 - LOPES, Saulo Barbosa.** Arranjos Institucionais e a Sustentabilidade de Sistemas Agroflorestais: uma proposição metodológica. 2001. 187f.
- 006 - MACHADO, Roberto Tormes.** Análise sócio-econômica e perspectivas de desenvolvimento para os produtores de leite do município de Crissiumal - RS. 2001. 155f.
- 007 - SARTOR, Juliane.** Cadeia de flores e plantas ornamentais de jardim em Pareci Novo - Rio Grande do Sul. 2001. 117f.
- 008 - COELHO, Vanessa Pfeifer.** Mediadores técnicos, tecnociência na agricultura e a definição legítima da problemática ambiental no campo tecnocientífico. 2002. 129f
- 009 - TRENTIN, Iran Carlos Lovis.** O Pró-Rural 2000 como política pública de combate à pobreza rural no Rio Grande do Sul. 2002. 145f.
- 010 - VILLABERDE, Maria Sérgio.** Agricultura Familiar e Meio Ambiente: posições sociais e estratégias de agricultores assentados em área de proteção ambiental. 2002. 119.
- 011 - SILVA, Paulo Roberto Nunes da -** Uma releitura do processo de transformações na agricultura gaúcha no período 1970-80. 2002. 200f.
- 012 - JANSEN, Suzel Lisiane.** Identificação e Caracterização das Atividades Agropecuárias nos Municípios Gaúchos: uma comparação com indicadores sócio-econômicos. 2002. 138f.
- 013 - CASTILHOS, Dino Sandro Borges de.** Capital Social e Políticas Públicas: um estudo da linha infra-estrutura e serviços aos municípios do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar. 2002. 174f.
- 014 - BIOLCHI, Marilza Aparecida.** Agricultura Familiar e Previdência Social Rural: efeitos da implementação do sistema de aposentadorias e pensões para os trabalhadores rurais. 2002. 168f
- 015 - RICOTTO, Alcides Juvenal.** Uma rede de produção e comercialização alternativa para a agricultura familiar: o caso das Feiras Livres de Misiones, Argentina. 2002. 152f.
- 016 - SABABÉS, Leandro.** Manejo Sócio Ambiental de Recursos Naturais e Políticas Públicas: um estudo comparativo dos projetos "Paraná Rural" e "Microbacias". 2002. 186f.
- 017 - PETTER, Rudimar Luis.** As Múltiplas Expressões da Sustentabilidade: a realidade regional do COREDE da produção no estado do Rio Grande do Sul. 2002. 161f.

- 018 – MOURA, Lino Geraldo Vargas.** Indicadores para a avaliação da sustentabilidade em sistemas de produção da agricultura familiar: o caso dos fumicultores de Agudo/RS. 2002. 251f.
- 019 – FERRAZ, Osni Giani.** A Sustentabilidade dos Agricultores Familiares de Leite Associados à CLAF nas Dimensões Ambiental, Sociocultural e Institucional. 2002. 155f.
- 020 – GERHARDT, Cleyton Henrique.** Agricultores Familiares, Mediadores Sociais e Meio Ambiente: a construção da ‘problemática ambiental’ em agro-eco-sistemas. 2002. 539f.
- 021 – COLE, Dorlei Marcos.** Colonos, Agricultores Familiares e Pluriatividade: um estudo de caso no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari/RS. 2003. 226f.
- 022 – ROHENKOHL, Júlio Eduardo.** Os Sistemas de Terminação de Suínos: uma análise econômica e ambiental a partir da teoria dos conjuntos *fuzzy*. 2003. 184f.
- 023 – PLEIN, Clério.** As Metamorfoses da Agricultura Familiar: o caso do município de Iporã d’Oeste, Santa Catarina. 2003. 158f.
- 024 – ALVES, Juliete Miranda.** A Obra de José de Souza Martins e a Reforma Agrária no Brasil: uma leitura sociológica. 2003. 112f.
- 025 – ANDREATTA, Tanice.** Febre Aftosa no Rio Grande do Sul no ano de 2000: uma análise das transformações ocorridas nos sistemas de produção dos agricultores produtores de leite de Jóia. 2003. 266f.
- 026 – BASSO, Dirceu.** A Produção e a Gestão das Políticas de Desenvolvimento Rural pelos agricultores familiares de Dois Vizinhos-PR. 2003. 197f.
- 027 – ROS, Carlos Javier Cowan.** Capital Social e Luta Simbólica – O Caso da *RED PUNA*: uma experiência territorial de articulação social na Província de Jujuy, Argentina. 2003. 279f.
- 028 – BRUSTOLIN, Cíndia.** Lutas pela Definição de Concepções de Justiça na Construção do Parque Nacional dos Aparados da Serra – RS/SC. 2003. 198f.